

RAQUEL FONSECA AMARO

**POSIÇÃO DO ADJECTIVO E LIGAÇÃO SELECTIVA:
ESPECIFICAÇÕES PARA A COMPUTAÇÃO DO
SIGNIFICADO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM LINGUÍSTICA

NA ÁREA DE PROCESSAMENTO E TECNOLOGIA DAS LÍNGUAS NATURAIS

APRESENTADA À FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

SOB A ORIENTAÇÃO DA PROFESSORA DOUTORA PALMIRA MARRAFA

LISBOA

2002

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Palmira Marrafa, pela orientação crítica, construtiva e estimulante, essencial à elaboração deste trabalho, mas principalmente pelo incentivo, atenção e disponibilidade com que me acompanhou durante todo o Mestrado.

À Professora Fernanda Bacelar, pelo apoio, pela confiança e, sobretudo, pela preocupação e consideração com que sempre me acarinhou.

Aos meus amigos e colegas de Mestrado, Florbela, Rui e Sandra, pelo companheirismo, amizade, paciência e sentido de humor impagáveis.

Aos meus amigos e colegas de trabalho pelo apoio e preocupação. Em especial à Amália pelas primeiras leituras críticas deste estudo e à Rita pelo carinho e dedicação com que fez a preciosa e proveitosa leitura final deste trabalho.

À minha família, em particular às minhas irmãs, pelo apoio e pela disponibilidade para ajudar no que fosse preciso.

Por fim, mas nunca por último, ao Nuno, pela infinita paciência, compreensão e serenidade, sem as quais, de facto, este trabalho não existiria.

ÍNDICE

Agradecimentos_____	v
Índice_____	vii
1. Introdução_____	1
1.1. A posição do adjectivo adnominal_____	2
1.1.1. O fenómeno de mudança de significado_____	4
1.2. Questões formais e de representação léxico-conceptual_____	7
1.3. Organização_____	8
2. O modelo do Léxico Generativo_____	9
2.1. Níveis de representação_____	10
2.2. Mecanismos generativos_____	19
2.3. Tipos semânticos_____	23
3. Os nomes_____	27
3.1. Classes de nomes_____	27
3.1.1. Nomes contáveis e nomes não contáveis_____	28
3.1.2. Nomes enumeráveis e <i>pluralia tantum</i>_____	32
3.1.3. Nomes colectivos e individuais_____	33
3.1.4. Nomes abstractos e concretos_____	36
3.2. Os nomes no LG_____	39
3.2.1. Nomes de tipo unificado_____	40
3.2.2. Nomes de tipo complexo_____	42

3.2.3. Nomes de tipo simples e de tipo complexo e nomes relacionais_____	44
3.2.4. Nomes e eventos_____	47
3.2.5. Nomes de nível individual e nomes de nível episódico_____	54
3.3. Caracterização dos nomes em estudo_____	56
4. Os adjectivos_____	61
4.1. Classes de adjectivos_____	61
4.1.1. Adjectivos qualificativos e adjectivos relacionais_____	61
4.1.2. Adjectivos individuais e adjectivos episódicos_____	68
4.1.3. Adjectivos absolutos e adjectivos relativos _____	70
4.1.4. Adjectivos restritivos e adjectivos não restritivos_____	76
4.1.5. Subclasses de adjectivos qualificativos_____	77
4.2. Os adjectivos no LG_____	81
4.2.1. Permeabilidade de significado_____	84
4.2.2. A Ligação Selectiva_____	87
4.2.3. Predicados de nível individual e predicados de nível episódico_____	90
4.3. Caracterização dos adjectivos em estudo_____	94
5. Modificação adjectival com valor adverbial_____	97
5.1. Uma análise da modificação adjectival com interpretação adverbial__	98
6. Análise dos adjectivos <i>velho, alto, mau, rico e grande</i> _____	111
6.1. O caso de <i>bom</i> _____	113
6.2. Os adjectivos <i>velho, alto, mau, rico e grande</i> _____	122
6.2.1. Semântica adjectival e alternâncias sintácticas_____	128
6.2.2. As alternâncias no LG_____	129
6.2.3. <i>Homem</i> : um nome eventivo_____	134
6.2.4. Conclusões_____	136
7. O caso de <i>pobre</i> _____	143

8. Conclusão	147
8.1. A modelização no LG	147
8.2. Generalizações e classes	153
9. Referências	157

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho inscreve-se na área da Semântica Lexical Computacional, cujo contributo para a compreensão e processamento automático das Línguas Naturais tem vindo a ser cada vez mais relevante no âmbito do Processamento das Línguas Naturais. A Semântica Lexical veio dar um novo alento ao estudo do Léxico como peça dinâmica e fundamental da Gramática, na medida em que pretende analisar, definir e representar os itens lexicais como objectos complexos e dinâmicos, organizados como conjunto, e possuidores de propriedades semânticas que explicam e definem relações léxico-semânticas como a polissemia, a composição do significado e a resolução de ambiguidades. Um Léxico assim definido motiva a representação da Língua com base na captação dos processos cognitivos que a regem e da estrutura mental de armazenamento dos conceitos, bem como das propriedades que definem as Línguas Naturais como sistemas abertos.

A motivação para um trabalho nesta área surge do facto de a Semântica Lexical, no quadro aqui adoptado, relacionar de uma forma muito intuitiva as diferentes componentes da Gramática, facultando uma perspectiva de interacção e de sincronia, e da vontade de contribuir de uma forma potencialmente inovadora para a compreensão da "complexidade" da Língua.

Mais concretamente, pretende-se contribuir para a análise da semântica dos adjectivos, classe ainda não muito explorada nesta área.

Os casos considerados neste trabalho, exemplificados em (1), exibem um fenómeno de mudança de significado em que a posição do adjectivo parece relevante para a determinação do significado do sintagma.

- (1)
- a. amigo velho / velho amigo
 - b. funcionário alto / alto funcionário
 - c. cão de guarda mau / mau cão de guarda
 - d. pai rico / rico pai
 - e. homem pobre / pobre homem
 - f. homem grande / grande homem

A escolha destes exemplos prende-se essencialmente com o facto de serem uniformemente reveladores deste fenómeno e de serem potencialmente exemplificativos de um conjunto alargado de adjectivos que poderão ter este comportamento. Os exemplos em estudo resultam de introspecção mas foram submetidos a confirmação por parte de outros falantes nativos do português.

1.1. A POSIÇÃO DO ADJECTIVO ADNOMINAL

O adjectivo adnominal em português pode surgir na posição pré-nominal ou pós-nominal. A posição relativa ao nome não acarreta, na maioria dos casos, mudança de significado, podendo apenas constituir um sinal do seu uso atributivo ou predicativo e conseqüentemente da sua interpretação restritiva ou predicativa. Mateus *et al.* (1989:186) salienta que «habitualmente, os SADJ encontram-se à direita do núcleo do SN», podendo, no entanto, surgir na posição pré-nuclear. A questão será, então, a de saber, nos casos em que as duas posições são permitidas, qual a motivação para que tal aconteça e quais as suas conseqüências.

A escolha da posição do adjectivo relativamente ao nome que modifica é descrita tradicionalmente como directamente ligada a um valor objectivo (posposição) ou subjectivo (anteposição) (a este propósito confrontar Cunha e Cintra (1984:270)). Esta ideia é aprofundada, por exemplo, em Demonte (1999), onde a autora descreve os adjectivos pós-nominais como expressões que se unem a extensões (nomes comuns) para configurar novas extensões (novos nomes comuns), e os adjectivos pré-nominais como funções que actuam sobre a referência sem que a sua aplicação afecte a extensão do nome modificado. No entanto, esta análise não enquadra casos como:

- (2) a. Susana é uma amiga boa \cong *Susana é boa em geral*, mas também *Susana é boa como amiga*.
b. Susana é uma boa amiga \cong apenas *Susana é boa como amiga*.
(exemplos adaptados de Demonte (1999:198)).

A autora distingue aqui um caso em que o adjectivo tem uma leitura absoluta, i.e., não há relação entre a propriedade denotada pelo adjectivo e a classe de objectos que denotam essa propriedade – (2)a – e um caso em que o adjectivo tem uma leitura relativa, ou seja, a propriedade denotada pelo adjectivo só pode ser interpretada tendo em conta a classe em que o nome se insere – (2)b. No entanto, estes casos são tratados como excepções e Demonte (1999) fala mesmo de uma classe de adjectivos em Castelhano que exibem este comportamento:

«Ahora bien, existe en castellano un grupo reducido de adjetivos que emplean la anteposición/posposición para distinguir precisamente un significado suyo claramente no intersectivo del intersectivo. Más estrictamente, la variación de significado que se encuentra en adjetivos como *viejo* y *bueno* es una consecuencia de los dos significados que corresponden a la anteposición y a la posposición.»

(Demonte (1999:198-199)).

É, assim, proposto que a estes adjectivos estejam ligados dois significados distintos, o que, a nível lexical, poderá equivaler a duas entradas lexicais. O que se tentará demonstrar, no decorrer deste trabalho, é a necessidade de se considerar ou não que estamos perante palavras polissémicas, e eventualmente "com direito" a várias entradas lexicais, ou se será suficiente considerar que estes adjectivos têm um único significado e que este fenómeno resulta de outros factores.

1.1.1 O FENÓMENO DE MUDANÇA DE SIGNIFICADO

A posição do adjectivo é, como atrás foi dito, muito frequentemente encarada como uma questão estilística ou como consequência do uso atributivo ou predicativo do adjectivo. Em trabalhos anteriores, são considerados como passíveis de exhibir este comportamento, de uma forma mais ou menos generalizada, os adjectivos pertencentes à "família" semântica dos adjectivos avaliativos (Avelar (2000)) e adjectivos orientados para o agente e adjectivos de emoção (Bouillon (1997)). Neste conjunto encontram-se adjectivos como *bom*, *excelente*, *alto*, *velho*, etc.. No entanto, as consequências da mudança de posição do adjectivo em relação ao nome não são regulares:

- (3) a. um bom amigo ≅ pessoa que mantém uma relação de amizade intensa com outra.
- b. um amigo bom ≅ pessoa que mantém uma relação de amizade intensa com outra ou pessoa que é boa e mantém uma relação de amizade com outra pessoa.
- (4) a. um excelente polícia } ≅ pessoa que exerce muito bem a sua
 b. um polícia excelente } função de polícia

- (5) a. um alto funcionário \cong pessoa que exerce um função elevada
 b. um funcionário alto \cong pessoa de estatura elevada que exerce
 uma função
- (6) a. um velho amigo \cong pessoa que mantém uma relação de amizade
 com outra há muito tempo
 b. um amigo velho \cong pessoa de muita idade que mantém uma relação
 de amizade com outra

Apesar de, nos exemplos dados, todos os adjectivos escolhidos serem considerados avaliativos, e apesar de todos os nomes escolhidos denotarem entidades ([+humanas] \wedge [+função/papel]), a interpretação semântica decorrente da posição do adjectivo não é idêntica em todos os casos, podendo ser apenas de carácter estilístico (caso (4)). Em (3), (5) e (6), porém, é bem visível a importância da posição do adjectivo para a semântica do sintagma.

Casteleiro (1981) considera que a anteposição do adjectivo em português levanta várias questões:

- (i) não se aplica a todos os adjectivos.
- (7) a. *a contente criança
 c. *o morto polícia
- (ii) a posição do adjectivo é condicionada pela natureza do nome.
- (8) a. as classes baixas *as baixas classes
 b. os salários baixos os baixos salários
- (iii) há adjectivos que mudam de significado quando em posição pré-nominal.
- (9) a. um simples guarda (= um mero guarda)

b. um guarda simples (= um guarda modesto)

(Casteleiro (1981:36)).

Estas três questões evidenciam muito sobre os aspectos a considerar no tratamento deste problema. O primeiro será determinar quais os adjectivos que podem ocorrer em ambas as posições adnominais. O segundo será identificar os nomes que permitem este fenómeno e como é que a semântica nominal tem influência no significado do adjectivo. E o terceiro será analisar os adjectivos que permitem a mudança de significado do sintagma e se esta revela ou não mudança de significado do adjectivo modificador.

Relembrando aqui os exemplos em estudo:

- (10) a. amigo velho / velho amigo
b. funcionário alto / alto funcionário
c. cão de guarda mau / mau cão de guarda
d. pai rico / rico pai
e. homem pobre / pobre homem
f. homem grande / grande homem

É possível verificar que, de facto, há uma contribuição tanto da semântica nominal como da adjectival para que a mudança de significado do sintagma ocorra. Ou seja, é possível verificar, por um lado, que os nomes em questão podem ser modificados sem que haja mudança de significado do sintagma, independentemente da posição do adjectivo:

- (11) a. amigo inteligente / inteligente amigo
b. funcionário exigente / exigente funcionário
c. cão de guarda dorminhoco / dorminhoco cão de guarda
d. pai carinhoso / carinhoso pai
e. homem simpático / simpático homem

Por outro lado, também os adjectivos em causa podem modificar outros nomes, em ambas as posições adnominais, sem consequências para o significado do sintagma:

- (12) a. árvore velha / velha árvore
b. poste alto / alto poste
c. tempo mau / mau tempo
d. mistura rica / rica mistura
e. composição pobre / pobre composição
f. casa grande / grande casa

A variação do significado de sintagmas da forma N+Adj e Adj+N é função das propriedades semânticas dos nomes e dos adjectivos que permitem este fenómeno. Há ainda que analisar o processo de modificação adjectival, no sentido de perceber e determinar o que deve figurar nas entradas lexicais deste itens, ou seja, quais os traços essenciais que permitem conceber o significado do item lexical tendo em conta as alterações de significado que a co-ocorrência destes itens pode acarretar.

1.2. QUESTÕES FORMAIS E DE REPRESENTAÇÃO LÉXICO-CONCEPTUAL

A mudança de significado que ocorre nos sintagmas em estudo está directamente relacionada com o contexto em que os itens lexicais surgem. Como já foi referido, parece existir uma ligação muito concreta entre o conteúdo semântico nominal e o conteúdo semântico adjectival. Desta forma, é possível admitir desde já que mecanismos como a subespecificação semântica e a permeabilidade ao contexto serão de extrema importância nesta análise.

A escolha do modelo do Léxico Gerativo prende-se com estas questões. O Léxico Gerativo, para além de reunir algum consenso em relação à sua adequação

linguística e virtualidades computacionais no que respeita à representação semântica, é um modelo com um sistema de estruturas e um número finito de regras que permite a representação semântica estruturada das entidades lexicais, a descrição do significado adquirido em contexto e a interligação entre semântica e sintaxe. Desta forma optou-se pela representação neste modelo dos itens lexicais em estudo, pretendendo-se obter uma representação da semântica destes itens lexicais que permita prever o fenómeno da mudança de significado nos sintagmas nominais modificados, de acordo com a posição do adjectivo.

1.3. ORGANIZAÇÃO

O presente trabalho está dividido, essencialmente, em quatro partes:

Uma primeira parte em que será descrito sucintamente o modelo do Léxico Generativo, em particular no que respeita às estruturas de modelização que permitem representar adequadamente os itens lexicais em análise (Capítulo 2).

Uma segunda parte de caracterização dos dados, de acordo com as classificações tradicionais dos nomes e dos adjectivos e tendo em conta o seu tratamento dentro do quadro do Léxico Generativo (Capítulos 3 e 4).

Uma terceira parte que visa a análise da modificação adjectival e sua aplicação aos casos em questão (Capítulos 5, 6 e 7).

E, por fim, uma quarta parte que pretende reunir as principais conclusões da análise efectuada quer em termos de generalizações possíveis e do contributo dessas generalizações na determinação de classes de adjectivos quer em termos de apreciação da modelização conseguida (Capítulo 8).

2. O MODELO DO LÉXICO GENERATIVO

O Léxico Generativo¹ (doravante LG) é um modelo de concepção do Léxico como um sistema complexo e dinâmico, em que a representação estruturada das entradas lexicais, de acordo com um número finito de regras, permite a descrição do significado adquirido em contexto e a interligação entre a semântica e a sintaxe. A adopção deste modelo, com um sistema de estruturas e um número finito de regras, prende-se com o facto de permitir uma modelização simples e descritivamente adequada do fenómeno em estudo.

O LG pretende representar de modo declarativo e sistemático a semântica das expressões lexicais, por forma a dar conta da sua distribuição sintáctica.

A informação é representada através de matrizes de atributo-valor, onde o valor de cada atributo pode ser atómico ou outra matriz de atributo-valor. Esta propriedade permite uma codificação da informação de um modo coerente, sistemático e recursivo. O modelo em questão permite, também, a representação da partilha de informação entre as estruturas, objectivando assim fenómenos de significado adquirido em contexto e relações mais complexas entre itens lexicais que integram determinados constituintes. Para além disso, a classificação dos itens lexicais em tipos semânticos, para além de permitir uma estrutura de tipos organizadora do léxico, torna extremamente eficazes os mecanismos que exprimem as relações entre os objectos semânticos e entre estes e as correspondentes realizações sintácticas.

¹ Pustejovsky (1995)

2.1. NÍVEIS DE REPRESENTAÇÃO NO LG

No quadro do LG, a descrição de um item lexical ocorre em quatro níveis de representação, a saber:

- (i) estrutura argumental (A);
- (ii) estrutura eventiva (E);
- (iii) estrutura Qualia (Q);
- (iv) estrutura de herança lexical (I).

Estes níveis dão conta, respectivamente, do número e do tipo dos argumentos de um predicado, da caracterização de um evento associado a uma expressão lexical, dos objectos semânticos que definem o significado de um item lexical, e das relações entre uma estrutura lexical e as que lhe são pares na matriz. A informação para um dado item é estruturada da seguinte forma:

$$(13) \quad \alpha = \langle A, E, Q, I \rangle.$$

A ESTRUTURA ARGUMENTAL

A estrutura argumental (ESTR-ARG) codifica a informação relativa à selecção argumental de um item lexical. Pustejovsky (1995:63-64) distingue quatro tipos de argumentos²:

² É necessário realçar que no modelo do LG o conceito de "argumento" abrange, para além da selecção argumental de um item lexical, no sentido tradicional da expressão, também os objectos semânticos que figuram no significado do item lexical. Por exemplo, o próprio item lexical é considerado um Argumento Verdadeiro de si próprio.

ARGUMENTOS VERDADEIROS (ARG_n): parâmetros do item lexical necessariamente realizados sintacticamente.

O João **chegou** tarde.

ARGUMENTOS POR DEFEITO (ARG_n-D): parâmetros que entram nas expressões lógicas da estrutura Qualia de um item lexical, mas que não são necessariamente expressos sintacticamente.

O João **construiu** a casa em tijolo.

ARGUMENTOS-SOMBRA (ARG_n-S): parâmetros que estão incorporados na semântica de um item lexical. Só podem ser expressos através de operações de subtipificação ou de especificação do discurso.

O João **envenenou** a Ana com veneno para ratos.

ADJUNTOS VERDADEIROS: parâmetros que modificam a expressão lógica, mas que não estão ligados à representação de um item lexical em particular; pertencem à interpretação situacional. Estes adjuntos incluem expressões de modificação temporal ou espacial.

A Maria **viajou** para Nova Iorque na Terça-feira.

Os exemplos do autor são bastante elucidativos quanto à informação que esta representação dos argumentos veicula acerca da estrutura argumental de um item lexical. A omissão de um argumento verdadeiro, como na frase em (14), gera agramaticalidade, o que impõe a obrigatoriedade de realização do argumento, de acordo com o *critério- θ* ³.

(14) *O João construiu.

³ De acordo com a Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky (1981)) o Critério Temático – *critério- θ* – estabelece que «a relação entre os argumentos da representação sintáctica de uma oração e as funções- θ da entrada lexical do verbo dessa oração seja uma relação fechada e biunívoca: todos os argumentos recebem uma função- θ e todas as funções- θ são atribuídas.» (Raposo (1992:303)).

2. O MODELO DO LÉXICO GENERATIVO

O estatuto opcional dos argumentos por defeito, por outro lado, define a sua função de especificação:

- (15) O João fez uma boneca.
(15)' O João fez uma boneca com trapos.

Os argumentos-sombra integram obrigatoriamente o conteúdo semântico do item lexical. Como consequência, estando eles já incorporados na semântica do item lexical, só podem realizar-se sintacticamente mediante condições excepcionais (confrontem-se os exemplos (16) e (16)'):

- (16) #O João pregou a tábua com pregos.
(16)' O João pregou a tábua com pregos dourados.

Em relação aos adjuntos verdadeiros, apesar de ser estranho que tal tipo figure ao nível dos anteriores, uma vez que, como verdadeiros adjuntos, estes não são considerados argumentos. Contudo, embora não sendo elementos associados a um determinado item lexical, são, em geral, associados a classes verbais.

A ESTRUTURA EVENTIVA

A estrutura eventiva (ESTR-EVENT) surge da necessidade de representação da estrutura interna dos eventos. Desta forma é possível representar o(s) tipo(s) de eventos que estão associados a um dado predicado, sendo estes tipos: estado, processo e transição. Um estado pode ser descrito, de acordo com Marrafa (1993:27-28), como «*um evento atómico, não avaliado em relação a qualquer outro*», i.e., dado um intervalo I, um estado é um evento que se verifica em todo o intervalo de I; um processo como «*uma sequência de eventos idênticos*», i.e., dado um intervalo I, um processo é uma sequência de eventos que se verifica em todos os intervalos de I; e uma transição como «*um evento avaliado relativamente a outro evento*», i.e., um

evento que vai de um estado inicial, através de um processo, culminar num estado final, diferente do estado inicial.

A estrutura eventiva inclui a declaração do(s) evento(s) associado(s) a um tipo de evento. No caso dos estados, enquanto eventos atômicos, surge apenas um único evento representado. No caso dos processos e transições a sua estrutura complexa é representada através da enumeração dos eventos a que estão associados ($e_1 \dots e_n$), e através de um conjunto de restrições que incluem as relações de ordem parcial ($<$), ordem parcial dentro de (\preceq), sobreposição (\circ), inclusão (\sqsubseteq), e núcleo do evento (*). O núcleo de evento – o evento proeminente – é representado através da matriz Núcleo = [], preenchida com o valor e_n^* , de acordo com o necessário. Assim, por exemplo, a estrutura eventiva de uma transição como *construir* será a apresentada em (17).

$$(17) \quad \text{construir} \\ \left[\text{ESTR} - \text{EVENT} = \begin{bmatrix} E_1 - D = e_1 : \text{estado} \\ E_2 = e_2 : \text{processo} \\ E_3 = e_3 : \text{estado} \\ \text{RESTR} = < \alpha \\ \text{NÚCLEO} = [e_2^*] \end{bmatrix} \right]$$

em que E_1-D (estado inicial pressuposto) precede E_2 (processo) que, por sua vez, precede E_3 (estado final) ($\text{RESTR} = < \alpha$).

A ESTRUTURA QUALIA

A estrutura Qualia (QUALIA) é o nível de representação que define a estrutura léxico-semântica de um item lexical.

«We can think of qualia, in some sense, as that set of properties or events associated with a lexical item which best explain what that word means.» (Pustejovsky (1995: 85))

São quatro os papéis Qualia básicos:

Constitutivo: relação entre um objecto e os seus constituintes ou partes próprias (material, peso; partes e elementos).

Formal: aquilo que distingue o objecto dentro de um domínio mais amplo. (orientação, magnitude, forma, dimensão, cor, posição).

Télico: finalidade e função do objecto. (intenção que um agente tem ao realizar um acto, função intrínseca ou objectivo que determina certas actividades);

Agentivo: factores envolvidos na origem ou aparecimento de um objecto. (criador, artefacto, tipo natural, cadeia causal).

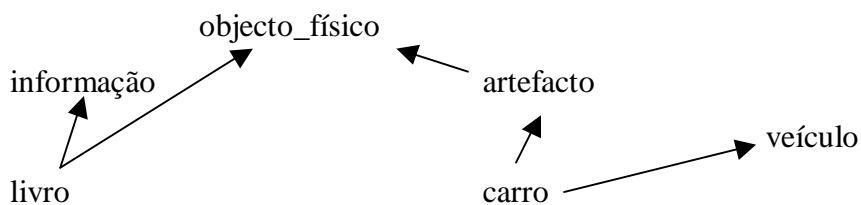
A estrutura Qualia dá-nos o conjunto de restrições semânticas que permite a aceção de uma palavra quando esta está contextualizada. Os papéis Qualia fornecem o *template* estrutural ao qual se podem aplicar transformações semânticas para alterar a denotação de um item lexical ou de um sintagma.

ESTRUTURA DE HERANÇA LEXICAL

Em relação à estrutura de herança lexical, Pustejovsky (1995) defende que, para se obter a representação semântica de um item lexical, é necessário que este aceda a um tipo semântico numa rede de tipos, de forma a poder herdar traços do(s) seu(s) tipo(s)-mãe. Para tal será também necessário um mecanismo que permita herança múltipla.

Cabe referir que as propostas de estruturas de hierarquias conceptuais têm utilizado de forma exagerada a herança múltipla, como resposta dos sistemas ao facto de os diferentes aspectos de um objecto se tornarem mais ou menos proeminentes de acordo com o contexto. Por exemplo, um livro é **informação**, mas também **objecto físico**; um carro é **veículo** e **artefacto**, etc., como se pode ver pela representação em (18):

(18)



(adaptado de Pustejovsky (1995:143))

No entanto, estes modelos reflectem uma noção de estrutura lexical muito fraca. Fica por explicar, em muitos e elaborados mecanismos que controlam a informação através de ligações de generalização ou especificação, como se atribui uma estrutura aos itens lexicais, ou como se especificam as relações lexicais entre itens quando as ligações se estabelecem apenas entre certos aspectos das suas estruturas lexicais.

No LG, a herança é controlada, uma vez que um item lexical só herda informação de acordo com a sua estrutura Qualia. Os diferentes significados de uma palavra podem ser fixados em redes ortogonais. Por exemplo, parece lógico considerar os nomes *romance* e *dicionário* como **livros**, mas estes nomes têm comportamentos bastante diferentes no que respeita aos predicados que os seleccionam.

- (19) a. Li o romance.
b. #Li o dicionário.

- (20) a. #Consultei o romance.
b. Consultei o dicionário.

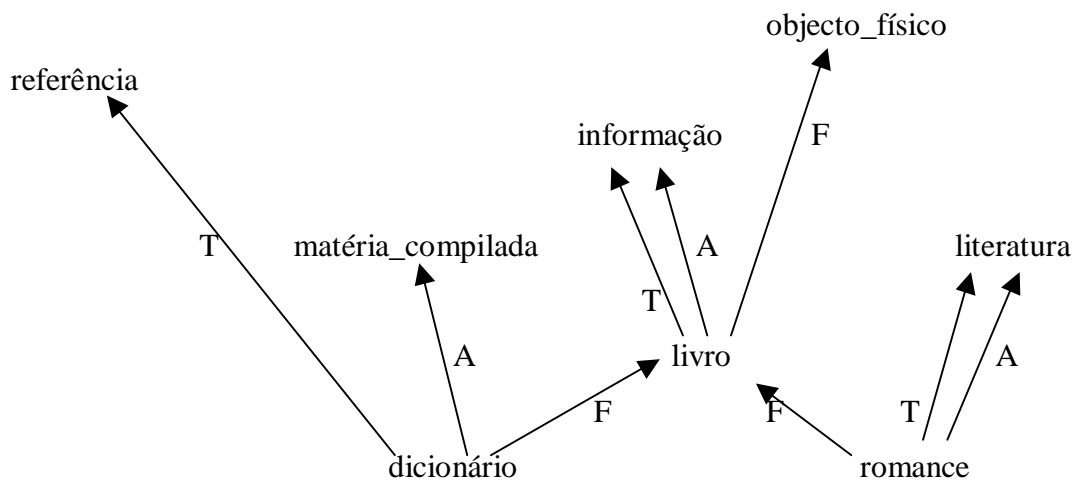
Deste modo, uma rede de herança única não se mostra adequada para captar as diferentes dimensões do significado de uma palavra.

2. O MODELO DO LÉXICO GENERATIVO

A Teoria de Herança Lexical proposta em Pustejovsky (1995) apresenta uma rede à parte para cada papel na estrutura Qualia. Assim, as relações para os exemplos em (19) e (20) terão a relação de herança apresentada em (21) e (22):

- (21)
- a. *livro* é_formal **objecto_físico**
 - b. *livro* é_télico **informação**
 - c. *livro* é_agentivo **informação**
 - d. *dicionário* é_formal **livro**
 - e. *dicionário* é_télico **referência**
 - f. *dicionário* é_agentivo **matéria_compilada**
 - g. *romance* é_formal **livro**
 - h. *romance* é_télico **literatura**
 - i. *romance* é_agentivo **literatura**

- (22) Representação de relações de Herança de (21)



(adaptado de Pustejovsky (1995:144-145))

Os papéis Qualia diferenciam as estruturas da rede (A = Agentivo, T = Télico, F = Formal), garantindo assim que apenas as inferências desejadas sejam possíveis.

De acordo com estes parâmetros, a entrada lexical de um nome comum como *leite*, será a seguinte:

$$(23) \quad \begin{array}{l} \text{leite} \\ \left[\begin{array}{l} \text{ESTR} - \text{ARG} = [\text{ARG}_1 = x : \text{líquido}] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{FORMAL} = x \\ \text{TÉLICO} = \text{beber}(e, y, x) \end{array} \right] \end{array} \right] \end{array}$$

Nem todas as matrizes de atributo-valor têm de estar preenchidas. É necessário que os valores nelas presentes sejam, de algum modo, distintivos e próprios do conceito que esse item lexical veicula. Neste caso, *leite* pode ser um líquido artificial ou natural, pelo que o papel Agentivo não está preenchido, e a sua constituição não é necessariamente relevante para a identificação do seu significado (por exemplo: CONSTITUTIVO = [tem_como_parte(x,cálcio); tem_como_parte(x, água), ...], etc.).

Um nome como *ombro*, por seu lado, é basicamente definido pelo papel Constitutivo:

$$(24) \quad \begin{array}{l} \text{ombro} \\ \left[\begin{array}{l} \text{ESTR} - \text{ARG} = [\text{ARG}_1 = x : \text{membro}] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{FORMAL} = x \\ \text{CONSTITUTIVO} = \text{parte_de}(x, \text{corpo}) \end{array} \right] \end{array} \right] \end{array}$$

Um verbo como *matar* terá a seguinte representação (Pustejovsky (1995:102)):

$$(25) \quad \text{matar} \quad \left[\begin{array}{l} \text{ESTR - EVENT} = \left[\begin{array}{l} E_1 = e_1 : \text{estado} \\ E_2 = e_2 : \text{processo} \\ E_3 = e_3 : \text{estado} \\ \text{RESTR} = < \alpha \\ \text{NÚCLEO} = [e_2^*] \end{array} \right] \\ \\ \text{ESTR - ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = [1] \left[\begin{array}{l} x \\ \text{FORMAL} = \text{objecto_físico} \end{array} \right] \\ \text{ARG}_2 = [2] \left[\begin{array}{l} \text{indivíduo} \\ \text{FORMAL} = \text{entidade_animada} \end{array} \right] \end{array} \right] \\ \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{FORMAL} = \text{morto}(e_1, \neg [2]), \text{morto}(e_3, [2]) \\ \text{AGENTIVO} = \text{matar}(e_2, [1], [2]) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

Desta forma, estão representados todos os objectos semânticos relevantes para a definição do significado de *matar*. Na estrutura eventiva, este evento é descrito como uma transição, em que o estado e_1 precede o processo e_2 que precede o estado e_3 , e cujo núcleo é e_2 (por oposição a *morrer*, em que o núcleo eventivo é o estado final, ou seja, e_3). A estrutura argumental determina que, pelo menos, o ARG_2 terá de ser uma entidade animada, logicamente. A estrutura Qualia determina que este evento é uma relação de causa – razão pela qual o processo (e_2) que conduz ao estado final (e_3) se encontra no valor do papel Agentivo (cf. Pustejovsky (1995:183-188)) – e determina quais os papéis dos argumentos nesta relação (ARG_1 é o Agente e ARG_2 o Paciente). A ordem dos argumentos, e a sua função na estrutura Qualia, servem, também, para o mapeamento destes argumentos para a forma sintáctica (ARG_1 é o Sujeito e ARG_2 é o Objecto).

2.2. MECANISMOS GENERATIVOS

Os mecanismos generativos são operações que atribuem formalmente um novo significado à expressão, permitindo a relação entre os níveis de representação. Estas operações ocorrem apenas devido a relações de domínio e regência lexical; i. e., a sua aplicação é condicionada pelo contexto sintáctico e semântico.

São três os mecanismos generativos do LG: a Coerção de Tipos, a Co-composição e a Ligação Selectiva.

COERÇÃO DE TIPOS

A Coerção de Tipos é uma operação semântica que converte um argumento no tipo que é esperado por uma função. Através da aplicação desta operação é possível a interpretação de frases como (26)a e (26)b, sem que seja necessário o desdobramento de entrada lexical do verbo.

- (26) a. A Maria começou a colcha.
b. A Maria começou a fazer a colcha.

As interpretações de (26)a e (26)b são idênticas, apesar de o verbo *começar* co-ocorrer aqui com dois tipos sintácticos de argumentos: um nominal e um oracional. No entanto, como verbo aspectual, *começar* selecciona orações como argumento interno. Desta forma, é necessário que haja Coerção de Tipos para que a interpretação da frase (26)a seja idêntica à de (26)b e o resultado gramatical.

Pustejovsky (1995:111) formula a regra de aplicação da Coerção de Tipos da seguinte forma:

(27) Aplicação da Função com Coerção (FAC):

Se α é do tipo c , e β é do tipo $\langle a, b \rangle$, então

(i) se o tipo $c = a$, então $\beta(\alpha)$ é do tipo b .

(ii) se existe um $\sigma \in \Sigma$ tal que $\sigma(\alpha)$ resulta numa expressão do tipo a , então $\beta(\sigma(\alpha))$ é do tipo b .

(iii) de outro modo, é produzido um erro de tipos.

Assim, se (ii) se verificar, a coerção é aplicada, há mudança do tipo de argumento e a expressão é gramatical; se (iii) se verificar, i.e., se não se verificar (i) nem (ii), não há coerção e a expressão resulta agramatical. Note-se que o tipo exigido pelo predicado terá de pertencer ao conteúdo semântico (Estrutura Qualia) do argumento a ser "coagido".

A coerção pode também ocorrer ao nível dos subtipos semânticos, tendo em conta uma hierarquia de tipos organizada. Por exemplo, um verbo como *conduzir* selecciona como argumento interno uma expressão do tipo **veículo** (cf. Pustejovsky (1995:113)) mas aceita qualquer subtipo de **veículo**. Neste caso, estamos perante uma relação de subtipificação em que se pressupõe que há percolação de informação através da hierarquia de tipos. Assim, o verbo *conduzir* pode tomar o nome *veículo* como seu argumento interno, mas também pode seleccionar nomes como *carro* ou *camião*, subtipos do tipo **veículo**.

CO-COMPOSIÇÃO

A Co-composição, como o nome indica, é uma operação que permite completar o significado de um predicado com valores presentes no conteúdo

semântico dos seus argumentos. Pustejovsky (1995:122) ilustra este processo com o exemplo do verbo *bake*, que em inglês pode ser interpretado como uma mudança de estado ((28)a) ou como uma criação ((28)b).

- (28) a. John baked the potatos. (O João assou / cozeu as batatas.)
 b. John baked the cake. (O João fez o bolo.)

Desta forma, é o complemento (resultativo) que co-especifica o verbo através do preenchimento da estrutura semântica do verbo com valores presentes na estrutura semântica do complemento. A composição da estrutura Qualia resulta num significado do verbo, onde os papéis Agentivo do verbo e do complemento correspondem, e onde o papel Formal do complemento se torna o papel Formal de todo o VP.

(29) bake

$$\left[\begin{array}{l} \text{ESTR-EVENT} = \left[\begin{array}{l} E_1 = e_1 : \text{process} \\ \text{NÚCLEO} = [e_1^*] \end{array} \right] \\ \\ \text{ESTR-ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = [1] \left[\begin{array}{l} \text{indivíduo} \\ \text{FORMAL} = \text{entidade_animada} \end{array} \right] \\ \text{ARG}_2 = [2] \left[\begin{array}{l} \text{matéria} \\ \text{FORMAL} = \text{objecto_físico} \end{array} \right] \end{array} \right] \\ \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{mudança_de_estado} \\ \text{AGENTIVO} = \text{bake}(e_1, [1], [2]) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

(30) cake

$$\left[\begin{array}{l} \text{ESTR-ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = x : \text{comida} \\ \text{ARG}_1 - \text{D} = y : \text{matéria} \end{array} \right] \\ \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{CONSTITUTIVO} = y \\ \text{FORMAL} = x \\ \text{TÉLICO} = \text{comer}(e_2, z, x) \\ \text{AGENTIVO} = \text{bake}(e_1, w, y) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

adaptado de Pustejovsky (1995:123))

(31) bake the cake

$$\left[\begin{array}{l}
 \text{ESTR- EVENT} = \left[\begin{array}{l}
 E_1\text{-D} = e_1 : \text{estado} \\
 E_2 = e_2 : \text{processo} \\
 E_3 = e_3 : \text{estado} \\
 \text{RESTR} = < \alpha \\
 \text{NÚCLEO} = [e_2^*]
 \end{array} \right] \\
 \\
 \text{ESTR- ARG} = \left[\begin{array}{l}
 \text{ARG}_1 = \boxed{1} \left[\begin{array}{l}
 \text{indivíduo} \\
 \text{FORMAL} = \text{entidade_animada}
 \end{array} \right] \\
 \text{ARG}_2 = \boxed{2} \left[\begin{array}{l}
 \text{artefacto} \\
 \text{CONSTITUTIVO} = \boxed{3} \\
 \text{FORMAL} = \text{objecto_físico}
 \end{array} \right] \\
 \text{ARG}_1\text{-D} = \boxed{3} \left[\begin{array}{l}
 \text{matéria} \\
 \text{FORMAL} = \text{massivo}
 \end{array} \right]
 \end{array} \right] \\
 \\
 \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l}
 \text{criação} \\
 \text{FORMAL} = \text{existir}(e_1, \neg \boxed{2}), \text{existir}(e_3, \boxed{2}) \\
 \text{AGENTIVO} = \text{bake}(e_1, \boxed{1}, \boxed{3})
 \end{array} \right]
 \end{array} \right]$$

(adaptado de Pustejovsky (1995:125))

LIGAÇÃO SELECTIVA

A Ligação Selectiva é o mecanismo generativo que representa, por excelência, a relação entre modificador e nome modificado. Como a designação indica, trata-se de um mecanismo de ligação que permite a selecção do argumento a modificar de entre o conjunto de objectos pertencentes ao conteúdo semântico do

nome modificado. Desta forma, é possível representar adjectivos cuja interpretação depende essencialmente do significado do nome que modificam, que são semanticamente subespecificados. No entanto, dizer que a interpretação de certos adjectivos depende essencialmente do significado do nome que modificam não explica o mecanismo de Ligação Selectiva. A questão, de facto, é essa: os adjectivos não modificam os nomes tomados como uma entidade holística, mas sim um determinado objecto semântico contido no significado desse nome, no caso, um valor presente num papel da estrutura Qualia do nome que modificam. Vejam-se os exemplos adaptados de Pustejovsky (1995:129):

(32) uma faca boa: *uma faca que corta bem*

$$\begin{array}{c} \text{faca} \\ \left[\begin{array}{l} \text{ESTR-ARG} = [\text{ARG}_1 = x : \text{instrumento}] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{FORMAL} = x \\ \text{TÉLICO} = \text{cortar}(e, x, y) \end{array} \right] \end{array} \right] \end{array}$$

O adjectivo liga-se selectivamente ao valor do papel Télico de *faca*, *cortar*(*e, x, y*). O mesmo acontece no exemplo em (33):

(33) um disco longo: um disco que toca durante muito tempo.

$$\begin{array}{c} \text{disco}^4 \\ \left[\begin{array}{l} \text{ESTR-ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = x : \text{objecto_físico} \\ \text{ARG}_2 = y : \text{informação} \end{array} \right] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{info} \bullet \text{obj_físico} \\ \text{FORMAL} = \text{conter}(x \bullet y) \\ \text{TÉLICO} = \text{tocar}(e, x \bullet y) \end{array} \right] \end{array} \right] \end{array}$$

⁴ O operador "•" liga os subtipos de um tipo complexo. Ver Subcapítulo 2.3..

2.3. TIPOS SEMÂNTICOS

O LG baseia-se, em grande escala, num sistema de tipos semânticos que organiza o léxico em classes. Pode-se imaginar a atribuição a uma expressão de um tipo *default*, inserido no modelo, que entra nas relações conceptuais que se estabelecem ao nível do Léxico. Os tipos estão relacionados por aquilo que se denomina uma rede de tipos. É através da organização do Léxico numa hierarquia de tipos que se torna possível a utilização dos mecanismos generativos atrás descritos. Esta proposta permite manter uma semântica composicional, ao mesmo tempo que dá conta das diferentes manifestações de uma expressão de uma forma sustentada.

Os tipos podem ser atômicos, ou simples, e complexos.

O tipos atômicos caracterizam expressões com uma única interpretação: *rocha*: **objecto_físico**, *homem*: **humano**, *cão*: **entidade_animada**, etc.

Os tipos complexos caracterizam as expressões que podem ter mais que uma interpretação. Um exemplo clássico para demonstrar o que é um tipo complexo são as expressões que exibem polissemia regular ou lógica, como *livro*, *janela*, *escola*, etc. Estes três exemplos referem casos de **objecto_físico** e **informação**, **objecto_físico** e **abertura**, e **edifício** e **instituição**, respectivamente. A estrutura argumental deste tipo de expressões reflecte a sua complexidade, uma vez que é necessário contemplar ambas as *facetas*⁵ da expressão de forma a permitir ambas as leituras.

Os tipos associados à polissemia lógica são paradigmas léxico-conceptuais (*_lcp*), uma vez que, como tipos regulares, partilham esta estrutura com os outros elementos da sua classe. Os subtipos de um tipo complexo podem ser ligados pelo operador "•" – tipos que podem ser interpretados simultaneamente (**abertura-objecto_físico**) – ou pelo operador "o"⁶ – tipos que não podem ser interpretados simultaneamente (**edifício-instituição**).

⁵ No sentido de Cruse (2000).

⁶ Operador introduzido por Buitelaar (1998).

Desta forma, o item lexical pode ser caracterizado como uma meta-entrada lexical, sendo tratado não como tendo dois significados distintos mas como denotando dois aspectos diferentes do mesmo objecto.

$$(34) \quad \text{livro} \left[\begin{array}{l} \text{ESTR-ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = x : \text{objecto_físico} \\ \text{ARG}_2 = y : \text{informação} \end{array} \right] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{objecto_físico} \bullet \text{info_lcp} \\ \text{FORMAL} = \text{conter}(x,y) \\ \text{TÉLICO} = \text{ler}(e_1, z, x \bullet y) \\ \text{AGENTIVO} = \text{escrever}(e, z, x \bullet y); \text{publicar}(e, z, x \bullet y) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

A entrada lexical do nome *livro*, em (34), representa as duas facetas deste item lexical, na medida em que os tipos destas facetas (**objecto_físico** e **informação**) são atribuídos aos argumentos x e y que integram a representação de *livro*. Para além disso, é expresso se estes tipos podem ser interpretados simultaneamente através do lcp tipo da Estrutura Qualia (**objecto_físico•info**) e qual a relação que estes argumentos mantêm entre si através dos valores dos papéis Qualia.

$$(35) \quad \text{janela} \left[\begin{array}{l} \text{ESTR-ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = x : \text{objecto_físico} \\ \text{ARG}_2 = y : \text{abertura} \end{array} \right] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{objecto_físico} \bullet \text{abertura_lp} \\ \text{FORMAL} = \text{tapar}(x,y) \\ \text{TÉLICO} = \text{abrir}(e, z, x \bullet y), \text{fechar}(e, z, x \bullet y) \\ \text{AGENTIVO} = \text{construir}(e, z, x \bullet y) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

O mesmo acontece na representação de *janela*, i.e. ambos os subtipos do tipo complexo estão disponíveis, uma vez que este item exhibe um tipo de polissemia

regular semelhante ao de *livro*, em que ambos os subtipos do lcp podem ser interpretados simultaneamente.

$$(36) \quad \left[\begin{array}{l} \text{escola} \\ \text{ESTR-ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = x : \text{edifício} \\ \text{ARG}_2 = y : \text{instituição} \end{array} \right] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{edifício} \circ \text{instituição_lcp} \\ \text{FORMAL} = \text{conter}(xy) \\ \text{AGENTIVO} = \text{construir}(x, z, x) \\ \text{TÉLICO} = \text{ensinar}(e, z, y) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

No que respeita à representação em (36), há a salientar que o lcp que representa itens como *escola* expressa que os subtipos que o constituem não podem ser interpretados simultaneamente (**edifício** \circ **instituição_lcp**).

3. OS NOMES

Neste capítulo proceder-se-á a uma descrição das classificações sintáctico-semânticas dos nomes comuns. Pretende-se, deste modo, determinar se os nomes em causa no fenómeno em estudo (*amigo, funcionário, cão de guarda, pai e homem*) formam ou são elementos de uma mesma classe (sintáctica, semântica ou ambas), que, de acordo com as suas propriedades, possa explicar ou ajudar a prever a mudança de significado que ocorre nos sintagmas nominais dos quais são núcleo, quando modificados pelos adjectivos em questão (*velho, alto, mau, rico, grande e pobre*).

3.1. CLASSES DE NOMES

A classificação aqui analisada baseia-se essencialmente no trabalho de Bosque (1999) sobre o nome comum, uma vez que este autor analisa de forma mais aprofundada as classes de nomes tradicionalmente consideradas – nomes concretos e abstractos, e nomes colectivos (cf. Cunha e Cintra (1984:177-180)).

Bosque (1999) define *nome comum* como a categoria gramatical que expressa a relação de pertença dos objectos a uma classe, i.e., que denota um conjunto ou classe de entidades, por oposição a *nome próprio*, categoria que identifica uma entidade de entre os demais elementos da sua classe. Esta definição de nome comum assenta na noção de "classe", i.e., no facto de a denominação de um objecto ser feita a partir da sua inclusão numa "espécie" ou "família" de objectos.

O comportamento dos nomes comuns é analisado em função das classes lexicais a que pertencem, sendo, essencialmente, consideradas quatro grandes classes:

Nomes contáveis e não contáveis.

Distinção reflexo da oposição conceptual entre quantidade e número. Opõe nomes que definem as entidades enquanto matéria ou substância (e.g. *pó*) a nomes que definem as entidades enquanto noções não contínuas ou discretas (e.g. *pedra*).

Nomes enumeráveis e *pluralia tantum*.

Distinção que opõe nomes que aceitam a quantificação por numerais (e.g. *quatro cadeiras*) a nomes que constituem excepções sistemáticas (e.g. *vontade*, **quatro vontades*, *apuros*, *relações públicas* (exemplos adaptados de Bosque (1999:7))).

Nomes colectivos e individuais.

Distinção que opõe nomes que designam noções entendidas como entidades múltiplas (e.g. *multidão*) a nomes que designam noções entendidas como entidades simples (e.g. *pessoa*).

Nomes abstractos e concretos.

Distinção que opõe noções que não são entendidas como objectos físicos (e.g. *qualidade*) a noções que designam entidades materiais ou objectos (e.g. *mesa*, *rocha*).

3.1.1. NOMES CONTÁVEIS E NOMES NÃO CONTÁVEIS

Os nomes não contáveis são definidos como

«también llamados 'continuos', 'medibles' y 'de materia' – denotam "cosas que pueden dividirse hasta el infinito conservando su naturaleza y su nombre, como *agua*, *vino*, *oro*, *plata*" (Bello 1847:123).»

(Bosque (1999:8)).

Os nomes contáveis, descontínuos ou discretos designam entidades que não se podem dividir sem perderem a sua identidade (e.g. *cadeira, copo*).

A interpretação das entidades fragmentadas é essencial na determinação destas classes de nomes: uma fracção de "um pouco de água" é também "um pouco de água", mas uma fracção de uma "cadeira" não será, necessariamente, uma "cadeira".

A oposição entre nomes contáveis e nomes não contáveis traduz, em grande medida, a oposição entre os conceitos de **número** e de **quantidade**. A quantificação dos nomes contáveis implica cardinalidade, i.e., estabelece o número de entidades sobre as quais se quantifica (e.g. *muitas, algumas, cinquenta, todas*). Pelo contrário, a quantificação dos nomes não contáveis implica quantidade mas não cardinalidade. Assim, os nomes não contáveis não admitem quantificadores numerais ou multiplicativos, mas admitem quantificadores indefinidos, como se ilustra em (37):

(37) pouco tempo, muito arroz, demasiado esforço, bastante areia, tanta paciência, mais alegria, menos água ...

(exemplos adaptados de Bosque (1999:9)).

Os nomes contáveis admitem os dois tipos de quantificadores, os numerais e os indefinidos:

(38) dois livros, poucas árvores, muitas casas, demasiados problemas, bastantes cadeiras, mais cidadãos...

(exemplos adaptados de Bosque (1999:9)).

A classe dos nomes não contáveis abrange um grande número de áreas lexicais de fronteiras pouco definidas.

O autor cita Morreale (1973) no que respeita à determinação dessas áreas. Assim, existem as áreas das substâncias informes (e.g. *ar, fumo*); das substâncias de extensão, como algumas substâncias que fazem parte do corpo (e.g. *carne, sangue*); das matérias primas (e.g. *mármore, chumbo*); dos produtos naturais (e.g. *leite, mel*);

dos produtos artificiais (e.g. *papel, manteiga*); dos conjuntos compactos (e.g. *feno*); dos aglomerados de corpúsculos demasiado insignificantes para serem nomeados (e.g. *areia, farinha, erva*), entre muitas outras. O autor considera que esta enumeração de campos lexicais não é adequada para a descrição das classes, apesar de poder ser bastante útil.

De facto, apesar de ser plausível aceitar estas áreas lexicais, estas não são nem totalmente exaustivas nem apresentam grande coesão ao nível da determinação dos seus elementos (por exemplo, *lã* pode também ser uma matéria prima, bem como constituir um aglomerado de corpúsculos demasiado insignificantes para serem nomeados).

Desta forma, as classes são descritas de acordo com as suas propriedades sintáticas.

(i) Os nomes não contáveis ocorrem, no singular e sem determinante, como complementos verbais. Os contáveis exigem a presença de um determinante:

Aqui há {arroz / *sapato}.

A ausência ou presença de quantificação distingue as interpretações não contáveis das contáveis:

Quero pão / Quero um pão.

(ii) Os nomes não contáveis formam complementos preposicionais sem determinante

Feito com maçã.

Feito com uma maçã.

e podem aparecer nos chamados complementos de matéria.

pastel de maçã

Os nomes contáveis também podem ocorrer neste tipo de construções mas implicam uma informação mais restritiva, semelhante à que caracteriza os adjectivos relacionais:

mesa de cozinha

(iii) Os nomes não contáveis admitem quantificadores indefinidos, mas não cardinais (cf. (37)). Os nomes contáveis admitem ambos (cf. (38)).

(iv) Os nomes contáveis podem combinar-se com quantificadores como *qualquer*, *todo* e *cada* mas os nomes não contáveis não⁷:

qualquer prato

*cada areia, *qualquer sangue, *todo o ar

(exemplos adaptados de Bosque (1999:10-12)).

(v) Geralmente, os sintagmas sem determinante não entram em estruturas "pseudo-partitivas" com quantificadores de cardinalidade (e.g. *muitos cadernos* mas **muitos de cadernos*). No entanto, os nomes não contáveis aceitam este tipo de construções com quantificadores neutros (e.g. *algo*, *um pouco*), enquanto os nomes contáveis não:

um pouco de água

*um pouco de caderno

(vi) Os nomes contáveis aceitam a quantificação com o adjectivo *meio* e os nomes não contáveis, na sua maioria, não:

⁷ Note-se que é possível aceitar que nomes como *areia*, *sangue* ou *ar* se combinem com este tipo de quantificadores mas com a interpretação "*cada tipo de areia*", "*qualquer tipo de sangue*", "*todo o tipo de ar*".

meia cadeira / *meio ar

(exemplos adaptados de Bosque (1999:13)).

3.1.2. NOMES ENUMERÁVEIS E *PLURALIA TANTUM*

É geralmente assumido que os nomes que formam plural (e.g. *cadernos, sapatos*) pertencem à mesma classe dos nomes quantificáveis, seja com quantificadores definidos ou com numerais. No entanto, esta regra não é aplicável a todos os casos, existindo uma série de exceções sistemáticas que é denominada pelo termo latino *pluralia tantum*.

O plural é o reflexo da conceptualização de entidades como noções inerentemente múltiplas, mesmo que os seus componentes não sejam enumeráveis. Os nomes *pluralia tantum* são concebidos não como conjuntos de indivíduos mas como dimensões.

Desta forma, os nomes *pluralia tantum* recusam sistematicamente a quantificação com numerais, mas admitem frequentemente a quantificação por quantificadores indefinidos:

- (39) a. Restavam bastantes comestíveis. / Vejo em ti algumas olheiras. / Faltam mais provisões. / Encontraram alguns restos do avião. / Passei por bastantes apuros.
b. *Restavam oito comestíveis. /*Tinha duas olheiras. / *Faltam dez provisões. / *Encontraram cinco restos do avião. / *Passei por cinco apuros.

(exemplos adaptados de Bosque (1999:29)).

Os nomes *pluralia tantum* admitem o quantificador exclamativo *quanto*, mas não o seu homónimo interrogativo:

- (40) a. Quantos apuros passaste!
b. *Quantos apuros passaste?

(exemplos adaptados de Bosque (1999:30)).

Recorde-se que os nomes não contáveis não aceitam a quantificação cardinal porque designam quantidades e não indivíduos. Algo de semelhante acontece com os nomes *pluralia tantum*: são plurais morfológicos, não semânticos. E, por tal, não designam conjuntos de entidades.

Bosque (1999:30)) descreve ainda dois subtipos de nomes *pluralia tantum*:

Os duais lexicais: *andas, bigodes, calções, calças, pestanas*.

Os plurais lexicais: *escadas, costas*.

Os duais lexicais designam ou objectos constituídos por duas peças ou elementos ou partes duplas do corpo humano. Os plurais lexicais designam objectos múltiplos e o morfema de plural não é interpretado semanticamente.

O plural pode ser opcional neste tipo de nomes. Desta forma, nomes como *escadas* são formas cujo plural é ambíguo:

- (41) As tuas escadas agradam-me. (ambíguo: um ou vários objectos)

3.1.3. NOMES INDIVIDUAIS E NOMES COLECTIVOS

Os nomes colectivos designam, no singular, conjuntos de entidades, enquanto os nomes individuais, como o nome indica, designam um única entidade, um indivíduo. Podem-se distinguir os colectivos morfológicos, que manifestam no seu radical o objecto ao qual o conjunto faz referência (e.g. *casario* (Bosque (1999:33))), dos colectivos que não derivam do nome que identifica a espécie (e.g. *congresso, exército* (Bosque (1999:33))), mas este critério não é suficiente.

Para determinar se os nomes são ou não colectivos não se deverá ter em conta se os objectos designados são ou não constituídos por elementos

semelhantes. O facto de o objecto designado por um determinado nome ser ou não composto de partes análogas, é irrelevante, visto que quase todos os objectos são passíveis de ser reduzidos às suas unidades de composição.

O aspecto determinante para se considerar a existência de uma classe, neste caso a dos nomes colectivos, será o facto de haver propriedades gramaticais distintivas que a caracterizam, pois isso demonstra que a gramática é sensível a ela.

Desta forma, Bosque (1999:33-45)) apresenta testes sintácticos que demonstram que é relevante considerar esta classe como uma classe gramatical. Estes testes serão sistematizados no Quadro 1, que se segue.

Quadro 1: Propriedades sintáticas dos nomes colectivos

vs.

o plural de nomes individuais

	Plurais	Colectivos
Relações anafóricas	"Os noivos compraram um carro" - interpretação colectiva ou distribucional.	"O casal / par comprou um carro" - apenas interpretação distribucional
Adjectivos qualificativos	"Uns noivos muito grandes" - interpretação distribucional	"Um exército muito grande" - interpretação colectiva (#Um exército de gigantes)
Adjectivos simétricos	"Os dois eram parecidos" - acesso aos indivíduos denotados	"*O exército era parecido" - não há acesso aos membros do colectivo.
Concordância verbal	- concordância morfológica	" <u>davam</u> escolta ao rei <u>uma esquadra</u> de infantaria" - concordância <i>ad sensum</i>
Concordância pronominal	- concordância morfológica	"Toda a <u>classe</u> pensava que os professores se ocupavam pouco <u>deles</u> " - concordância <i>ad sensum</i>
Preposição <i>entre</i>	"entre as flores" - corresponde ao plural exigido pela preposição	"entre o casal" - corresponde ao plural exigido pela preposição
Predicados que exigem plurais como argumentos	"Os membros da família reuniram-se ontem" - corresponde ao plural exigido pelo verbo	"A família reuniu-se ontem" - corresponde ao plural exigido pelo verbo

As propriedades mostradas neste quadro evidenciam que, por um lado, os nomes colectivos se comportam sintacticamente como os plurais dos individuais (nas relações anafóricas, com adjectivos qualificativos, com adjectivos simétricos) mas, por outro, satisfazem as condições de plural à semelhança dos plurais morfológicos (em termos de concordância verbal e pronominal, com a preposição *entre*, com predicados que exigem plurais como argumentos). Para além disso, também o comportamento dos nomes colectivos, quando ocorrem com o adjectivo *numeroso*, fornece mais uma prova de que há coerência na definição desta classe, uma vez que o adjectivo *numeroso* só admite nomes na forma do singular se estes forem colectivos.

público / grupo / conjunto numeroso

Este comportamento comprova que os elementos desta classe exibem traços semânticos de pluralidade e que, efectivamente, existem evidências gramaticais da sua existência enquanto classe.

3.1.4. NOMES ABSTRACTOS E CONCRETOS

Segundo a tradição, os nomes abstractos são os nomes que designam as entidades às quais não é atribuída existência material. Designam as qualidades que se atribuem aos objectos mas tomadas como independentes destes.

No entanto, Bosque (1999) defende que esta distinção não é sustentável e que uma classificação coerente deste tipo de nomes deve passar por uma classificação mais específica. A classificação de *abstracto* serve para qualquer nome desde que se considere uma propriedade ou interpretação desse mesmo nome mas que seja passível de ter uma definição independente. Assim, antes de determinar quais os nomes que constituem a classe de nomes abstractos é necessário contrastar quatro tipos de interpretações: interpretações genéricas e interpretações de referentes imaginários bem como usos figurados e usos primitivos dos nomes.

À luz das definições tradicionais, é possível classificar de abstractos nomes cujo referente seja imaginário. No entanto, é pouco provável que esta distinção tenha reflexo no léxico.

- (42) a. O carro que está estacionado no passeio.
b. O carro com que sonhei nunca existiu.

De facto, o nome *carro* na frase em (42)b tem um referente imaginário mas não existe nada no item lexical *carro* que explique as diferenças entre os dois usos. Da mesma forma, numa frase como em (43),

- (43) O hipopótamo é herbívoro.

o nome não tem um referente concreto, mas uma leitura genérica, i.e., está a designar uma classe de indivíduos, e não um indivíduo em particular. Assim, é refutada a definição clássica de *nome abstracto*, uma vez que qualquer nome pode ter uma leitura com carácter abstracto, nestes termos.

Da mesma forma, os usos figurados, por serem da mais variada espécie e por abrangerem vários nomes, terão uma leitura abstracta, mas não farão com que os nomes que permitem esse uso sejam classificados de abstractos (cf. (44)).

- (44) Ele não tem cabeça nenhuma! (*cabeça* \cong *mente*, *capacidade mental*)

Bosque (1999) defende que a distinção entre nomes concretos e abstractos é muito menos pertinente do que a distinção entre nomes contáveis e não contáveis. Por um lado, os nomes abstractos podem ser contáveis ou não contáveis, ou ter ambas as propriedades:

Contáveis: *condição*, *problema*, *propriedade*

Não contáveis: *paciência*, *humor*, *pena*

Contáveis e não contáveis: *alegria*, *desgraça*, *razão*

(exemplos adaptados de Bosque (1999:49)).

As propriedades que partilham com as classes dos nomes contáveis e dos nomes não contáveis e, especialmente, o comportamento sintáctico que delas advém, levam à conclusão de que será pela distinção entre contável e não contável que é possível distingui-los e não pelo facto de serem abstractos ou concretos.

Também a classe dos nomes eventivos, tradicionalmente considerada como uma classe de nomes abstractos, é caracterizada sem ter em conta a distinção entre concreto e abstracto.

Nomes eventivos são um tipo de nomes individuais, contáveis, que designam acontecimentos, em vez de indivíduos ou objectos. São exemplos deste tipo nomes como *acidente, batalha, concerto, curso, eclipse, desfile, encontro*, etc. (Bosque (1999:51)). Tais nomes podem ser ou não, deverbais. Pelo facto de denotarem eventos, estes nomes são argumentos de verbos modais como *começar, acabar*, etc..

Por oposição aos nomes eventivos, existem os nomes de objecto que, ao contrário dos anteriores, não têm valor temporal e, por essa razão, não podem ocorrer como argumentos de verbos modais.

A distinção entre nomes eventivos e nomes de objectos é lexical na medida em que não é extensível a qualquer nome. Assim, a gramática não interpreta da mesma forma nomes como *nuvem* ou *eclipse* (**começou a nuvem* mas *começou o eclipse*). No entanto, estas distinções não ocorrem ao nível da classe de nomes abstractos ou concretos e sim ao nível de interpretações eventivas ou de objecto.

A classificação dos nomes nestas quatro classes (bem como em alguns subtipos das mesmas classes) é uma classificação relevante, na medida em que há argumentos para demonstrar que a gramática da língua lhe é sensível. No entanto, é uma classificação que explora paradigmas de comportamento sintáctico e não tipologias de objectos semânticos.

É, assim, possível verificar que os nomes em estudo, *amigo, funcionário, cão de guarda, pai e homem*, são nomes contáveis, enumeráveis, individuais e de objecto, como tantos outros, cujo comportamento sintáctico em nada faz prever o fenómeno de mudança de significado em estudo e que qualquer generalização terá de ser feita tendo em conta outro tipo de critérios.

3.2. OS NOMES NO LG

O LG permite uma classificação dos diferentes tipos nominais, com base numa rede de tipos semânticos. Esta classificação passa pelo tratamento de três questões:

i) A distinção entre a complementariedade nominal e verbal e o modo como se distinguem as representações dos nomes deverbais e dos nomes que denotam eventos das representações verbais a que correspondem.

ii) A representação da polissemia lógica por forma a que, na sintaxe, esta se distinga da representação dos nomes relacionais.

iii) A contribuição de uma semântica nominal para a compreensão dos mecanismos que permitem a interpretação co-composicional numa língua natural.

Como já foi referido no Capítulo 2, o LG caracteriza, para além da estrutura de herança lexical, três dimensões de análise de um item lexical, aqui sucintamente repetidas:

i) estrutura argumental (número de argumentos de um nome e o seu tipo);

ii) estrutura eventiva (os eventos associados explicita e implicitamente ao nome);

iii) estrutura Qualia (a informação relacional que está associada explicita e implicitamente ao nome).

É essencialmente através destes três níveis representacionais que o LG caracteriza a semântica e o comportamento dos diferentes tipos nominais.

3.2.1. NOMES DE TIPO UNIFICADO

Relembrando a hierarquia de tipos do LG, bem como o mecanismo de herança lexical, descritos no Capítulo 2.1. deste trabalho, esta assume uma rede de tipos múltipla, em que a cada papel na estrutura Qualia está associada uma rede ortogonal independente. Desta forma há diferenciação, pelos papéis Qualia, das estruturas da rede de tipos, resultando numa herança tipificada.

Assim, um tipo unificado será um tipo simples que denota uma conjunção lógica dos seus tipos, unificados pelo seu maior elo mais baixo. Tendo em conta que uma rede de tipos apresenta as características de um conceito como um tipo na hierarquia, a herança ortogonal surge das restrições da informação funcional acerca do objecto dada pelos papéis Qualia. Os diferentes papéis Qualia podem unificar para formar um tipo unificado, se a unificação seguir as regras de boa formação, i.e., unificação pelo maior elo mais baixo.

Dados os tipos ortogonais σ e τ , em(45), a sua unificação originará o tipo unificado σ_τ , em (46):

$$(45) \quad \begin{array}{l} \text{a. } \sigma = [\sigma \dots [Q_T = \alpha]] \\ \text{b. } \tau = [\tau \dots [Q_A = \beta]] \end{array}$$

(46)

$$\left[\begin{array}{l} \sigma_\tau \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{TÉLICO} = \alpha \\ \text{AGENTIVO} = \beta \end{array} \right] \end{array} \right]$$

(Pustejovsky (1995:146))

Tomando como exemplo o nome *comida*, cujo valor para o papel Télico será a actividade *comer*, a construção do tipo *comida* surge de uma restrição, baseada nos Qualia, do tipo *objecto_físico*, i.e., que seja comestível.

$$(47) \quad \begin{array}{l} \text{objecto_físico} \\ \left[\begin{array}{l} \text{ESTR} - \text{ARG} = [\text{ARG}_1 = x : \text{objecto_físico}] \\ \text{QUALIA} = [\text{FORMAL} = x] \end{array} \right] \end{array}$$

$$(48) \quad \begin{array}{l} \text{comida} \\ \left[\begin{array}{l} \text{ESTR} - \text{ARG} = [\text{ARG}_1 = x : \text{objecto_físico}] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{FORMAL} = x \\ \text{TÉLICO} = \text{comer}(e, y, x) \end{array} \right] \end{array} \right] \end{array}$$

(adaptado de Pustejovsky (1995:146)).

Um outro exemplo é o nome *instrumento*, definido como um objecto cujo papel Télico indica uma finalidade_intencional e não uma finalidade_directa (ou seja, o argumento predicativo é o primeiro argumento da relação presente no papel Télico). Tem a representação em (49):

$$(49) \quad \begin{array}{l} \alpha^8 \\ \left[\begin{array}{l} \text{ESTR} - \text{ARG} = [\text{ARG}_1 = x : \text{topo}] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{FORMAL} = x \\ \text{TÉLICO} = R(e, y, x) \end{array} \right] \end{array} \right] \end{array}$$

No entanto, é possível restringir este conceito de **instrumento** ao conceito de **instrumento_artefacto**, unificando o tipo **instrumento** (cujo papel Agentivo não

⁸ O tipo **topo** é usado para marcar representações de meta-entradas. No caso, esta será a representação de um qualquer **instrumento**. Da mesma forma, o predicado presente no papel Télico (*R*) pode ser substituído por um qualquer evento, consoante o caso concreto (e.g. *cortar*, *aparafusar*, etc.).

está especificado) ao tipo **artefacto** (em cujo papel Agentivo está definida a sua criação pelo homem), resultando o tipo unificado **instrumento_artefacto**, em (50):

$$(50) \quad \alpha \left[\begin{array}{l} \text{ESTR} - \text{ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = x : \text{topo} \\ \text{ARG}_1 - \text{D} = y : \text{humano} \end{array} \right] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{FORMAL} = x \\ \text{TÉLICO} = R(e_1, x, y) \\ \text{AGENTIVO} = \text{criar}(e_2, y, x) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

(adaptado de Pustejovsky (1995:148)).

Desta forma, é possível especificar o significado dos itens lexicais, através da unificação de tipos, permitindo que haja herança lexical sobre vários aspectos do significado desse mesmo item.

Note-se que, tirando os nomes que designam conceitos de topo na hierarquia de tipos, também designados por tipo topo ou naturais, a maioria dos nomes será definida através de tipos unificados.

3.2.2 NOMES DE TIPO COMPLEXO

Os tipos complexos são, por excelência, os tipos associados aos nomes que exibem polissemia lógica. Estes nomes podem referir apenas um dos significados isoladamente ou os dois simultaneamente. A estrutura de modelização desta capacidade de um item lexical reunir múltiplos significados é designada por Paradigma Léxico-Conceptual (lcp). Um lcp pretende representar a capacidade de certos itens lexicais para projectar cada um dos significados que veicula em contextos sintácticos e semânticos distintos.

Por exemplo, o nome *jornal* pode significar uma organização, um objecto físico, a informação contida nos artigos jornalísticos ou um edifício, dependendo do contexto, como se ilustra em (51)a, (51)b, (51)c e (51)d, respectivamente:

- (51) a. Os jornais formaram um novo sindicato.
 b. A Maria rasgou o jornal.
 c. O João alegrou-se com o jornal.
 d. O João saiu às nove do jornal.

É através de um lcp que é gerado um tipo complexo que capta o comportamento de nomes como *jornal*. Assim, dado um termo α que tem os significados σ_1 e σ_2 e dada a regra em (52), a aplicação desta regra resulta num tipo aglomerado (*type cluster*), representação do lcp, que contém os dois tipos base e o tipo complexo, como representado em (53):

(52)

$$\frac{\alpha : \sigma_1 \quad \alpha : \sigma_2}{\text{lcp}(\alpha) : \sigma_1 \bullet \sigma_2}$$

(53) $\text{lcp} = \{\sigma_1 \bullet \sigma_2, \sigma_1, \sigma_2\}$.

(Pustejovsky(1999:155))

No caso de *jornal*, o lcp resultante seria o apresentado em (54):

(54) $\text{objecto_físico} \bullet \text{informação} \circ \text{instituição} \circ \text{edifício_lcp} =$
 $= \{\text{objecto_físico} \bullet \text{informação} \circ \text{instituição} \circ \text{edifício},$
 $\text{objecto_físico} \bullet \text{informação},$
 $\text{instituição} \circ \text{edifício},$
 $\text{objecto_físico},$
 $\text{informação},$
 $\text{instituição},$

edifício }

Um lcp não é uma operação de unificação de traços, uma vez que não se resume apenas à soma ou listagem dos tipos associados a um item lexical, mas sim à união da lista dos tipos individuais com o tipo complexo resultante. Daqui resulta que, para um tipo complexo, o valor do papel Formal define a relação entre os argumentos dos diferentes tipos, como se pode ver em (55).

$$(55) \quad \text{jornal} \left[\begin{array}{l} \text{ESTR} - \text{ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = x : \text{instituição} \\ \text{ARG}_2 = y : \text{edifício} \\ \text{ARG}_3 = w : \text{objecto_físico} \\ \text{ARG}_4 = z : \text{informação} \end{array} \right] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{instituição} \circ \text{edifício} \circ \text{obj_físico} \bullet \text{informação_lcp} \\ \text{FORMAL} = \text{conter}(y, x), \text{conter}(w, z) \\ \text{TÉLICO} = \text{ler}(e_2, t, w \bullet z) \\ \text{AGENTIVO} = \text{publicar}(e_1, x, w \bullet z) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

3.2.3. NOMES DE TIPO SIMPLES E DE TIPO COMPLEXO E NOMES RELACIONAIS

Pustejovsky (1995) define nomes relacionais como nomes que denotam um conjunto de indivíduos (não necessariamente humanos mas pelo menos animados) que estabelecem uma relação com, pelo menos, um outro indivíduo. Estas relações serão, basicamente, as relações que se podem estabelecer entre indivíduos animados (*amizade, irmandade, paternidade, vizinhança, etc.*).

Esta propriedade semântica, que caracteriza os nomes relacionais, é dada pelo valor do papel Qualia Formal, (cf. (56)), à semelhança do que ocorre com os nomes do tipo complexo, e contrastando com o valor atómico presente no papel Formal dos nomes do tipo simples, (cf.(57)).

(56) pai

$$\left[\begin{array}{l} \text{ESTR-ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = x : \text{entidade_animada} \\ \text{ARG}_1 - \text{D} = y : \text{entidade_animada} \end{array} \right] \\ \text{QUALIA} = [\text{FORMAL} = \text{ser_pai_de}(e, x, y)] \end{array} \right]$$

(adaptado de Pustejovsky (1995:152))

(57) faca

$$\left[\begin{array}{l} \text{ESTR-ARG} = [\text{ARG}_i = x : \text{instrumento_artefacto}] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{FORMAL} = x \\ \text{TÉLICO} = \text{corta}(e, x, y) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

(adaptado de Pustejovsky (1995:148))

No entanto, há grandes diferenças entre um tipo complexo e um nome relacional, quer em termos de valor do papel Formal, quer em termos da estrutura argumental, quer em termos dos tipos em si.

Um tipo complexo, por si só, indica que o item lexical tem associados a si vários significados. Um nome relacional é um nome de tipo simples. Um tipo complexo é estruturado num lcp, de forma a permitir o acesso aos tipos relativos aos vários significados que o nome veicula, bem como ao tipo complexo resultante da união dos tipos de cada significado. Um nome relacional é, salienta-se mais uma vez, um tipo simples. Esta distinção traz consequências ao nível da estrutura argumental. Assim, compare-se o exemplo de um tipo complexo como *livro*, em (58), com o nome relacional representado em (56):

$$(58) \quad \text{livro} \left[\begin{array}{l} \text{ESTR} - \text{ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = x : \text{obj_físico} \\ \text{ARG}_2 = y : \text{informação} \end{array} \right] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{obj_físico} \bullet \text{informação} \\ \text{FORMAL} = \text{conter}(e_1, x, y) \\ \text{TÉLICO} = \text{ler}(e_2, z, x \bullet y) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

Os dois argumentos presentes na estrutura argumental de *livro* são argumentos verdadeiros⁹, i.e., argumentos que têm obrigatoriamente de ser realizados sintacticamente, apesar de, tratando-se de um nome polissémico, o serem através do mesmo item lexical. Pelo contrário, os argumentos do nome *pai* são um argumento verdadeiro (x) e um argumento por defeito (y). Este último pode ser realizado sintacticamente mas a sua não realização não acarreta agramaticalidade (cf. Capítulo 2.1.).

Pustejovsky (1995) agrupa os nomes de tipo simples (unificados ou naturais), como *faca* ou *homem*, e os nomes de tipo complexo, como *livro*, como classes de nomes predicativos, por oposição aos nomes relacionais.

Apesar de o autor não avançar mais sobre o porquê desta distinção, presume-se que esta derive do facto de os eventos associados aos nomes predicativos serem valores dos papéis Qualia outros que não o Formal, comparem-se (56)', (57)' e (58)':

$$(56)' \text{ pai} = [\dots [\text{Q} = [\text{Formal} = \text{ser_pai_de}(e, x, y)]]]$$

$$(57)' \text{ faca} = [\dots [\text{Q} = [\text{Formal} = x, \text{Télico} = \text{cortar}(e, y, x)]]]$$

$$(58)' \text{ livro} = [\dots [\text{Q} = [\text{Formal} = \text{conter}(e_1, x, y), \text{Télico} = \text{ler}(e_2, z, x \bullet y)]]]$$

⁹ Volta-se a salientar que no modelo do LG o conceito de "argumento" abrange também, para além da selecção argumental de um item lexical, no sentido tradicional da expressão, os objectos semânticos que figuram no significado do item lexical.

3.2.4 NOMES E EVENTOS

Os eventos podem ser denotados por verbos, por nomes ou por proposições. Uma proposição será uma frase em que o verbo tem Tempo, como em (59)a. A grande diferença é que um nome denota um evento não actualizado em termos de Tempo, i.e., não há a asserção de que o evento ocorreu, (cf. (59)b):

(59) a. A Maria chegou às 3 horas.

b. A chegada da Maria às 3 horas

(exemplo adaptado de Pustejovsky (1995:148)).

Assim, é assumido que o Tempo actua como um quantificador generalizado sobre as descrições de eventos, de forma semelhante à dos Especificadores num sintagma nominal.

Um nome pode denotar um evento como um evento de nome próprio (e.g. *25 de Abril*) ou como uma expressão quantificada que descreve um evento (e.g. *toda a guerra*). Veja-se (60):

(60) guerra

$$\left[\begin{array}{l} \text{ESTR} - \text{EVENT} = \left[\begin{array}{l} E_1 = e_1 : \text{processo} \\ \text{NÚCLEO} = [e_1 *] \end{array} \right] \\ \text{ESTR} - \text{ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 - D = x : \text{indivíduo} \\ \text{ARG}_2 - D = y : \text{indivíduo} \end{array} \right] \\ \text{QUALIA} = [\text{AGENTIVO} = \text{acto_de_guerrear}(e_1, x \oplus y)] \end{array} \right]$$

(adaptado de Pustejovsky (1995:162))

O nome descreve, então, um evento entre dois indivíduos, $((e_1, x \oplus y))^{10}$, que podem ou não ser realizados sintacticamente (ARG₁-D, ARG₂-D).

A presença de uma variável eventiva (e de uma estrutura eventiva) na representação dos nomes, à semelhança do que ocorre com os verbos, está directamente ligada ao facto de ser necessário explicar como é que frases como (61) veiculam declarações idênticas.

- (61) a. When wood burns, it requires oxygen.
 b. The burning of wood requires oxygen.¹¹

(exemplos de Pustejovsky (1995:165))

Nomes como *guerra*, (cf. (60)), referem um evento de uma forma muito directa através da sua estrutura Qualia, mas a questão que se coloca é a de saber se o mesmo acontece no caso de nomes deverbais como *burning*. Ou seja, qual será, então, a estrutura Qualia e quais as propriedades eventivas de um nome como *burning*? O nome *burning* (à semelhança do que ocorre com o nome *combustão*) exige a expressão do seu complemento e mantém a estrutura do verbo *to burn*, (cf. (62)).

- (62) burning
- $$\left[\begin{array}{l} \text{ESTR - EVENT} = \left[\begin{array}{l} E_1 = e_1 : \text{processo} \\ \text{NÚCLEO} = [e_1 *] \end{array} \right] \\ \text{ESTR - ARG} = [\text{ARG}_1 = x : \text{obj_físico}] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{causativo_lcp} \\ \text{AGENTIVO} = \text{acto_de_arder}(e_1, x) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

(adaptado de Pustejovsky (1995:167))

¹⁰ O operador \oplus indica que os argumentos partilham o mesmo papel no evento.

¹¹ Foram mantidos os exemplos originais, uma vez que a sua tradução para o português resulta em itens lexicais com radicais diferentes, perdendo-se, assim, a analogia com o verbo:

- (61)' a. Quando a madeira arde exige oxigénio.
 b. A combustão da madeira exige oxigénio.

Deste modo, para efeitos de explicação, serão analisados os exemplos do autor.

O valor do papel Agentivo confirma a obrigatoriedade da expressão do argumento, *x*. Desta forma, o nome *burning* denota o evento completo. Este facto é comprovado pelo facto de verbos modais como *começar*, *acabar*, ou *parar* se poderem combinar tanto com este tipo de nomes como com os verbos que lhes correspondem:

- (63) a. A combustão do carvão começou às 9.00 horas.
b. O carvão começou a arder às 9.00 horas.

O autor analisa outro tipo de nomes como *exame*¹² ou *construção*, que denotam, para além do processo, o evento resultante (cf. (64)).

- (64) a. A construção da casa foi acabada em dois meses.
b. A construção foi interrompida durante as chuvas.
c. A construção fica na próxima rua.

(adaptado de Pustejovsky (1995:170))

O autor defende que estes nomes, que designa de nominais de processo-resultado, são de um tipo complexo cujos subtipos são eventos. O tipo de polissemia exibida por estes nomes é formalmente idêntica à exibida por nomes como *livro* ou *jornal*, i.e., o tipo complexo resulta da união de dois tipos através de um construtor de tipos lcp. Assim, o lcp correspondente a este tipo complexo é

- (65) processo-resultado_lcp = { processo•resultado, processo, resultado },

e a representação de *exame* é a seguinte:

¹² O autor refere o nome inglês *examination* por oposição a *exam*, uma vez que *exam* é um nome polissémico, de tipo complexo **questão•processo** e o nome *examination* é um tipo complexo **evento•evento**. Em português, o item *exame* pode veicular ambos os significados **evento•evento** (*examination*) e **questão•processo** (*exam*) mas, por motivos de apresentação, aqui só será representado o significado correspondente a *examination*, i.e., do tipo *evento•evento*.

$$(66) \quad \text{exame} \quad \left[\begin{array}{l} \text{ESTR-EVENT} = \left[\begin{array}{l} E_1 = e_1 : \text{processo} \\ E_2 = e_2 : \text{estado} \\ \text{RESTR} = < \alpha \end{array} \right] \\ \\ \text{ESTR-ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = \boxed{1} \left[\begin{array}{l} \text{entidade_animada} \\ \text{FORMAL} = \text{obj_físico} \end{array} \right] \\ \\ \text{ARG}_2 = \boxed{2} \left[\begin{array}{l} \text{objecto_físico} \\ \text{FORMAL} = \text{entidade} \end{array} \right] \end{array} \right] \\ \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{causativo_lcp} \\ \text{FORMAL} = \text{resultado_de_examinar}(e_2, \boxed{2}) \\ \text{AGENTIVO} = \text{acto_de_examinar}(e_2, \boxed{1}, \boxed{2}) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

(adaptado de Pustejovsky (1995:171))

O nome *exame* é um objecto complexo composto por um processo e um estado, ligados por uma relação de ordem, em RESTR.

Os nomes derivados de verbos de criação, como *construção* e *desenvolvimento*¹³, podem significar ou o indivíduo que é criado como resultado do processo de inicial ou o processo em si. A diferença entre os verbos de criação como *construir* e verbos como *destruir* é que os primeiros envolvem um estado final e um consequente objecto no valor do seu papel Formal (cf. (67)) ao passo que os últimos negam a inexistência desse objecto como estado final no valor do seu papel Formal (cf.(68)):

¹³ Tradução de *development*. Aqui não será tratado o sentido de *crescimento* que a palavra também tem em português.

(67) construir

$$\left[\begin{array}{l} \text{ESTR - EVENT} = \left[\begin{array}{l} E_1 - D = e_1 : \text{estado} \\ E_2 = e_2 : \text{processo} \\ E_3 = e_3 : \text{estado} \\ \text{RESTR} = < \alpha \\ \text{NÚCLEO} = [e_2^*] \end{array} \right] \\ \\ \text{ESTR - ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = [1] \left[\begin{array}{l} \text{indivíduo} \\ \text{FORMAL} = \text{entidade_animada} \end{array} \right] \\ \\ \text{ARG}_2 = [2] \left[\begin{array}{l} \text{artefacto} \\ \text{CONSTITUTIVO} = [3] \\ \text{FORMAL} = \text{obj_físico} \end{array} \right] \\ \\ \text{ARG}_1 - D = [3] \left[\begin{array}{l} \text{matéria} \\ \text{FORMAL} = \text{matéria} \end{array} \right] \end{array} \right] \\ \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{criação_lcp} \\ \text{FORMAL} = \text{existir}(e_1, \neg [2]), \text{existir}(e_3, [2]) \\ \text{AGENTIVO} = \text{construir}(e_2, [1], [3]) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

(adaptado de Pustejovsky (1995:173))

(68) destruir

$$\left[\begin{array}{l} \text{ESTR - EVENT} = \left[\begin{array}{l} E_1 - D = e_1 : \text{estado} \\ E_2 = e_2 : \text{processo} \\ E_3 = e_3 : \text{estado} \\ \text{RESTR} = < \alpha \\ \text{NÚCLEO} = [e_2^*] \end{array} \right] \\ \\ \text{ESTR - ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = [1] \left[\begin{array}{l} \text{indivíduo} \\ \text{FORMAL} = \text{entidade_animada} \end{array} \right] \\ \\ \text{ARG}_2 = [2] \left[\begin{array}{l} \text{objecto_físico} \\ \text{FORMAL} = \text{obj_físico} \end{array} \right] \end{array} \right] \\ \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{causativo_lcp} \\ \text{FORMAL} = \text{existir}(e_2, [2]), \text{existir}(e_2, \neg [2]) \\ \text{AGENTIVO} = \text{destruir}(e_1, [1], [2]) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

Ao contrário do que se verifica em (67), a representação de verbos como *destruir* (cf.(68)), nega a existência do segundo argumento ($FORMAL = existe(e_2, \neg[2])$). Como atrás foi referido, os nomes que derivam destes verbos irão ter a mesma estrutura.

Existe, ainda, outro tipo de nomes que, apesar de parecerem denotar eventos simples, são objectos complexos. Pustejovsky (1995) dá como exemplo os nomes *almoço* ou *sonata*. Assim, estes nomes denotam, a par de um evento, um objecto:

(69) a. O teu almoço está a ficar frio.

b. Podemos falar durante o almoço.

c. almoço

$$\left[\begin{array}{l} \text{ESTR} - \text{EVENT} = [E_1 = e_1 : \text{processo}] \\ \text{ESTR} - \text{ARG} = [\text{ARG}_1 = x : \text{comida}] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{comida} \circ \text{processo_lcp} \\ \text{FORMAL} = \text{comer}(e_1, w, x) \\ \text{TÉLICO} = \text{comer}(e_1, w, x) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

Faz-se notar que os papéis Qualia Formal e Télico têm, nesta representação, o mesmo valor. Tal decorre do facto de no papel Formal ser explicitada a relação entre os subtipos do tipo complexo – neste caso, x : *comida*, e e_1 :*processo* – e no papel Télico ser caracterizada a finalidade ou função do conceito denotado pelo item lexical representado. Neste caso, estes valores coincidem.

(70) a. A Maria está na Praça Harvard à procura das sonatas de Bach.

b. Só vamos chegar ao concerto depois da sonata de Bach.

c. sonata

$$\left[\begin{array}{l} \text{ESTR} - \text{ARG} = [\text{ARG}_1 = x : \text{música}] \\ \text{ESTR} - \text{EVENT} = [\text{E}_1 = e_1 : \text{processo}] \\ \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{música} \circ \text{processo_lcp} \\ \text{FORMAL} = \text{tocar}(e_1, w, x) \\ \text{TÉLICO} = \text{ouvir}(e_2, z, e_1) \\ \text{AGENTIVO} = \text{compor}(e_3, y, x) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

(adaptado de Pustejovsky (1995:174))

Por fim, existem nomes que denotam um tipo complexo que combina um tipo *evento* com um tipo *proposição*. Para ilustrar este caso, o autor refere o nome *belief* (crença), de difícil tradução para o português, uma vez que, apesar de o nome *crença* permitir contextos sintático-semânticos semelhantes aos permitidos pelo nome *belief*, a sua correspondência com o verbo *acreditar* não é tão transparente como acontece para o inglês com *belief* e *to believe*. Assim sendo, serão apresentados os exemplos de Pustejovsky (1995:175-176).

- (71) a. Mary believes that John is sick.
(A Maria acredita que o João está doente).
b. Mary believes the story.
(A Maria acredita na história).
c. Mary believes John.
(A Maria acredita no João).
- (71)' a. Mary's belief that John is sick
(A crença da Maria em que o João está doente).
b. Mary's belief in the story
(A crença da Maria na história).
c. Mary's belief in John
(A crença da Maria no João).

Tendo em conta que o lcp deste objecto complexo é o dado em (72), resultando na denotação da proposição complemento e do estado de ter esta atitude, a representação de *belief* será a apresentada em (73).

(72) estado•proposição_lcp = {estado•proposição, estado, proposição}

(73) belief

$$\left[\begin{array}{l} \text{ESTR} - \text{EVENT} = [E_1 = e_1 : \text{estado}] \\ \text{ESTR} - \text{ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = x : \text{proposição} \\ \text{ARG}_1 - \text{D} = y : \text{humano} \end{array} \right] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{estado} \bullet \text{proposição_lcp} \\ \text{FORMAL} = x, \text{acreditar}(e_1, y, x) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

(adaptado de Pustejovsky (1995:175))

3.2.5. NOMES DE NÍVEL INDIVIDUAL E NOMES DE NÍVEL TEMPORÁRIO

Quer os nomes de nível individual, quer os nomes de nível temporário são nomes de tipo unificado que denotam actividades ou estados. A diferença, como o nome indica, reside nas características dos eventos denotados. Ao passo que os nomes de nível individual são, nas palavras de Pustejovsky (1995:229), nomes "definidores de papel ou função", i.e., denotam uma actividade que define de uma forma permanente um indivíduo (por exemplo, *pianista*, *médico*), os nomes de nível temporário são nomes "definidos situacionalmente", i.e., são nomes que definem um indivíduo apenas e só quando este está a exercer a actividade denotada pelo nome (por exemplo: *passageiro*, *cliente* (Pustejovsky (1995:229))).

Considerem-se os exemplos:

- (74) a. O violinista está a almoçar na cafetaria.
b. Os passageiros estão a almoçar no avião.

O nome de nível individual, em (74)a, não exige que a actividade que denota se verifique no momento da referência – o violinista está a almoçar e não a tocar violino. Pelo contrário, o nome de nível temporário, em (74)b, requer que a actividade por ele denotada se verifique no momento de referência – os passageiros estão a almoçar e estão, simultaneamente, a viajar.

Estas características são expressas ao nível dos valores dos papéis Qualia, nomeadamente dos papéis Télico e Agentivo. Comparem-se as representações em (75) e (76).

$$(75) \quad \left[\begin{array}{l} \text{passageiro} \\ \dots \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{FORMAL} = x \\ \text{AGENTIVO} = \text{viajar}(e, x) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

$$(76) \quad \left[\begin{array}{l} \text{violinista} \\ \dots \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{FORMAL} = x \\ \text{TÉLICO} = \text{tocar}(e, x, y : \text{violino}) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

(adaptado de Pustejovsky (1995:230)).

Verifica-se que o nome *passageiro* é semanticamente definido por ser o agente da actividade que denota (AGENTIVO = viajar(e,x)), ao passo que o nome *violinista* é definido pela função que caracteristicamente exerce (TÉLICO = tocar(e, x, y:violino)). A leitura genérica ou individual está associada ao papel Télico na estrutura Qualia do nome e a leitura situacional ou temporária está associada ao papel Agentivo do nome. Deste modo, numa expressão como (77), o indivíduo associado ao nome será simultaneamente o agente do evento *almoçar* e do evento *viajar* (cf. (77)').

(77) O passageiro almoça.

$$(77)' \quad \left[\begin{array}{l} \text{O passageiro almoça} \\ \text{ESTR – EVENT} = [E_1 = e_1 : \text{processo}] \\ \text{ESTR – ARG} = \left[\text{ARG}_1 = \boxed{1} \left[\begin{array}{l} \text{humano} \\ \text{ESTR – ARG} = [\text{ARG}_1 = x : \text{humano}] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{FORMAL} = x \\ \text{AGENTIVO} = \text{viajar}(e_2, x) \end{array} \right] \end{array} \right] \\ \text{QUALIA} = [\text{FORMAL} = \text{almoçar}(e_1, \boxed{1})] \end{array} \right]$$

3.3. CARACTERIZAÇÃO DOS NOMES EM ESTUDO

Nos pontos 3.1. e 3.2. deste capítulo foram expostos dois sistemas de classificação dos nomes baseados em critérios algo diferentes e com objectivos bastante distantes.

Neste ponto, proceder-se-á à caracterização dos nomes em estudo, *amigo*, *funcionário*, *cão de guarda*, *pai* e *homem*, tendo em conta, para tal, o sistema que melhor se adequa à representação e explicação do fenómeno de mudança de significado em sintagmas nominais modificados, em função da posição do adjectivo.

Como já foi referido no final do ponto 3.1., segundo a classificação de Bosque (1999), os nomes em estudo, *amigo*, *funcionário*, *cão de guarda*, *pai* e *homem*, são nomes contáveis, enumeráveis, individuais e de objecto, como tantos outros. Por tal razão, não há nada nesta classificação que faça prever o fenómeno de mudança de significado em questão. No entanto, a caracterização dos nomes no quadro do LG permite constatar que os nomes em estudo pertencem a três classes nominais diferentes, a saber:

Nomes de nível individual (*funcionário*, *cão de guarda*) (cf. ponto 3.2.5.).

Nomes relacionais (*amigo*, *pai*) (cf. ponto 3.2.3.).

Nomes naturais (*homem*) (cf. 3.2.1.).

A caracterização dos nomes *funcionário* e *cão de guarda* como nomes de nível individual é sustentada pelo facto de estes nomes denotarem actividades ou estados que não exigem que o indivíduo também denotado pelo nome as exerça ou verifique no momento de referência. Assim, as frases em (78) são possíveis:

- (78) a. O funcionário está de férias. (Logo, não está a exercer a sua função no momento de referência).
 b. O cão de guarda está a dormir. (Logo, não está a guardar no momento da referência).

Para além disso, os eventos denotados por estes nomes são representados pelo valor do papel Télico da sua estrutura Qualia, facto que comprova a sua pertença a esta classe, uma vez que a leitura individual está associada ao papel Télico. Desta forma, as representações dos nomes *funcionário* e *cão de guarda*, em (79) e (80), respectivamente, demonstram que estes nomes são nomes de nível individual e de tipo unificado.

(79) *funcionário*

$$\left[\begin{array}{l} \text{ESTR} - \text{ARG} = [\text{ARG}_1 = x : \text{humano}] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{FORMAL} = x \\ \text{TÉLICO} = \text{exercer_uma_função}(e_1, x) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

(80) *cão_de_guarda*

$$\left[\begin{array}{l} \text{ESTR} - \text{ARG} = [\text{ARG}_1 = x : \text{animal}] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{FORMAL} = x \\ \text{TÉLICO} = \text{guardar}(e_1, x) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

Os nomes *amigo* e *pai* são necessariamente nomes relacionais, uma vez que denotam um indivíduo que estabelece uma relação com, pelo menos, outro indivíduo.

Assim sendo, esta relação é representada pelo valor do papel Formal na estrutura Qualia destes nomes, dado que este estabelece a ligação entre os elementos da estrutura argumental do nome. A representação dos nomes *amigo* e *pai* são as que se seguem em (81) e (82):

$$(81) \quad \begin{array}{l} \text{amigo} \\ \left[\begin{array}{l} \text{ESTR-ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = x : \text{humano} \\ \text{ARG}_1 - \text{D} = y : \text{humano} \end{array} \right] \\ \text{QUALIA} = [\text{FORMAL} = \text{manter_relação_de_amizade}(e_1, x, y)] \end{array} \right] \end{array}$$

$$(82) \quad \begin{array}{l} \text{pai} \\ \left[\begin{array}{l} \text{ESTR-ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = x : \text{humano} \\ \text{ARG}_1 - \text{D} = y : \text{humano} \end{array} \right] \\ \text{QUALIA} = [\text{FORMAL} = \text{ter_relação_de_paternidade}(e_1, x, y)] \end{array} \right] \end{array}$$

Os elementos presentes na estrutura argumental destes nomes incluem um argumento por defeito, uma vez que, apesar de poderem não se realizar sintacticamente, também o podem ser sem que isso gere agramaticalidade:

- (83) a. O amigo veio ontem.
b. O amigo do João veio ontem.

- (84) a. O pai chegou a casa.
b. O pai do João chegou a casa.

Finalmente, temos o nome *homem*¹⁴, considerado um nome natural visto o seu tipo ser um tipo de topo na hierarquia. É um nome essencialmente subespecificado (cf. (85)).

¹⁴ Note-se que *homem* é um nome polissémico. No entanto, no âmbito do presente trabalho, só será tratado o significado de "indivíduo masculino da espécie humana".

$$(85) \quad \text{homem} \\ \left[\begin{array}{l} \text{ESTR} - \text{ARG} = [\text{ARG}_1 = x : \text{humano}] \\ \text{ESTR} - \text{QUALIA} = [\text{FORMAL} = x] \end{array} \right]$$

No entanto, vários fenómenos, entre eles o fenómeno de modificação aqui em estudo, levam a crer que, em muitos casos, o significado do nome *homem* não será tão vazio, i.e., tão subespecificado. Este caso será analisado posteriormente.

Como conclusão, é possível caracterizar estes nomes como de tipo **entidade_animada**, na sua maioria de tipo **humano**, de tipo unificado (exceptuando o nome *homem*), que, sem serem nomes eventivos, i.e., cujo significado seja do tipo evento (como *destruição*, cf. ponto 3.2.4.), a definição das suas propriedades semânticas – representadas pelos valores na sua estrutura Qualia – passa pela denotação de eventos (novamente, com a excepção do nome *homem*). Estes dados serão de suma importância na análise da modificação adjectival.

3. OS NOMES

4. OS ADJECTIVOS

De modo a conseguir uma descrição dos dados que exemplificam o fenómeno em estudo, é necessário tentar estabelecer os traços comuns aos adjectivos que permitem a mudança de significado dos sintagmas nominais em que ocorrem, de acordo com a sua posição em relação ao nome modificado. Assim, a descrição dos tipos de adjectivos e o seu enquadramento em classes sintáctico-semânticas podem ser relevantes para a identificação dos traços comuns aos itens lexicais que permitem este fenómeno.

4.1 CLASSES DE ADJECTIVOS

4.1.1. ADJECTIVOS QUALIFICATIVOS E ADJECTIVOS RELACIONAIS

Uma primeira distinção a fazer será entre a classe dos adjectivos qualificativos ou predicativos e a classe dos adjectivos relacionais ou não predicativos. Trata-se de uma distinção baseada em critérios essencialmente sintácticos e que, de acordo com Casteleiro (1981), é estabelecida através de quatro propriedades sintácticas:

- (A) A propriedade pós-nominal (Det N Adj)
- (B) A propriedade pré-nominal (Det Adj N)
- (C) A propriedade de grau (Det N *muito* Adj)

(D) A propriedade predicativa (N *ser* Adj)

É o comportamento dos adjectivos face a estas propriedades que vai determinar a classe a que pertencem.

Regra geral, os adjectivos predicativos aceitam todas as construções descritas em (A), (B), (C) e (D), enquanto os adjectivos não predicativos apenas possuem a propriedade (A):

Adjectivo predicativo

- (86) a. Adoro as paisagens calmas.
 b. Adoro as calmas paisagens.
 c. Adoro as paisagens muito calmas.
 d. Adoro as paisagens que são calmas (As paisagens são calmas).

Adjectivo não predicativo

- (87) a. Adoro as casas rurais.
 b.*Adoro as rurais casas.
 c.*Adoro as casas muito rurais.
 d.?*Adoro as casas que são rurais. (*As casas são rurais)¹⁵.

(Casteleiro (1981:52))

Recordando os exemplos em (1), e tendo em conta que a posição do adjectivo faz parte do fenómeno em estudo, verifica-se que todos os adjectivos em causa possuem as propriedades (A) e (B) – propriedades pós e pré-nominal, respectivamente. No entanto, verifica-se que, apesar de estes adjectivos poderem ocorrer nas construções dadas em (C) e (D), sendo, portanto, adjectivos predicativos, apenas o permitem na leitura da posição pós-nominal.

¹⁵ Note-se que em algumas situações, é possível a ocorrência destes adjectivos em construções predicativas:

Aqui, as casas são rurais, não são nada sofisticadas.

- (88) a. Adoro os amigos muito velhos.
b. Adoro os amigos que são velhos. (Os amigos são velhos.)
- (89) a. Adoro os funcionários muito altos.
b. Adoro os funcionários que são altos. (Os funcionários são altos.)
- (90) a. Adoro os cães de guarda muito maus.
b. Adoro os cães de guarda que são maus. (Os cães de guarda são maus.)
- (91) a. Adoro os pais muito ricos.
b. Adoro os pais que são ricos. (Os pais são ricos.)
- (92) a. Adoro os homens muito pobres.
b. Adoro os homens que são pobres. (Os homens são pobres.)
- (93) a. Adoro os homens muito grandes.
b. Adoro os homens que são grandes. (Os homens são grandes.)

Recorrendo aos exemplos (86)a *paisagens calmas* e (86)b *calmas paisagens*, é também visível que esta distinção é uma condição necessária mas não suficiente para que o fenómeno da mudança de significado do sintagma nominal ocorra.

Demonte (1999) distingue, de acordo com o significado intrínseco dos adjectivos, duas classes de adjectivos classificadores ou atribuidores de propriedade (cf. Quadro 2): os adjectivos predicativos ou qualificativos e os adjectivos não predicativos ou relacionais.

Quadro 2: Classes Semânticas de Adjectivos

<u>Segundo o seu significado:</u>	
<u>Avaliadores da intensão dos termos</u>	<u>Intensionais Modais:</u> - epistémicos (e.g. <i>possível</i>).
	<u>Intensionais Focalizadores ou Marcadores:</u> - marcadores da atitude do falante (e.g. <i>principal</i>).
<u>Classificadores</u>	<u>Relacionais:</u> - indicadores de propriedades que o nome modificado possui pela sua relação com algo externo a ele (e.g. <i>presidencial</i>).
	<u>Qualificativos:</u> - designativos de qualidades no sentido estrito (e.g. <i>bonito</i>).

Os adjectivos qualificativos são adjectivos que expressam uma só propriedade que se refere a um traço constitutivo do nome que modificam (cor, forma, carácter, etc.): *caderno preto, parede estreita, rapaz ingénuo*. A relação que resulta desta atribuição de uma só propriedade é uma relação de incidência que, geralmente, se pode parafrasear através de uma oração copulativa caracterizadora:

(94) O caderno preto – O caderno é preto.

Os adjectivos relacionais são adjectivos que expressam um conjunto de propriedades – características que em conjunto definem a entidade – e que estabelecem uma relação entre esse conjunto de propriedades e os traços constitutivos da entidade denominada pelo nome: *porto marítimo, vaca leiteira, passeio campestre* (adaptados de Demonte (1999:138)). As relações semânticas que resultam desta atribuição de um conjunto de propriedades são mais complexas (cf. (95)).

(95) vaca leiteira – vaca que tem como característica dar leite para fins de produção comercial.

Os testes sintácticos apresentados para distinguir os membros destas duas classes incluem os testes (C) e (D) de Casteleiro (1981) – teste (E) – mas a autora acrescenta o teste (F), de bastante importância:

(E) a possibilidade de ocorrer em construções comparativas;

(F) a possibilidade de formar sistemas de polaridade.

De facto, a autora considera que apenas estes dois testes distinguem satisfatoriamente as duas classes de adjectivos, e atribui este facto à condição quase nominal dos adjectivos relacionais. Os adjectivos relacionais não admitem grau nem admitem entrar em construções predicativas porque, à semelhança dos nomes, se referem a um conjunto de traços e, como tal, seria difícil precisar qual o traço que se estaria a medir ou graduar (cf.(97)), ao passo que os adjectivos qualificativos aceitam as duas construções (cf. ((96))).

(96) a. O sabor desta fruta é mais doce do que o da anterior.

b. Este rapaz é alto. Este rapaz é baixo.

(97) *Este sabor é mais mineral do que aquele.

b. A política cultural. *A política acultural.

(exemplos adaptados de Demonte (1999:138)).

Por outro lado, ambos os autores realçam que a propriedade predicativa não é exclusiva mas característica da classe dos adjectivos predicativos ou qualificativos, havendo adjectivos não predicativos ou relacionais que admitem a posição predicativa quer por se encontrarem em contextos do tipo enfático-contrastivo, derivados, (cf. (98)) quer por terem traços eventivos, como acontece com certos nomes (cf. (99)).

(98) (Essas viaturas são viaturas municipais) → Essas viaturas são municipais.

(Casteleiro (1981:57))

(99) O acordo constitucional / Este acordo é constitucional.

Mais uma vez, é possível confirmar que os adjectivos dos exemplos em estudo (de (88) a (93)) pertencem à classe dos adjectivos qualificativos:

(89)' a. Este amigo é mais velho que aquele.

b. Este amigo é velho. Este amigo é novo.

(90)' a. Este funcionário é mais alto que aquele.

b. Este funcionário é alto. Este funcionário é baixo.

(91)' a. Este cão de guarda é pior que aquele.

b. Este cão de guarda é mau. Este cão de guarda é bom.

(91)' a. Este pai é mais rico que aquele.

b. Este pai é rico. Este pai é pobre.

(92)' a. Este homem é mais pobre que aquele.

b. Este homem é pobre. Este homem é rico.

(93)' a. Este homem é maior que aquele.

b. Este homem é grande. Este homem é pequeno.

Assim, de acordo com os testes e as classificações apresentadas, verifica-se que os adjectivos, segundo o seu significado intrínseco, são adjectivos classificadores predicativos ou qualificativos. No entanto, existem ainda mais três classes de adjectivos segundo as relações semânticas que estes estabelecem com os nomes que modificam, apresentadas seguidamente no Quadro 3 (os exemplos apresentados neste quadro são adaptados de Demonte (1999:142-146)).

Quadro 3: Classes de Adjectivos

<u>Segundo as relações semânticas que estabelecem com os nomes:</u>	
<u>Individuais ou Estáveis /</u> <u>Episódicos ou de Estado:</u> – atribuem qualidades de forma permanente ou passageira.	<u>Individuais:</u> predicam situações estáveis, propriedades permanentes que não sofrem qualquer restrição espacial ou temporal. Predicam-se com o verbo <i>ser</i> . (e.g. <i>psicopata</i>)
	<u>Episódicos:</u> referem-se a estados, situações ou propriedades transitórias que têm limitações espaciais e temporais. Predicam-se com o verbo <i>estar</i> . (e.g. <i>seco</i>)
<u>Absolutos ou Intersectivos/</u> <u>Relativos ou Subsectivos:</u> – aplicam-se à entidade referida unicamente pelo nome ou à classe de objectos com que se cruza a entidade nominal.	<u>Absolutos:</u> atribuem uma propriedade em sentido absoluto como a intersecção ou conjunção entre a classe de objectos designada pelo nome e a classe de objectos que possui a propriedade definida pelo adjectivo. (e.g. <i>o/um elefante é quadrúpede</i>)
	<u>Relativos:</u> não há intersecção entre a classe de objectos designada pelo nome e a classe de objectos que possui a propriedade definida pelo adjectivo. (e.g. <i>o/um elefante pequeno</i>).
<u>Restritivos ou</u> <u>Especificativos /</u> <u>Não Restritivos ou</u> <u>Explicativos:</u> – restringem ou não a extensão do referente nominal, de acordo com a posição do adjectivo.	<u>Restritivos:</u> modificam a extensão do termo no sentido em que da modificação adjectival resulta um novo referente. Posição pós-nominal do adjectivo. (e.g. <i>as meninas tímidas</i>)
	<u>Não Restritivos:</u> modificam a intensão nominal mas não alteram o referente. Posição pré-nominal do adjectivo. (e.g. <i>as tímidas meninas</i>)

4.1.2. ADJECTIVOS INDIVIDUAIS E ADJECTIVOS EPISÓDICOS

A esta classe podem pertencer quer os adjectivos relacionais quer os adjectivos qualificativos. Tendo em conta que, em português como em castelhano, existe a possibilidade de usar como verbo de cópula os verbos *ser* ou *estar*, é possível distinguir os adjectivos relacionais, quando em contextos predicativos, pelo facto de estes só se poderem predicar com o verbo *ser*, demonstrando assim que denotam propriedades estáveis ou individuais:

- (100) a. Estas viaturas *são* municipais.
 b.*Estas viaturas *estão* municipais.
- (101) a. Este acordo *é* parlamentar.
 b.*Este acordo *está* parlamentar.

Por outro lado, os adjectivos qualificativos podem predicar-se com o verbo *ser* ou com o verbo *estar*, podendo, deste modo, referir propriedades permanentes ou transitórias:

- (102) a. O Pedro *é* alto.
 b. O Pedro *está* alto.
- (103) a. O Pedro *está* aborrecido.
 b. O Pedro *é* aborrecido.

(exemplos adaptados de Demonte (1999:143))

Geralmente, os adjectivos qualificativos apenas reflectem esta dupla interpretação quando em orações copulativas (é o verbo usado que define o valor individual ou episódico do adjectivo), sendo a sua leitura por defeito, quando em posição interna ao sintagma nominal, a de adjectivo individual. No entanto, os adjectivos que só admitem leitura episódica – adjectivos que expressam mudança de

estado, por exemplo – quando em posição adnominal mantêm esta leitura e só podem surgir em posição pós-nominal:

- (104) a. um vaso cheio
b. *um cheio vaso

(exemplos adaptados de Demonte (1999:143))

Por outro lado, também os adjectivos participiais são adjectivos episódicos e tal reflecte-se no facto de poderem ocorrer como predicados secundários, ao passo que os adjectivos qualificativos por excelência, e logo adjectivos individuais por defeito, não admitem entrar em tais construções:

- (105) a. A Maria dançou descalça.
b.*A Maria dançou alta.

(exemplos adaptados de Demonte (1999:143))

Deste modo, os adjectivos qualificativos são descritos como possuidores de um significado de base (de predicado individual) que pode ser alterado em certas condições e não como adjectivos portadores de dois traços alternativos.

Tendo em conta que, nos casos em estudo, a posição do adjectivo é necessariamente adnominal e que não ocorre mudança de significado (nem de posição relativa, note-se) quando em orações copulativas, e recordando ainda que se trata de adjectivos qualificativos, pode concluir-se que estes serão adjectivos individuais ou adjectivos episódicos consoante permitirem construções com o verbo *ser* ou com o verbo *estar*¹⁶, sem que, no entanto, tal classificação, por ora, seja relevante. Como adjectivos qualificativos espera-se que o seu valor de base seja o de predicado individual, o que se pode verificar pelo seu comportamento quando em estruturas de predicação secundária (vejam-se os exemplos em (106)).

¹⁶ Exemplos: *O funcionário é alto; O funcionário está alto; O amigo é velho; O amigo está velho, etc..*

- (106) a. *A Maria dançou velha.
 b. *A Maria dançou má.
 c. *A Maria dançou alta.
 d. *A Maria dançou rica.
 e. *A Maria dançou pobre.
 f. *A Maria dançou grande.

4.1.3. ADJECTIVOS ABSOLUTOS E ADJECTIVOS RELATIVOS

Os adjectivos qualificativos são, pelo facto de intrinsecamente expressarem uma só propriedade, os candidatos por excelência à ambiguidade entre as leituras absoluta e relativa. Pelo contrário, os adjectivos relacionais, mais uma vez pelo facto de intrinsecamente expressarem um conjunto de propriedades, dificilmente podem admitir este tipo de ambiguidade. Para estes últimos, seria difícil precisar qual das propriedades, do conjunto expresso pelo adjectivo, intersecta com as propriedades que caracterizam a classe de objectos referida pelo nome modificado.

Segundo Demonte (1999), é possível distinguir estas duas leituras de acordo com:

- (i) a possibilidade de aceitação da paráfrase <Adj *como / enquanto* N>;
- (ii) a sensibilidade à negação aplicada a um segundo elemento membro da mesma classe semântica a que pertence o nome ou seu hiperónimo.

- (107) a. O Piu-piu é um pássaro grande. O Piu-piu é grande como / enquanto pássaro.
 b. Este líquido é alcatrão preto.*Este líquido é preto como / enquanto alcatrão.
- (108) a. Este animal é um pássaro grande. Este animal, que não é grande, é um pássaro grande.

b. Este líquido é alcatrão preto.*Este líquido, que não é preto, é alcatrão preto.

Assim, são adjectivos relativos os que exibem as propriedades descritas em (i) e (ii) e são adjectivos absolutos os que não admitem (i) nem (ii). Demonte (1999) ressalva, no entanto, que, na maioria dos casos, esta distinção não é tão simples, pelo que afirma que os adjectivos são relativos quando referem propriedades cuja interpretação dependa grandemente do contexto. Note-se que esta tarefa se pode complicar quando o nome modificado não pressupõe uma medida de avaliação clara, como em *o pai afectuoso* ou em *a lua sombria* (Demonte (1999: 145)).

Em relação à possibilidade de serem adjectivos absolutos ou adjectivos relativos, os adjectivos em estudo não se comportam de forma regular. Aplicando os testes (i) e (ii) aos exemplos em (1) (aqui de (109) a (114)), mantendo, porém, a ordem do adjectivo relativamente ao nome, obtêm-se os seguintes resultados:

- (109) a. O João é um amigo velho. ?O João é velho como / enquanto amigo.
 b. Este indivíduo é um amigo velho. ?Este indivíduo, que não é velho, é um amigo velho.
- (109)' a. O João é um velho amigo. O João é velho como / enquanto amigo.
 b. Este indivíduo é um velho amigo. Este indivíduo, que não é velho, é um velho amigo.
- (110) a. O João é um funcionário alto. ?#O João é alto como / enquanto funcionário.
 b. Este indivíduo é um funcionário alto. ?#Este indivíduo, que não é alto, é um funcionário alto.
- (110)' a. O João é um alto funcionário. ?#O João é alto como / enquanto funcionário.
 b. Este indivíduo é um alto funcionário. Este indivíduo, que não é alto, é um alto funcionário.

- (111) a. O Farrusco é um cão de guarda mau. ?O Farrusco é mau como / enquanto cão de guarda.
b. Este animal é um cão de guarda mau. ?Este animal, que não é mau, é um cão de guarda mau.
- (111)' a. O Farrusco é um mau cão de guarda. O Farrusco é mau como / enquanto cão de guarda.
b. Este animal é um mau cão de guarda. Este animal, que não é mau, é um mau cão de guarda.
- (112) a. O João é um pai rico. *O João é rico como / enquanto pai.
b. Este indivíduo é um pai rico. *Este indivíduo, que não é rico, é um pai rico.
- (112)' a. O João é um rico pai. O João é rico como / enquanto pai.
b. Este indivíduo é um rico pai. Este indivíduo, que não é rico, é um rico pai.
- (113) a. O João é um homem pobre. ?O João é pobre como / enquanto homem.
b. Este indivíduo é um homem pobre. ?Este indivíduo, que não é pobre, é um homem pobre.
- (113)' a. O João é um pobre homem. O João é pobre como / enquanto homem.
b. Este indivíduo é um pobre homem. Este indivíduo, que não é pobre, é um pobre homem.
- (114) a. O João é um homem grande. O João é grande como / enquanto homem.
b. Este indivíduo é um homem grande. Este indivíduo, que não é grande, é um homem grande.
- (114)' a. O João é um grande homem. O João é grande como / enquanto homem.
b. Este indivíduo é um grande homem. Este indivíduo, que não é grande, é um grande homem.

É possível distinguir três tipos de comportamentos face aos testes apresentados em (i) e (ii).

COMPORTAMENTO 1:

O adjectivo aceita ambas as paráfrases, logo, é um adjectivo relativo, mas quando em posição pós-nominal, as frases resultantes têm a mesma interpretação do que a dos sintagmas nominais com o adjectivo em posição pré-nominal (cf. exemplos (109), (111) e (113)):

(109)" a. O João é velho como/enquanto amigo.

b. Este indivíduo, que não é velho, é um amigo velho.

Interpretação: velho amigo \cong *indivíduo que mantém uma relação de amizade há muito tempo.*

(111)" a. O Farrusco é mau como/ enquanto cão de guarda.

b. Este animal, que não é mau, é um cão de guarda mau.

Interpretação: mau cão de guarda \cong *cão que exerce mal a função de guardar algo*

(113)" a. O João é pobre como/ enquanto homem.

b. Este indivíduo, que não é pobre, é um homem pobre.

Interpretação: pobre homem \cong *indivíduo humano que inspira piedade.*

COMPORTAMENTO 2:

O adjectivo não aceita as paráfrases quando em posição pós-nominal, sendo, neste caso, absoluto ou intersectivo (cf. (112)), mas aceita as paráfrases quando em posição pré-nominal, sendo, portanto, relativo ou subsectivo (cf. (112)').

(112)" O João é um pai rico.

Interpretação: pai rico \cong *indivíduo de muitas posses que exerce a paternidade.*

*O João é rico como / enquanto pai.

Interpretação: rico pai \cong *indivíduo que tem muitas qualidades a exercer a paternidade.*

b. *Este indivíduo, que não é rico, é um pai rico.

Interpretação: rico pai \cong *indivíduo que tem muitas qualidades a exercer a paternidade.*

COMPORTEAMENTO 3:

O adjectivo aceita as paráfrases em ambas as posições, pós e pré-nominal, mas a leitura da frase torna-se ambígua na paráfrase <Adj *como/enquanto* N>, como é o caso de (114):

(114)" O João é grande como / enquanto homem.

Interpretação 1: homem grande \cong *indivíduo humano de dimensões avantajadas*

Interpretação 2: grande homem \cong *indivíduo humano com muito valor social.*

Em relação ao exemplo (110), apesar de as paráfrases em (110)a. e (110)'a. gerarem frases semanticamente estranhas, parece tratar-se de um caso semelhante a (114), sugerindo também ambiguidade:

(110)" ?#O João é alto como / enquanto funcionário

Interpretação 1: funcionário alto \cong *humano de estatura elevada que exerce uma função*

Interpretação 2: alto funcionário \cong *humano que exerce uma função elevada.*

Por outro lado, o comportamento destes adjectivos é regular, quando em sintagmas nominais que não permitem mudança de significado, e evidencia tratar-se de relativos, como se pode ver nos exemplos de (115) a (120):

- (115) a. O João é um homem velho / velho homem. O João é velho como/ enquanto homem.
b. Este indivíduo é um homem velho / velho homem. Este indivíduo, que não é velho, é um homem velho / velho homem.
- (116) a. Esta construção é um prédio alto / alto prédio. Esta construção é alta como/ enquanto prédio.
b. Esta construção é um prédio alto / alto prédio. Esta construção, que não é alta, é um prédio alto / alto prédio.
- (117) a. Este apartamento é um escritório mau / mau escritório. Este apartamento é mau como/ enquanto escritório.
b. Este apartamento é um escritório mau / mau escritório. Este apartamento, que não é mau, é um escritório mau / mau escritório.
- (118) a. Este prato é uma refeição rica / rica refeição. Este prato é rico como/ enquanto refeição.
b. Este prato é uma refeição rica / rica refeição. Este prato, que não é rico, é uma refeição rica / rica refeição.
- (119) a. Este prato é uma refeição pobre / pobre refeição. Este prato é pobre como/ enquanto refeição.
b. Este prato é uma refeição pobre / pobre refeição. Este prato, que não é pobre, é uma refeição pobre / pobre refeição.
- (120) a. Esta construção é um muro grande / grande muro. Esta construção é grande como/ enquanto muro.
b. Esta construção é um muro grande / grande muro. Esta construção, que não é grande, é um muro grande / grande muro.

Deste modo, é possível verificar que os adjectivos em estudo são caracteristicamente relativos no que respeita às relações semânticas que mantêm com os nomes que modificam, apesar de, na maioria dos casos, esta propriedade favorecer a interpretação semântica directamente ligada à posição pré-nominal.

4.1.4. ADJECTIVOS RESTRITIVOS E ADJECTIVOS NÃO RESTRITIVOS

A primeira condição a ter em conta em relação à possibilidade de ambiguidade entre estas duas leituras é a de que esta ambiguidade só se manifesta em sintagmas definidos. Uma vez que a distinção se baseia na modificação ou manutenção da extensão do termo nominal é necessária a pressuposição da existência de um referente. Os sintagmas nominais definidos tendem a ter uma leitura referencial, ao passo que os sintagmas nominais indefinidos tendem a veicular informação nova.

A segunda condição a ponderar é a de que apenas os adjectivos qualificativos podem exibir esta dualidade de leituras, dado que esta deriva directamente da posição do adjectivo em relação ao nome, nas construções adnominais, e, como tal, não é possível quando se trata de adjectivos relacionais, pois estes não aceitam a posição pré-nominal.

Desta forma, a posição pós-nominal restringe o universo de entidades referido pelo nome, opondo o subconjunto de entidades que verificam a propriedade designada pelo adjectivo a quaisquer outros: *Os meninos simpáticos* (vs. *Os meninos extrovertidos*). Pelo contrário, a posição pré-nominal apenas realça um traço da entidade denotada pelo nome: *Os simpáticos meninos* (vs. *?*Os extrovertidos meninos / Os meninos extrovertidos*).

No que respeita à aplicação desta distinção aos adjectivos em estudo, há a salientar que se torna difícil aplicá-la, uma vez que esta depende directamente da posição do adjectivo em relação ao nome modificado. Se a posição pós-nominal do adjectivo marca, normalmente, o seu valor restritivo, resultando desta modificação

um novo referente nominal, pode concluir-se, *a priori*, que os adjectivos em estudo serão sempre adjectivos não restritivos. No entanto, pode dizer-se que, nos casos em estudo, da modificação adjectival na posição pré-nominal também resulta um novo referente, se não pelo que respeita à restrição do conjunto de entidades denominadas pelo nome num subconjunto do primeiro, passível de ser oposto aos restantes, pelo menos pelo facto de a mudança de significado provocada por esta modificação implicar, de uma forma mais radical, um referente diferente:

- (121) a. os funcionários altos vs. os funcionários baixos
 b. os altos funcionários vs. os funcionários altos

mas

- c. ?# as altas casas vs. as casas altas

- (122) a. os amigos velhos vs. os amigos novos
 b. os velhos amigos vs. os amigos velhos

mas

- c. ?# os velhos sapatos vs. os sapatos velhos

Tais contrastes, se aceites, demonstram que, de facto, tem lugar uma mudança de significado que não reflecte apenas um tipo regular de relação semântica entre o nome e o adjectivo mas uma relação semântica que é fruto directo da combinação de traços específicos de certos nomes e de traços específicos de certos adjectivos. Assim, a distinção entre adjectivos restritivos e adjectivos não restritivos não se demonstra suficiente para a descrição dos adjectivos em estudo.

4.1.5 SUBCLASSES DE ADJECTIVOS QUALIFICATIVOS

Demonte (1999) divide a classe de adjectivos qualificativos em sete subclasses, tendo em conta o seu significado. Para cada classe são apontadas as suas

4. OS ADJECTIVOS

características gerais. A correspondência entre estas características e as subclasses de adjectivos qualificativos, bem como uma pequena descrição e exemplos, estão sistematizadas no Quadro 4.

A caracterização é feita tendo em conta o comportamento dos adjectivos tendo em conta as propriedades de ocorrência com advérbios de intensificação, de ocorrência em construções comparativas, de aceitação de oposições de polaridade, de serem adjectivos relativos, de serem adjectivos absolutos, e também a propriedade de aceitação da posição pré e pós-nominal.

Quadro 4: Subclasses de adjectivos qualificativos

<u>Subclasses</u> <u>Propriedades</u>	<u>Adjectivos</u> <u>de</u> <u>dimensão</u>	<u>Adjectivos</u> <u>de</u> <u>velocidade</u>	<u>Adjectivos</u> <u>de</u> <u>propriedade física</u>	<u>Adjectivos</u> <u>de</u> <u>cor</u>	<u>Adjectivos</u> <u>de</u> <u>idade</u>	<u>Adjectivos</u> <u>avaliativos</u>	<u>Adjectivos</u> <u>de</u> <u>predisposições</u> <u>humanas e atitudes</u>
<u>Advérbios de intensificação</u>	Sim. <i>casa muito alta</i>	Sim. <i>carro muito lento</i>	Sim. <i>pedra muito leve</i>	Sim. <i>erva muito verde</i>	Sim. <i>mesa muito velha</i>	Sim. <i>esposa muito bela</i>	Sim. <i>rapaz muito discreto</i>
<u>Construções comparativas</u>	Sim. <i>Esta casa é mais alta do que aquela.</i>	Sim. <i>Este carro é mais lento do que esse.</i>	Sim. <i>Esta pedra é mais leve do que essa.</i>	Sim. (intensidade) <i>Esta erva é mais verde do que essa</i>	Sim. <i>Esta mesa é mais velha do que essa.</i>	Sim. <i>Esta esposa é mais bela do que a tua.</i>	Sim. <i>Este jovem é mais discreto do que esse.</i>
<u>Oposição de polaridade</u>	Sim. <i>casa alta/ casa baixa</i>	Sim. <i>carro lento/ carro rápido</i>	Sim. <i>pedra leve/ pedra pesada</i>	Não. <i>*erva verde / erva amarela</i>	Sim. <i>mesa velha/ mesa nova</i>	Sim. <i>esposa bela/ esposa feia</i>	Não. (Há ausência ou presença de uma característica.)
<u>Relativos</u>	Sim. <i>Esta casa é alta como casa.</i>	Sim. <i>Este carro é lento como carro.</i>	Sim. <i>Esta pedra é leve como pedra</i>	Não.	Sim. <i>Esta mesa é velha como mesa.</i>	Sim. <i>Essa mulher, que não é bela, é uma bela esposa .</i>	Sim. <i>Esse jovem é discreto como jovem</i>
<u>Absolutos</u>	Não.	Não.	Sim. (forma) <i>*A bola é redonda como bola</i>	Sim. <i>*A erva é verde como erva</i>	Não.	Sim.* <i>Essa mulher, que não é bela, é uma esposa bela.</i>	Não.
<u>Posição</u>	Pré-nominal e pós-nominal. <i>casa alta e alta casa</i>	Pré-nominal e pós-nominal. <i>carro lento e lento carro</i>	Pré-nominal e pós-nominal. <i>pedra leve e leve pedra</i>	Pós-nominal. <i>erva verde e ?verde erva</i>	Pré-nominal e pós-nominal. <i>mesa velha e velha mesa</i>	Pré-nominal e pós-nominal. <i>esposa bela e bela esposa</i>	Pré-nominal e pós-nominal. <i>jovem discreto e discreto jovem</i>
<u>Descrição</u>	Classe que engloba as três dimensões espaciais, bem como o volume e dimensão em geral. Podem ser usados como adjectivos adverbiais e indicar as dimensões temporais de um evento.	Classe de adjectivos que indicam velocidade.	Classe que engloba as propriedades apreendidas sensorialmente (que não as anteriores e a cor) que dão origem a adjectivos de modo modificadores de evento.	Classe que engloba os termos básicos de cor, compostos de básicos, derivados de nomes, aproximativos derivados, compostos de nome. Raramente têm usos adverbiais.	Podem modificar nomes de entidades concretas (valor cronológico) e nomes que têm um significado espaço-temporal. Quando há ambiguidade, é a posição relativa que desambigua.	Cobrem o leque de aspectos da realidade humana que seja susceptível de avaliação. Têm um comportamento sintáctico especial, entre os qualificativos e os modificadores de evento.	Reflectem atitudes e disposições humanas, e variam segundo o grau, perspectiva ou relação com actividades humanas. Descrevem a posse, em algum grau, de uma capacidade.
<u>Exemplos</u>	<i>alto, baixo, largo, estreito, pequeno, curto, ...</i>	<i>rápido, lento, veloz, ...</i>	<i>redondo, leve, denso, picante, frio, agudo, ...</i>	<i>verde, azulado, verde-azulado, salmão, verde-tropa...</i>	<i>velho, novo, jovem, antigo, idoso...</i>	<i>bom, mau, feio, lindo, rico, delicioso...</i>	<i>inteligente, idiota, triste, activo, excitante, trabalhador...</i>

De acordo com a classificação apresentada, os adjectivos em estudo (*velho, alto, mau, rico, pobre, grande*) enquadram-se nas subclasses de adjectivos qualificativos dos adjectivos de dimensão (*alto, grande*), dos adjectivos de idade (*velho*) e dos adjectivos avaliativos (*mau, pobre, rico*). Os adjectivos pertencentes a estas subclasses são descritos como:

a) Admitindo a possibilidade de modificação por advérbios de intensidade:

- (123) a. amigo **muito** velho
b. funcionário **muito** alto
c. cão de guarda **muito** mau
d. pai **muito** rico
e. homem **muito** pobre
f. homem **muito** grande

b) Passíveis de entrar em construções comparativas:

- (124) a. Este amigo **é mais** velho **que** aquele.
b. Este funcionário **é mais** alto **que** aquele.
c. Este cão de guarda **é pior** **que** aquele.
d. O meu pai **é mais** rico **que o teu**.
e. Este homem **é mais** pobre **que** aquele.
f. Este homem **é maior** **que** aquele.

c) Passíveis de entrar em relações de polaridade:

- (125) a. amigo **velho**, amigo **novo**.
b. funcionário **alto**, funcionário **baixo**.
c. cão de guarda **mau**, cão de guarda **bom**.
d. pai **rico**, pai **pobre**.
e. homem **pobre**, homem **rico**.
f. homem **grande**, homem **pequeno**.

d) Passíveis de terem uma interpretação relativa ou subsectiva:

- (126) a. Este amigo é velho **como / enquanto** homem.
b. Este funcionário é alto **como / enquanto** homem.
c. Este cão de guarda é mau **como / enquanto** cão.
d. Este pai é rico **como / enquanto** pessoa singular.
e. Este homem é pobre **como / enquanto** pessoa singular.
f. Este homem é grande **como / enquanto** homem.

e) Passíveis de ocorrer em ambas as posições, pré- e pós-nominal, como já foi atrás exemplificado.

Esta sistematização das propriedades características de cada classe e, em especial, a análise das propriedades características comuns às subclasses em que os adjectivos em estudo se inserem poderão ser de grande importância para uma análise mais aprofundada da semântica destes adjectivos e ajudar também na definição de traços que permitam identificá-los como uma classe, tendo em conta o fenómeno de mudança de significado que permitem.

4.2. OS ADJECTIVOS NO LG

O tratamento dos adjectivos no LG passa, em grande parte, pela discussão das propriedades desta classe gramatical, referidas no ponto anterior. Pustejovsky (1995) admite que existem várias formas de distinguir coerentemente os adjectivos em classes mas que estas servem objectivos bastante diferentes dos propostos pelo autor, objectivos estes que visam a representação do léxico de uma língua como um objecto dinâmico e que incluem a explicação ou, pelo menos, a descrição dos mecanismos de geração de significado em contexto.

Assim, o autor considera que, a nível estrutural, é possível distinguir os adjectivos com base nos seguintes critérios:

(i) a sua posição atributiva ou predicativa:

- (127) a. o alegado criminoso
b. *Este criminoso é alegado.

- (128) a. o medroso rapaz
b. o rapaz medroso

(exemplos adaptados de Pustejovsky (1995:20))

(ii) os seus padrões de complementação – à semelhança dos verbos, também os adjectivos podem ser predicados unários ((129)a) ou binários ((129)b):

- (129) a. A Sofia não é velha.
b. O João está invejoso da posição da Maria.

(exemplos adaptados de Pustejovsky (1995:21))

(iii) a permissão ou não de movimento pelos adjectivos:

- (130) a. A Maria está certa de ser a próxima presidente.
b. É certo que a Maria será a próxima presidente.

(exemplos adaptados de Pustejovsky (1995:21))

Incluídos nesta classe estão os adjectivos que permitem a distinção entre controlo e elevação, como os adjectivos *fácil* ou *ansioso*. Os adjectivos como *ansioso* são predicados de controlo do sujeito não tendo construção de alternância. Os adjectivos como *fácil*, de movimento-pesado, como o autor os designa, entram nas seguintes alternâncias:

- (131) a. É fácil ensinar esta classe.
b. Esta classe é fácil de ensinar.

(exemplos adaptados de Pustejovsky (1995:21))

Esta distinção revela-se muito interessante se se atentar na subespecificação que muitos dos adjectivos deste tipo apresentam quando em construções como as de (132) e (133):

- (132) a. O José decidiu dar um exame fácil.
b. Nós vamos ter um exame fácil.

- (133) a. O João está a ensinar uma disciplina fácil este semestre.
b. O Bill está a frequentar uma disciplina fácil este semestre.

(exemplos adaptados de Pustejovsky (1995:21-22))

Consoante o nome modificado, a interpretação da frase pode depender do contexto local. Assim, nas frases em (133), o predicado subentendido no sintagma nominal *uma disciplina fácil* é determinado pelo verbo principal da oração ((133)a – verbo *ensinar*, (133)b – verbo *frequentar*). Nas frases em (132), o mesmo não acontece. O sintagma *um exame fácil / difícil* parece referir-se sempre ao acto de fazer o exame.

Para além das classes de adjectivos determinadas estruturalmente, i.e., determinadas pelo comportamento sintáctico dos adjectivos, há que considerar também as distinções que se podem fazer tendo em conta o campo semântico associado ao adjectivo. O autor cita a taxonomia proposta por Dixon (1982), onde os adjectivos, à semelhança do proposto por Demonte (1999) ao nível das subclasses de adjectivos qualificativos (cf. ponto 4.1.5.), são divididos nas seguintes classes:

Dimensão: *grande, pequeno, comprido, curto.*

Propriedade física: *duro, macio, pesado, leve.*

Cor: *vermelho, verde, azul.*

Propriedade humana: *ciumento, feliz, carinhoso, orgulhoso, cruel.*

Idade: *novo, velho, antigo.*

Valor: *bom, mau, excelente, delicioso.*

Velocidade: *rápido, veloz, lento.*

Dificuldade: *difícil, fácil.*

Semelhança: *parecido, semelhante.*

Qualificação: *possível, provável.*

(Pustejovsky (1995:22))

Como já foi referido, apesar de coerentes, estas classes pouco revelam acerca das propriedades relacionais ou funcionais destes predicados. O agrupamento dos adjectivos nestas classes não tem em conta propriedades semânticas relevantes, e consequentemente sintácticas, o que resulta numa classificação que agrupa itens lexicais com características muito diferentes.

A proposta de Pustejovsky (1995) para a caracterização dos adjectivos respeita essas características. São tidos em consideração o comportamento dos adjectivos em termos de permeabilidade de significado quando em contexto e as propriedades de selecção de objectos semânticos, representados pelos valores presentes na estrutura Qualia dos nomes modificados. Os adjectivos serão, então, classificados com base nestas propriedades.

4.2.1. PERMEABILIDADE DE SIGNIFICADO

Os adjectivos entram, caracteristicamente, em contextos de permeabilidade de significado, i.e., contextos em que o significado dos itens não é estático e em que a interpretação deriva de composição semântica. Por exemplo, alguns adjectivos, como *triste* ou *alegre* podem predicar sobre indivíduos ((134)a e b) ou sobre nomes que denotam eventos ((134)c):

(134) A criança está alegre.

b. a criança alegre

c. uma noite alegre

A questão que aqui se coloca é a de saber se esta distribuição indica que o adjectivo *alegre* é um adjectivo polissémico. Assumindo que o adjectivo pode seleccionar entidades animadas, como em (134)a e (134)b, e intervalos de tempo como em (134)c, e que este comportamento não é extensivo a todos os adjectivos (cf. (135)), é coerente considerar dois significados distintos para este adjectivo, correspondendo a duas entradas lexicais, apresentadas em (136).

- (135) a. O rapaz está aterrorizado.
 b. um rapaz aterrorizado
 c. *uma noite aterrorizada

(136)

alegre₁
 [ARG₁ = entidade_animada]
 [...]

alegre₂
 [ARG₁ = intervalo_de_tempo]
 [...]

No entanto, esta solução é contra-intuitiva, uma vez que não permite derivar a interpretação de *uma noite alegre* como relativa a um juízo de valor humano sobre os eventos contidos nesse intervalo de tempo. A distinção aqui parece estar associada ao facto de adjectivos como *alegre* e *aterrorizado* serem diferentes em termos da sua estrutura relacional. Os adjectivos do tipo de *alegre* não tomam como argumentos objectos proposicionais, ao passo que os adjectivos como *aterrorizado*, sendo participios passivos, são inerentemente relacionais, i.e., estabelecem a relação entre a causa e o efeito: *ele assusta-se com ratos*, *ele tem medo de andar de avião*.

Desta forma, e uma vez que aparentemente só os adjectivos não relacionais¹⁷ permitem este tipo de mudança de significado, é possível caracterizar esta polissemia como semelhante à dos pares incoativo / causativo, visto que a modificação por este tipo de adjectivos de nomes que denotam eventos ou intervalos de tempo resulta numa interpretação de tipo causativo – uma ocasião alegre é uma ocasião que causa alegria a alguém.

Outro tipo de permeabilidade de significado, também caracterizada como polissemia, é a verificada com adjectivos como *ruidoso*, que podem predicar sobre indivíduos ou lugares.

- (137) a. uma mota ruidosa
b. um gato ruidoso
c. um quarto ruidoso
d. um restaurante ruidoso

À semelhança do que se observou para o adjectivo *alegre*, também neste caso não será necessário considerar duas entradas lexicais para definir os sentidos do adjectivo *ruidoso*, uma vez que estes estão relacionados: quando há a leitura de lugar está obviamente implícito um agente causador do ruído.

Para além dos casos de "polissemia" acima expostos, o autor refere ainda um outro tipo de casos que ilustra o fenómeno de permeabilidade de significado, o caso da submodificação adjectival, exemplificado em (138) e (139).

- (138) a. uma lâmpada brilhante
b. uma lâmpada opaca

- (139) a. uma dactilógrafa rápida
b. um dactilógrafo masculino

(exemplos adaptados de Pustejovsky (1995:89)).

¹⁷ Note-se que, aqui, a denominação de *relacional* nada tem a ver com a clássica distinção entre adjectivos qualificativos e relacionais, tratados no ponto 4.1.1..

Os adjectivos *brilhante* e *rápido* são, nestes exemplos, modificadores de evento que modificam um aspecto do nome, i.e., modificam eventos derivados ou presentes na estrutura Qualia do nome. Em ambos os casos, é o valor do papel Télico que é modificado, uma vez que em (138)a há referência à função da lâmpada, a iluminação, e em (139)a há referência à actividade denotada pelo verbo do qual o nome deriva. Os adjectivos *opaco* e *masculino*, por seu lado, modificam o valor presente no papel Formal do núcleo nominal: são atribuídas propriedades que visam a distinção dos nomes modificados.

Para dar conta destes fenómenos é necessário um mecanismo que permita um tipo de modificação indirecta, uma vez que parece que os adjectivos são capazes de seleccionar com base na informação de tipos contida na estrutura Qualia dos nomes que modificam. Não seleccionam necessariamente apenas determinados papéis Qualia mas também determinados tipos que estão ou não disponíveis nos valores da estrutura Qualia do nome. O mecanismo proposto é o mecanismo de Ligação Selectiva (cf. ponto 2.2.).

4.2.2. A LIGAÇÃO SELECTIVA

Dentro do LG, o mecanismo que permite a modificação adjectival é o mecanismo generativo de Ligação Selectiva.

O exemplo em (139)a, aqui repetido, demonstra que a interpretação do modificador *rápido* requer a referência a um evento.

(139) a. uma dactilógrafa rápida

Através da Ligação Selectiva é possível representar esta modificação, respeitando a interpretação eventiva, uma vez que este mecanismo permite que o adjectivo selecione um evento contido na estrutura Qualia do nome.

(140) dactilógrafa rápida

$$\left[\begin{array}{l} \text{ESTR - EVENT} = [E_1 = e_1 : \text{estado}] \\ \text{ESTR - ARG} = \left[\text{ARG}_1 = \left[\begin{array}{l} \text{ESTR - ARG} = [\text{ARG}_1 = x : \text{humano}] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \dots \\ \text{FORMAL} = x \\ \text{TÉLICO} = \text{dactilografar}(e_2, x) \end{array} \right] \end{array} \right] \right] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \dots \\ \text{FORMAL} = \text{rápido}(e_1, e_2) \\ \dots \end{array} \right] \end{array} \right]$$

Da mesma forma, é a Ligação Selectiva que permite dar conta dos significados contextualizados de adjectivos como *bom*:

(141) a. uma faca boa \cong *uma faca que corta bem*

b. faca

$$\left[\begin{array}{l} \text{ESTR - ARG} = [\text{ARG}_1 = x : \text{instrumento}] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{FORMAL} = x \\ \text{TÉLICO} = \text{cortar}(e_2, x, y) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

(exemplos adaptados de Pustejovsky (1995:129)).

Considerando a estrutura de *faca* em (141)b, o adjectivo *bom* modifica o evento denotado no valor do papel Télico. Adjectivos como *opaco* ou *bonito* não são modificadores de eventos mas sim de objectos e, logo, modificam o valor do papel Qualia Formal:

$$(142) \quad \text{uma faca bonita}$$

$$\left[\begin{array}{l} \text{ESTR - EVENT} = [E_1 = e_1 : \text{estado}] \\ \text{ESTR - ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = \left[\begin{array}{l} \text{ESTR - ARG} = [ARG_1 = x : \text{instrumento}] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{FORMAL} = x \\ \text{TÉLICO} = \text{cortar}(e, x, y) \end{array} \right] \end{array} \right] \end{array} \right] \\ \text{QUALIA} = [\text{FORMAL} = \text{bonito}(e_1, x)] \end{array} \right]$$

Adjectivos como *velho*, porém, podem modificar tanto eventos como indivíduos. Considere-se o exemplo de Pustejovsky (1995:130):

$$(143) \quad \text{an old friend (em português, } \textit{um amigo velho} \vee \textit{um velho amigo} \text{)}.$$

O adjectivo *old*, neste caso, pode modificar o evento *relação_de_amizade* ou o indivíduo que entra nesse evento, i.e., o *amigo*. No entanto, este nome é um nome relacional (cf. ponto 3.2.3.) denota uma relação entre um conjunto de indivíduos e, como tal, caracteriza-se por ter no valor do papel Formal a estrutura dessa relação. Assim, no caso da modificação pelo adjectivo *old* a ambiguidade deriva da escolha de um dos valores presentes no papel Formal.

$$(144)$$

$$\textit{old friend}$$

$$\left[\begin{array}{l} \text{ESTR - EVENT} = [E_1 = e_1 : \text{estado}] \\ \text{ESTR - ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = \left[\begin{array}{l} \text{humano} \\ \text{ESTR - ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = x : \text{humano} \\ \text{ARG}_1 - D = y : \text{humano} \end{array} \right] \\ \text{QUALIA} = [\text{FORMAL} = x, \text{relação_de_amizade}(e_2, x, y)] \end{array} \right] \end{array} \right] \\ \text{QUALIA} = [\text{FORMAL} = (e_1, x) \vee (e_1, e_2)] \end{array} \right]$$

Esta ambiguidade está, novamente, relacionada com as propriedades de selecção do adjectivo modificador e com a presença ou ausência dos tipos seleccionados na estrutura Qualia do nome modificado, visto que nomes como *filme* (e.g. *um filme velho*) não permitem esta ambiguidade.

4.2.3. PREDICADOS DE NÍVEL INDIVIDUAL E PREDICADOS DE NÍVEL EPISÓDICO

Pustejovsky (1995) distingue dois tipos de predicados: os predicados de nível individual e os predicados de nível episódico. Esta distinção vai ao encontro da proposta por Demonte (1999), no ponto 4.1.2., entre adjectivos individuais e adjectivos episódicos. No entanto, o autor pretende demonstrar que esta distinção se reflecte no valor dos papéis Qualia dos predicados.

Assim, existem predicados de nível individual, como *alto*, *inteligente* ou *gordo*, que podem ser entendidos como propriedades que um indivíduo mantém, em maior ou menor escala, durante toda a sua vida e predicados como *doente*, *faminto* ou *limpo*, que são habitualmente identificáveis com estados temporários. Por esta razão, são os predicados de nível episódico que normalmente ocorrem como predicado culminativo nas construções resultativas, ao passo que os predicados de nível individual não podem ocorrer nestas construções, como se ilustra em (145) e (146), respectivamente.

- (145) a. John drank himself sick with that cheap brandy.
b. Watching the commercial on TV made John hungry.
c. Bill wiped the counter clean before serving us coffee.

- (146) a. *Bill ate himself overweight over the years.
b. *John read himself intelligent with the *Great Books*.

(exemplos de Pustejovsky (1995:15))

Como os adjectivos são geralmente entendidos como denotadores de estados, as construções com o progressivo também permitem distinguir entre predicados de nível individual e predicados de nível episódico. Desta forma, os predicados de nível episódico permitem construções com o progressivo, ao passo que os predicados de nível individual não, como se exemplifica em (147) e (148), respectivamente:

- (147) a. O médico está a ser gentil com o doente.
b. O homem está outra vez violento.
c. Deixa de ser meiga.

- (148) a. *O médico está a ser magro hoje.
b. *O homem está outra vez alto.
c. *Deixa de ser culto.

Fazendo uma analogia com a estrutura de tipos do LG, os predicados de nível individual podem ser vistos como semelhantes aos tipos naturais e os predicados de nível episódico como semelhantes aos tipos artificiais. Esta distinção baseia-se na ausência ou presença de valor no papel Qualia Agentivo, respectivamente. Ou seja, os predicados de nível episódico são "artificiais" uma vez que é necessário um factor que determine a sua origem.

Tal como um artefacto é definido através do papel Agentivo, que faz referência à descrição do evento específico que o originou, o autor assume que um estado modificável, ou seja, episódico, também faz referência a um tal evento. Tendo em conta um predicado α do tipo **estado**, cuja referência a um evento por defeito, e_2 , liga o argumento na predicação estativa a uma relação que precede esse estado, está representada a causa do estado, (cf. (149)).

(149)

$$\left[\begin{array}{l} \text{ESTR} - \text{EVENT} = \left[\begin{array}{l} E_1 = e_1 : \text{estado} \\ E_2 = e_2 : \sigma \\ \text{RESTR} = e_2 < \alpha e_1 \end{array} \right] \\ \text{ESTR} - \text{ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = x : \tau_1 \\ \text{ARG}_1 - \text{D} = y : \tau_2 \end{array} \right] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{causativo_lcp} \\ \text{FORMAL} = \alpha_resultado(e_1, x) \\ \text{AGENTIVO} = R(e_2, x, y) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

(exemplo adaptado de Pustejovsky (1995:226))

Há várias razões para considerar que um item lexical pode fazer referência a eventos por defeito, por oposição à não expressão de um evento devido à ausência da definição de um núcleo. A função de estabelecer um núcleo num evento serve para focar esse evento dentro de uma estrutura de eventos maior, e para filtrar a informação semântica relevante para passar à sintaxe.

As frases em (150), (151) e (152) ilustram esta proposta, envolvendo os predicados psicológicos de nível temporário *zangado*, *nervoso* e *chateado*.

(150) a. O João está zangado com o jornal.

b. O João está zangado com o que leu no jornal.

(151) a. Há músicos nervosos.

b. Há músicos nervosos com a competição de hoje.

(152) a. ?#Há americanos chateados.

b. Há americanos chateados com a forma como o Presidente está a tratar a política de estrangeiros.

(exemplos adaptados de Pustejovsky (1995:226)).

A construção com o verbo *haver* testa se há interpretações existenciais com predicados de nível episódico. Assim, as frases em (150)a e (151)a demonstram que

é possível uma predicação de nível episódico. Ao especificar o valor do papel Agentivo na estrutura Qualia de *zangado*, *nervoso* e *chateado*, o predicado passa a ser apropriadamente definido para permitir uma interpretação existencial, como se pode ver em (153).

(153)

$$\left[\begin{array}{l} \text{ESTR} - \text{EVENT} = \left[\begin{array}{l} E_1 = e_1 : \text{estado} \\ E_1 - D = e_2 : \text{processo} \\ \text{RESTR} = e_2 < \alpha e_1 \\ \text{NÚCLEO} = [e_1^*] \end{array} \right] \\ \\ \text{ESTR} - \text{ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = [1] \left[\begin{array}{l} \text{humano} \\ \text{FORMAL} = \text{animado} \end{array} \right] \\ \text{ARG}_1 - D = [2] \left[\begin{array}{l} \text{T} \end{array} \right] \end{array} \right] \\ \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{causativo_lcp} \\ \text{FORMAL} = \text{zangado}(e_1, [1]) \\ \text{AGENTIVO} = \text{acto_de_experienciar}(e_2, [1], [2]) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

(exemplo adaptado de Pustejovsky (1995:227))

O evento de *ler o jornal*, em [2], unifica com o processo de experienciar, em e_2 , porque *ler* é um subtipo de predicados de experienciação. Desta forma, é possível perceber como é que os adjuntos, como *com o que leu no Jornal*, actuam de forma a especificar o papel Agentivo do predicado.

A proposta de Pustejovsky (1995) para o tratamento dos adjectivos segue a mesma direcção da dada para os nomes. Ao assumir um léxico estruturado e cujos itens são definidos semanticamente através da sua estrutura Qualia, é possível, então, tentar classificar esses mesmos itens de acordo com os valores que os definem em termos de papéis Qualia. Desta forma, as classes de adjectivos serão definidas com base na sua estrutura Qualia o que, por sua vez, definirá em grande parte o seu comportamento sintáctico.

4.3. CARACTERIZAÇÃO DOS ADJECTIVOS EM ESTUDO

As classificações dos adjectivos até agora apresentadas não são contraditórias mas complementares. Da mesma forma que Demonte (1999) distingue as classes de adjectivos segundo o seu comportamento sintáctico, Pustejovsky (1995) demonstra como essas classes se podem derivar dos valores presentes na estrutura Qualia dos adjectivos. No entanto, pelo menos dois pontos afastam a proposta do LG da anterior. O primeiro tem a ver com o facto de no LG as classes derivarem do preenchimento de valores dos papéis Qualia, como foi referido, e o segundo tem a ver com o facto de não se tentar definir classes de adjectivos de acordo com campos semânticos. Assim, é necessário estabelecer quais os valores das estruturas Qualia dos adjectivos em estudo (adjectivos qualificativos de dimensão (*alto, grande*), de idade (*velho*) e avaliativos (*mau, pobre, rico*)).

De acordo com a proposta de Pustejovsky (1995), os adjectivos em questão são adjectivos de nível individual como é comprovado pelo seu comportamento nas construções com o progressivo (cf. (154)).

- (154) a. *O amigo está a ser velho.
 b. *O funcionário está a ser alto.
 c. ?O cão de guarda está a ser mau.
 d. *O pai está a ser rico.
 e. *O homem está a ser grande.
 f. *O homem está a ser pobre.

É necessário comentar que a frase em (154)c – *O cão está a ser mau* – não é agramatical mas não tem nenhuma das interpretações em estudo (*cão de guarda mau* ≅ *cão de guarda agressivo* / *mau cão de guarda* ≅ *cão que guarda mal*). A

interpretação, neste caso, é a de que o cão se está a comportar mal e parece derivar da construção com o verbo *ser*.

Como predicados de nível individual, estes adjectivos são comparáveis a tipos naturais não estando, por essa razão, preenchido o valor do papel Agentivo das suas estruturas Qualia. À semelhança do que ocorre com o adjectivo *old* para o inglês (cf. ponto 4.2.2.), estes adjectivos podem seleccionar como argumentos objectos do tipo **evento** e do tipo **indivíduo**. Note-se que estes adjectivos não seleccionam exclusivamente objectos do tipo **entidade_animada**, podendo modificar nomes como *casa* (e.g. *casa alta*, *casa velha*, *casa grande*, *casa má*, etc.), ou *sopa* (e.g. *sopa rica*, *sopa pobre*, etc.). No entanto, no âmbito do LG, também estes adjectivos, com excepção do adjectivo *velho* – cujo significado é sempre *que existe há muito tempo*, podem ser classificados de adjectivos subespecificados, no sentido em que o seu significado é permeável ao significado do nome que modificam (cf. (155)).

- (155) a. *casa alta* \cong *casa cuja dimensão vertical é elevada*.
 a'. *qualidade alta* \cong *qualidade cuja avaliação é elevada*.
 b. *casa má* \cong *casa cuja habitabilidade não é boa*.
 b'. *qualidade má* \cong *qualidade cuja avaliação é negativa*.
 c. *homem rico* \cong *homem com muitos bens materiais*.
 c'. *sortido rico* \cong *sortido com muita variedade de coisas*.
 d. *homem grande* \cong *homem de dimensões avantajadas*.
 d'. *sortido grande* \cong *sortido com muita quantidade de coisas*.
 e. *homem pobre* \cong *homem com poucos bens materiais*.
 e'. *sortido pobre* \cong *sortido com pouca variedade de coisas*.

Desta forma, é possível concluir que os adjectivos em estudo não têm o papel Agentivo especificado (são de nível individual) e são permeáveis ao significado do nome que modificam. A representação, no modelo do LG, para qualquer um destes adjectivos será a seguinte:

(156)

$$\left[\begin{array}{l} \text{ESTR - EVENT} = [E_1 = e_1 : \text{estado}] \\ \text{ESTR - ARG} = [\text{ARG}_1 = [\dots x \dots]] \\ \text{QUALIA} = [\text{FORMAL} = \text{adjectivo}(e_1, x)] \end{array} \right]$$

5. MODIFICAÇÃO ADJECTIVAL COM VALOR ADVERBIAL

Neste capítulo irá ser abordada a análise de Larson (1999) - *Uma análise da semântica da modificação adjectival com interpretação adverbial, baseada nas propriedades semânticas do nome* – da semântica da modificação adjectival quando esta tem, ou permite, uma interpretação adverbial.

Esta análise demonstra-se muito interessante uma vez que considera igualmente importantes as propriedades semânticas dos adjectivos, mas, mais inovadoramente, as propriedades semânticas dos nomes que ocorrem nestas expressões. O próprio autor considera a sua análise como fundamentalmente baseada no conteúdo semântico dos nomes.

Por estas razões, e tendo em conta que a leitura em posição pré-nominal que os adjectivos em estudo permitem tem um valor essencialmente adverbial (*velho amigo* – que mantém uma relação de amizade *há muito tempo*; *alto* funcionário – que exerce uma função *elevada*; *mau cão de guarda* – que exerce a função de guarda *mal*; *rico pai* – que exerce a paternidade *bem*; etc.), esta proposta parece abordar muitas das questões pertinentes para este trabalho.

5.1. UMA ANÁLISE DA MODIFICAÇÃO ADJECTIVAL COM INTERPRETAÇÃO ADVERBIAL

Larson (1999) analisa os adjectivos qualificativos relativos quando estes permitem ambiguidade de leituras entre uma leitura simplesmente intersectiva e uma leitura adverbial.

Os adjectivos qualificativos definem-se como adjectivos que expressam uma só propriedade que modifica um traço constitutivo do nome (cf. 4.1.1.). Denominam-se de relativos os adjectivos qualificativos em cuja interpretação não há intersecção entre a classe de objectos designada pelo nome e a classe de objectos que possuiu a propriedade definida pelo adjectivo, i.e., são relativos os adjectivos que referem propriedades cuja interpretação depende, em grande parte, do contexto. Geralmente aceitam a paráfrase *como / enquanto / para* :

(157) a. o político bonito

b. Este político é bonito *como / enquanto / para* homem. (cf. 4.1.3.).

Para Larson, a propriedade de "dependência de contexto" exibida por estes adjectivos relativos está directamente relacionada com o facto de a sua interpretação depender de um termo ou classe de comparação (C), classe esta que é determinada pelo nome modificado. Assim, as expressões em (157) terão a representação em (157)':

(157)' político(x) → bonito(x, C)

5. MODIFICAÇÃO ADJECTIVAL COM VALOR ADVERBIAL

No entanto, quando em presença de um nome que para além de um indivíduo, denote um evento, surge ambiguidade entre uma leitura unicamente intersectiva¹⁸ e uma leitura não intersectiva com valor adverbial. No exemplo dado pelo autor, aqui em (158), o sintagma *beautiful dancer*, terá, conseqüentemente, as duas possibilidades de leitura apresentadas em (158)' e (158)".

(158) Olga is a beautiful dancer.

(equivalente em português a *Olga é uma bela bailarina* e, simultaneamente, a *Olga é uma bailarina bela*)

(158)' Γ [dancing(e, olga) \rightarrow beautiful(e, C)]

(158)" Γ [dancing(e, olga) \rightarrow beautiful(olga, C)]

Nas representações (158)' e (158)", *e* será o evento denotado pelo nome (neste caso, *dancing*), *olga* a variável nominal associada ao nome (*dancer*) e *C* a classe de comparação. O quantificador genérico Γ é usado, de acordo com Chierchia (1995), para ligar uma posição de evento contida na interpretação do nome, à semelhança da função do quantificador genérico Q para os verbos.

A origem da ambiguidade entre uma leitura unicamente intersectiva e uma leitura adverbial da modificação adjectival é atribuída não às propriedades semânticas do adjectivo mas sim à semântica do nome. Os nomes são interpretados relativamente a eventos, que de alguma forma denotam, e os adjectivos interagem com esta "faceta" eventiva do nome de uma forma muito semelhante à dos advérbios.

O adjectivo pode não predicar sobre o mesmo argumento sobre que predica o nome (cf. (158)") mas sobre um evento ((158)'), como se de uma modificação adverbial se tratasse.

¹⁸ O autor denomina de *intersectiva* a leitura em que é o indivíduo denotado pelo nome que é modificado por oposição à leitura não intersectiva ou adverbial em que o elemento modificado é o evento denotado pelo nome, apesar de esta denominação parecer contrária à definição de adjectivos relativos – em cuja interpretação não há intersecção entre a classe de objectos designada pelo nome e a classe de objectos que possuiu a propriedade definida pelo adjectivo.

5. MODIFICAÇÃO ADJECTIVAL COM VALOR ADVERBIAL

Os eventos denotados por este tipo de nome são introduzidos pela estrutura lexical nominal, o que segue a proposta de Pustejovsky (1995) no que respeita à estrutura lexical e semântica dos nomes. O evento denotado dependerá do nome em causa. Vejam-se os exemplos de Larson (1999):

- (159) (in) a recent **letter** (that I wrote, received, sent, ...)
(n)uma carta recente (que eu escrevi, recebi, enviei, ...))
a quick **cup of coffee** (that I drunk...)
(um café rápido (que eu bebi...))

Nestes casos, então, parte-se do princípio de que os adjectivos serão modificadores de evento sem, no entanto, perderem a sua característica de relatividade. O autor cita Davidson (1967) na sua conclusão de que a predicção de eventos por adjectivos tem de ser entendida como relativa a um padrão de comparação.

- (160) a. Olga swam the channel quickly (for a channel swimming).
(Olga nadou o canal rapidamente (para uma travessia a nado do canal).)
b. Olga crossed the channel slowly (for a channel crossing).
(Olga atravessou o canal lentamente (para uma travessia do canal).)

Nas frases em (160), não é nem a propriedade da *rapidez* nem a propriedade da *lentidão* que estão a ser atribuídas mas sim estas propriedades relativamente a um padrão. Assim, é introduzida uma classe de comparação (C), à semelhança do que atrás foi feito para a frase em (158), *Olga is a beautiful dancer*, resultando dessa introdução um predicado diádico:

- (161) Val(x, quick) iff quick(x,C) ("x é rápido se x é rápido em relação a C")

Novamente, C será fixado pelo contexto, justificando contrastes não contraditórios como em (162).

- (162) A Ana tem quatro anos e participou nas competições de natação:
 A Ana nada rapidamente (para uma criança de quatro anos) e a Ana nada lentamente (para uma atleta de competição).

Numa fase seguinte, é proposto um conjunto de regras para combinar um sintagma adjectival com um sintagma nominal de forma a dar conta da ambiguidade entre as leituras intersectiva e adverbial:

- (163) a. $Val(\langle x, e \rangle, [_{NP} AP NP]) \text{ iff } Val(\langle x, e \rangle, NP) \dots Val(x, AP)$
 b. $Val(\langle x, e \rangle, [_{NP} AP NP]) \text{ iff } Val(\langle x, e \rangle, NP) \dots Val(e, AP)$

As regras em (163) podem ler-se como:

O sintagma nominal $[_{NP} AP NP]$ – que denota um par indivíduo–evento $\langle x, e \rangle$ – é válido se o sintagma nominal denotar:

- (i) o par indivíduo–evento – $Val(\langle x, e \rangle, NP)$, e
 (ii) a modificação do indivíduo x pelo sintagma adjectival – $Val(x, AP)$, em (163)a – for válida, ou
 (iii) a modificação do evento e pelo sintagma adjectival – $Val(e, AP)$, em (163)b – for válida.

Estas regras permitem derivar as duas leituras que podem surgir da combinação de um adjectivo relativo com um nome que denote um par evento–indivíduo. O autor dá a seguinte frase como exemplificativa desta ambiguidade:

- (164) Peter is an old friend. (\cong *Pedro é um amigo velho* e *Pedro é um velho amigo*)
 a. $Q_e [friendship(e, p) \dots old(p, C)]$ (" $Q_e [amizade(e, p) \dots velho(p, C)]$ ")
 b. $Q_e [friendship(e, p) \dots old(e, C)]$ (" $Q_e [amizade(e, p) \dots velho(e, C)]$ ")

5. MODIFICAÇÃO ADJECTIVAL COM VALOR ADVERBIAL

A primeira representação, em (164)a, dá conta da leitura não adverbial em que é o indivíduo *p*, *Peter*, que é modificado pelo adjectivo *old*. Em (164)b, por outro lado, está representada a leitura adverbial em que é o evento *e*, *friendship*, que é modificado.

No entanto, em português, esta frase não é ambígua entre estas duas leituras. Para que a leitura em (164)b seja interpretada, é necessário que o adjectivo *velho* ocorra em posição pré-nominal.

Em português, a ambiguidade é resolvida pela posição do adjectivo relativamente ao nome. Demonte (1999:198-200) descreve esta distinção de significados de acordo com a posição do adjectivo relativamente ao nome, para o castelhano, como associada a dois significados, um intersectivo e um não-intersectivo: a anteposição gera uma leitura intersectiva ou relativa e a posposição uma leitura não-intersectiva.

A anteposição favorece a restrição do nome modificado, como se verifica pela paráfrase com *como* (*bom amigo* \cong bom **como** amigo), ao passo que a posposição favorece a modificação da classe geral em que os indivíduos em causa se inserem (*amigo bom* \cong bom **como** pessoa). A autora observa também que a definição das paráfrases depende grandemente do significado do nome e que as leituras relativas e absolutas incidem apenas numa parte da acepção do nome, seguindo a tradicional distinção que associa a anteposição à modificação de objectos de carácter abstracto ou à modificação subjectiva, e a posposição à modificação de objectos de carácter concreto ou à modificação objectiva (cf. Cunha e Cintra (1984: 267-270), e Casteleiro (1981:52-60)).

São definidos, ainda, dois tipos de adjectivos qualificativos antepostos podendo estes ser "epítetos", quando especificam um dos parâmetros do nome atribuindo-lhe um valor prototípico (e.g. *branco*, *elegante*, etc.), ou "avaliadores da referência", quando intensificam, positiva ou negativamente, as propriedades prototípicas do nome que modificam (e.g. *pobre*, *bom*, etc.).

Esta descrição não é contrária à análise de Larson (1999), se bem que não especifique como se processa, de facto, a modificação adjectival que permite a ambiguidade de leituras. É intuitivo que as características deste tipo de adjectivos

5. MODIFICAÇÃO ADJECTIVAL COM VALOR ADVERBIAL

bem como as dos nomes que modificam – que permitem a ambiguidade (em inglês) ou a diferença de leituras associada à posição do adjectivo (em castelhano e português) – terão de ser expressas ao nível da estrutura léxico-semântica dos itens e, por essa razão, parece adequado seguir a análise de Larson (1999) e procurar aplicá-la aos exemplos do português.

Para dar conta da ambiguidade de leituras intersectiva / adverbial, o autor propõe as regras (163)a e (163)b, acima descritas, e confronta esta análise com as distinções de Siegel entre adjectivos de CLASSE I e de CLASSE II. A distinção entre as classes de Siegel é feita de acordo com o facto de os adjectivos poderem ou não predicar sobre eventos. Os adjectivos exclusivamente membros da CLASSE I não podem ser predicados de eventos.

O exemplo, em (165), demonstra que, uma vez que *envelhecido* pertence exclusivamente à CLASSE I, esta frase não é ambígua, visto uma das interpretações, *envelhecido(e)* em (166)a, ser pragmaticamente excluída: os eventos não envelhecem.

(165) O João é um director envelhecido.

(166) a. #Q_e [dirigir(e,j) ... envelhecido(e,C)]

b. Q_e [dirigir(e,j) ... envelhecido(j,C)]

(em que *e* representa o evento de *dirigir* associado ao nome *director*, *j* a variável nominal associada ao nome *director*, e *C* a classe de comparação, também derivada do conteúdo semântico do nome *director*).

No entanto, não é óbvio que a interpretação *envelhecido(e)* seja pragmaticamente excluída. Para tal o adjectivo teria de permitir a ambiguidade de leituras o que não acontece. Este facto demonstra que o adjectivo *envelhecido* terá de ser lexicalmente descrito de forma a não poder ser predicado de eventos.

Por outro lado, os adjectivos exclusivamente da CLASSE II aplicam-se estritamente a eventos:

(167) O João é o director anterior.

a. Q_e [dirigir(e,j) ... anterior(e,C)]

b. $\#Q_e$ [dirigir(e,j) ... anterior(j,C)]

(em que *e* representa o evento de *dirigir* associado ao nome *director*, *j* a variável nominal associada ao nome *director*, e *C* a classe de comparação, também derivada do conteúdo semântico do nome *director*).

Desta distinção resultam três grupos de adjectivos: os que só predicam argumentos não-eventivos (e.g. *envelhecido*), os que só predicam argumentos eventivos (e.g. *anterior*) e os que podem predicar ambos os tipos de argumentos (e.g. *bela*). A salientar a pertinência desta distinção está o facto de não ser possível a coordenação entre adjectivos pertencentes a classes diferentes e de, quando há coordenação entre um adjectivo pertencente simultaneamente às duas classes e um adjectivo exclusivamente da CLASSE I ou da CLASSE II, ser inibida a leitura não correspondente à que o adjectivo exclusivamente de CLASSE I ou de CLASSE II permite:

(168) *She is a blonde and fast dancer. (*Ela é uma bailarina loura e rápida.)

b. She is a blonde and beautiful dancer. (Ela é uma bailarina loura e bela.)

c. She is a fast and beautiful dancer. (??*Ela é uma bailarina rápida e bela.).

(Larson (1999:7))

Como se verifica, este teste não funciona de igual modo para o português, uma vez que as leituras são permitidas ou inibidas também de acordo com a posição relativa do adjectivo. Para obtermos uma leitura adverbial semelhante à descrita em (168)c seria necessário que ambos os adjectivos estivessem na posição pré-nominal, como se ilustra em (169)a, uma vez que de outro modo se obtém uma leitura idêntica à de (168)b.

(169) a. Ela é uma rápida e bela bailarina.

5. MODIFICAÇÃO ADJECTIVAL COM VALOR ADVERBIAL

Do mesmo modo, a frase (168)b, em português, soaria estranha estando os adjectivos em posição pré-nominal (cf. (169)b):

(169) b. ??*Ela é uma loura e bela bailarina.

De facto, em línguas como o português, parece existir um mecanismo que obriga a que, quando um adjectivo intersectivo relativo modifica um nome que denota um par indivíduo – evento, a sua posição relativa ao nome seja o factor decisivo para determinar as suas leituras intersectiva ou adverbial.

Não obstante, os dados de Larson (1999) para o inglês reforçam, mais uma vez, a ideia de que a caracterização deste fenómeno terá de partir da estrutura lexical dos adjectivos e dos nomes nele intervenientes.

Guardando os casos de *grande homem / homem grande* e *pobre homem / homem pobre* para posterior análise, volte-se a atentar nos exemplos em estudo:

(170) a. amigo velho $\cong Q_e$ [amizade(e, a) ... velho(a, C)]
b. velho amigo $\cong Q_e$ [amizade(e, a) ... velho(e, C)]

(171) a. funcionário alto $\cong Q_e$ [função(e, f) ... alto(f, C)]
b. alto funcionário $\cong Q_e$ [função(e, f) ... alto(e, C)]

(172) a. cão de guarda mau $\cong Q_e$ [guarda(e, c) ... mau(c, C)]
b. mau cão de guarda $\cong Q_e$ [guarda(e, c) ... mau(e, C)]

(173) a. pai rico $\cong Q_e$ [paternidade(e, p) ... rico(p, C)]
b. rico pai $\cong Q_e$ [paternidade(e, p) ... rico(e, C)]

Verifica-se que há alguma regularidade no valor adverbial do adjectivo quando em posição pré-nominal. Uma pequena alteração à regra apresentada em (163), aqui repetida, poderá dar conta, de uma forma geral, das diferentes leituras dependentes da posição do adjectivo (cf. (163)'):

- (163) a. $\text{Val}(\langle x, e \rangle, [_{\text{NP}} \text{AP NP}]) \text{ iff } \text{Val}(\langle x, e \rangle, \text{NP}) \dots \text{Val}(x, \text{AP})$
 b. $\text{Val}(\langle x, e \rangle, [_{\text{NP}} \text{AP NP}]) \text{ iff } \text{Val}(\langle x, e \rangle, \text{NP}) \dots \text{Val}(e, \text{AP})$

- (163)' a. $\text{Val}(\langle x, e \rangle, [_{\text{NP}} \text{NP AP}]) \text{ iff } \text{Val}(\langle x, e \rangle, \text{NP}) \dots \text{Val}(x, \text{AP})$
 b. $\text{Val}(\langle x, e \rangle, [_{\text{NP}} \text{AP NP}]) \text{ iff } \text{Val}(\langle x, e \rangle, \text{NP}) \dots \text{Val}(e, \text{AP})$

A alteração introduzida liga a posição relativa do adjectivo à interpretação intersectiva (163)'a ou à interpretação adverbial (163)'b. Assim, em (163)' está representada a regra que valida que:

(i) se o adjectivo se encontrar na posição pós-nominal – $[_{\text{NP}} \text{NP AP}]$ – e estando na presença de um nome que denote um par indivíduo (x) / evento (e) – $(\langle x, e \rangle, \text{NP})$ –, então a predicação adjectival recai sobre a variável individual (x) denotada pelo nome – $\text{Val}(x, \text{AP})$ – e há uma leitura intersectiva.

(ii) se o adjectivo se encontrar na posição pré-nominal – $[_{\text{NP}} \text{AP NP}]$ – e estando na presença de um nome que denote um par indivíduo (x) / evento (e) – $(\langle x, e \rangle, \text{NP})$ –, então a predicação adjectival recai sobre a variável eventiva (e) denotada pelo nome – $\text{Val}(e, \text{AP})$ – e há uma leitura adverbial.

Seguindo a abordagem de Demonte (1999) acima referida, é possível constatar que as "facetas" semânticas destes nomes são sistematicamente uma do tipo concreto e outra do tipo abstracto e que a ordem canónica (N A) permite a modificação da "faceta" [+ concreta], quando esta existe, e a ordem inversa (A N) permite a modificação da "faceta" [+ abstracta]. Mas esta constatação em termos da definição da estrutura semântica do nome não é muito elucidativa.

Por outro lado, o modelo do LG, como já foi referido, permite representar os objectos semânticos presentes no significado de um item lexical através da estrutura Qualia, (cf. 2.1.). Descrevendo o exemplo de Larson, em (159), de acordo com o

quadro do LG, obteríamos, *grosso modo*, a representação semântica do nome *letter*, ao nível dos papéis Qualia, ilustrada em (174):

- (159) (in) a recent **letter** (that I wrote, received, sent...)
 ((n)uma carta recente (que eu escrevi, recebi, enviei, ...))

(174) letter

$$\left[\begin{array}{l} \text{ESTR} - \text{ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = x : \text{objecto_físico} \\ \text{ARG}_2 = y : \text{informação} \end{array} \right] \\ \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{obj_físico} \bullet \text{informação_lcp} \\ \text{FORMAL} = \text{conter}(x, y) \\ \text{TÉLICO} = \text{ler}(e_1, z, x \bullet y) \\ \text{AGENTIVO} = \text{escrever}(e_2, z, x \bullet y); \text{enviar}(e_3, z, x \bullet y) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

Em (174) está estruturalmente representada a estrutura e as ligações semânticas que unem o nome *letter* aos eventos que lhe estão associados.

Deste modo, é fácil compreender que ao juntar um adjectivo intersectivo relativo a um nome que denote um par indivíduo–evento, aquele modificará um evento representado na estrutura léxico-semântica do nome, i.e., nos Qualia. Um sintagma nominal como *Uma carta rápida* poderá, então, ter como interpretações:

- (175) $Q_e[\text{escrever}(e, y, x) \dots \text{rápido}(e, C)]$
 \vee
 $Q_e[\text{ler}(e, z, x) \dots \text{rápido}(e, C)]$
 \vee
 $Q_e[\text{enviar}(e, y, x) \dots \text{rápido}(e, C)]$

Note-se que o adjectivo *rápido*, neste caso, só poderá ser um adjectivo modificador de eventos. Aplicando esta modelização, por hipótese, ao exemplo em

5. MODIFICAÇÃO ADJECTIVAL COM VALOR ADVERBIAL

(170), obteríamos algo como o representado em (176), em que o adjectivo modificará ou o argumento do nome, x , neste caso um indivíduo do tipo **humano**, ou o valor do papel Formal, e , neste caso, um **evento**.

$$(176) \quad \begin{array}{l} \text{amigo} \\ \left[\begin{array}{l} \text{ESTR - ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = x : \text{humano} \\ \text{ARG}_1 - \text{D} = y : \text{humano} \end{array} \right] \\ \text{QUALIA} = [\text{FORMAL} = \text{relação_de_amizade}(e, x, y)] \end{array} \right] \end{array}$$

No entanto, como *amigo* é um nome cujas propriedades semânticas, quer na sua "faceta" abstracta (de evento), quer na sua "faceta" concreta (de humano), são passíveis de ser modificadas por um adjectivo intersectivo relativo como *velho*, que permite a ambiguidade entre as leituras intersectiva ou de valor adverbial, será a posição do adjectivo relativamente ao nome que determinará qual a leitura do sintagma. A aplicação da regra em (163)' dará como resultado as representações das leituras possíveis, de acordo com a posição do adjectivo (cf.(177)).

$$(177) \quad \begin{array}{lll} Q_e[\text{relação_de_amizade}(e, a) \dots \text{velho}(e, C)] & \text{sse} & [\mathbf{AP NP}] \\ \vee & & \\ Q_e[\text{relação_de_amizade}(e, a) \dots \text{velho}(a, C)] & \text{sse} & [\mathbf{NP AP}]. \end{array}$$

A análise de Larson (1999) é um ponto de partida extremamente valioso para a análise em curso, visto que, numa forma que segue a intuição, valoriza equilibradamente a semântica dos nomes e dos adjectivos. Apesar de Pustejovsky (1995) referir e analisar adjectivos modificadores de eventos (cf. 4.2.), Larson fá-lo numa perspectiva da análise da ambiguidade de leituras que alguns destes adjectivos permitem. Assim, é tomado como ponto de partida para a análise dos adjectivos em estudo o facto de ser possível uma leitura adverbial quando em presença de nomes que denotem um par indivíduo – evento.

5. MODIFICAÇÃO ADJECTIVAL COM VALOR ADVERBIAL

Como já foi referido no ponto 3.3. deste trabalho, os nomes em causa, à excepção do nome *homem*, denotam, ainda que não de forma igual, pares de indivíduos – eventos. Para além disso, os adjectivos em causa são adjectivos qualificativos relativos. Desta forma, estão reunidas as condições para que a análise de Larson se aplique. No capítulo que segue será aprofundada a análise da modificação por estes adjectivos no quadro do LG, tendo em conta a posição do adjectivo e as leituras daí resultantes.

5. MODIFICAÇÃO ADJECTIVAL COM VALOR ADVERBIAL

6. ANÁLISE DOS ADJECTIVOS *VELHO*, *ALTO*, *MAU*, *RICO* E *GRANDE*

De acordo com a classificação de Demonte (1999) apresentada, os adjectivos em estudo (*velho*, *alto*, *mau*, *rico*, *pobre*, *grande*) enquadram-se nas subclasses de adjectivos qualificativos dos adjectivos de dimensão (*alto*, *grande*), dos adjectivos de idade (*velho*) e dos adjectivos avaliativos (*mau*, *pobre*, *rico*). Os adjectivos pertencentes a estas subclasses são descritos como admitindo a possibilidade de:

- (i) modificação por advérbios de intensificação,
- (ii) entrar em construções comparativas,
- (iii) entrar em relações de polaridade,
- (iv) ter uma interpretação relativa ou subsectiva,
- (v) ocorrer em ambas as posições pré e pós-nominal. (cf. 4.1.5.).

No entanto, e de acordo com a análise de Larson (1999) (cf. 5.1.), a propriedade que porventura os distinguirá dos restantes adjectivos, e que poderá ser responsável pelo seu comportamento "especial", é o facto de poderem modificar nomes que para além de denotarem um indivíduo, denotam, de alguma forma, um evento.

Se atentarmos nas diferentes leituras que derivam da posição adjectival relativamente ao nome constatamos que a leitura permitida pela posição pré-nominal é a directamente relacionada com o evento denotado pelo nome, ao passo que a leitura permitida pela posição pós-nominal é a que se relaciona directamente com o

indivíduo denotado pelo nome. Por outras palavras, quando em posição pré-nominal o adjectivo adquire um valor adverbial.

(178) velho amigo \cong que mantém uma relação de amizade há muito tempo

(179) alto funcionário \cong que exerce uma função elevada

(180) mau cão de guarda \cong que exerce a função de guarda mal

(181) rico pai \cong que exerce a paternidade bem

(182) grande homem \cong que age/agiu valorosamente

(183) pobre homem \cong ?que age/agiu miseravelmente

De todos os exemplos, apenas *pobre* não exhibe este comportamento. *A priori* este comportamento deriva do facto de o adjectivo *pobre* não implicar, ao contrário de todos os outros, que o indivíduo denotado pelo nome modificado seja agente ou causa do evento passível de ser modificado pelo adjectivo quando em posição pré-nominal, mas este será um caso a analisar posteriormente, (cf. Capítulo 7).

Voltando à estrutura semântica dos adjectivos apresentados de (178) a (183), surge a primeira questão: será possível uma entrada lexical única para estes adjectivos de forma a contemplar as duas possibilidades de leitura? Ou será mais adequado considerar duas entradas lexicais, sendo uma a representação do caso em que o adjectivo modifica um evento presente na semântica do nome, e implicando, nestes casos, a posição pré-nominal, e outra a representação do caso em que o adjectivo modifica o indivíduo denotado pelo nome quando em posição pós-nominal?

Começar-se-á pela análise da modificação eventiva, partindo da proposta de Saint-Dizier (1998) para o adjectivo *bon* (*bom*) em francês.

6.1. O CASO DE *BOM*

O adjectivo *bon*, em francês, é estudado por Saint-Dizier (1998) no âmbito do quadro do LG. O autor faz uma representação semântica do adjectivo avaliativo (considerado o mais polissémico quer em termos lexicográficos, i.e., em termos de número de entradas em dicionários tradicionais, quer em termos de análise de *corpora*) determinando o(s) significado(s) "nuclear(es)" do adjectivo *bon* e, através da estrutura Qualia e da análise em LCS (Estrutura Léxico Conceptual), define a suas restrições de selecção.

Saint-Dizier determina cinco significados distintos para o adjectivo *bon*:

SIGNIFICADO 1:

Ideia de bom funcionamento de um objecto concreto na tarefa para a qual este foi concebido.

(184) uma faca **boa** \cong *uma faca que têm uma "capacidade" elevada para cortar, (uma faca que corta bem).*

Os nomes, neste caso, serão do tipo **instrumento**, **máquina** ou **técnica** e o adjectivo modificará um predicado presente no papel Télico da estrutura Qualia do nome através do mecanismo generativo de Ligação Selectiva. A representação semântica do composto Adj+N, em LCS, será a seguinte:

(184)' Seja um nome do tipo α e com Qualia [..., Télico: T, ...]

sendo

T = lista de predicados associados ao papel Télico de N, da forma $F_i(_, _)$;

Y = variável associada a N; então

bom¹ =

$\lambda Y: \alpha, \lambda F_i, [\text{state } BE + \text{chari} + \text{ident}([\text{thing } Y], [+ \text{prop } ABILITY-TO (F_i(Y,_) = \text{high})}]$.

É a função *ABILITY-TO* (*capacidade para*) com o valor *high* (*elevado*) que expressa o significado do adjectivo. O adjectivo denota assim um estado que modifica um evento presente no papel Télico de N (i.e. que pertence a T), cuja forma de função ($F_i(_,_)$) toma como argumento uma variável associada a N – Y, resultando a função ($F_i(Y,_)$) num predicado diádico cujo segundo argumento será preenchido por co-composição pelo evento presente no papel Télico seleccionado pelo adjectivo.

SIGNIFICADO 2:

Ideia de avaliação positiva de qualidades morais, psicológicas, físicas ou intelectuais nos humanos.

(185) um violinista **bom** \equiv *um indivíduo que tem uma capacidade elevada para tocar violino, (um violinista que toca bem).*

(185)' Seja um nome do tipo α e com Qualia [..., Télico: T, ...]

sendo

T = lista de predicados associados ao papel Télico de N, da forma $F_i(_,_)$;

Y = variável associada a N; então

bom² =

$\lambda Y: \text{human}, F_i : \text{action_related_to_profession } \vee \text{ moral_behaviour}, Y: \alpha,$

$[\text{state } BE + \text{chari} + \text{ident}([\text{thing } Y], [+ \text{prop } ABILITY-TO (F_i(Y,_) = \text{high})}]$.

O autor considera que este sentido do adjectivo não passa de uma extensão do primeiro a que é acrescentada uma restrição dos valores presentes no papel Télico da

estrutura Qualia do nome a propriedades relacionadas com o comportamento moral ou atitudes psicológicas e capacidade cognitivas e profissionais do indivíduo denotado pelo nome. Desta especificidade resulta o facto de o tipo semântico de Y ser necessariamente [+humano].

SIGNIFICADO 3:

Intensificador de propriedade(s) do nome, dando a ideia de satisfação. Neste caso, a entidade experienciadora (humana) não está directamente explícita no sintagma nominal mas surge na representação semântica. O autor introduz uma abstracção- λ ¹⁹ para que seja possível instanciar esta variável com o tipo **humano** na informação presente na estrutura Qualia do nome.

(186) um filme **bom** \cong *um filme que proporciona prazer*.

(186)' Seja um nome do tipo α e com Qualia [..., Télico: T, ...]

sendo

T = lista de predicados associados ao papel Télico de N, da forma $F_i(_, _)$;

Y = variável associada a N; e

$F_i(X, Y)$ o predicado seleccionado pelo adjectivo:

$\text{bom}^3 = \lambda X: \text{humano}, Y: \alpha, F_i(X, Y),$

$[\text{event } CAUSE ([\text{event } F_i(X, Y)], [\text{state } BE_{+psy} ([\text{thing } X]), [\text{place } AT_{+psy} ([+place \text{ pleasure}])]])]]]$

A determinação deste significado pode ser controversa uma vez que é possível aceitar que nomes como *filme* ou *livro* terão como finalidade a diversão ou o entretenimento de um agente/ experienciador [+humano]. Desta forma, não seria,

¹⁹ A linguagem do Cálculo- λ pode ser usada para definir funções. Nomeadamente, a abstracção- λ permite representar funções para ligar variáveis dentro de uma fórmula maior. Esta função, no caso, é usada para garantir que o tipo da variável a instanciar é o tipo **humano**.

talvez, necessária a introdução da abstracção- λ para justificar a presença de um argumento humano não explícito na representação, à semelhança do que ocorre, por exemplo, com o Significado 1, em que é possível a interpretação "faca que corta bem" e onde está necessariamente implícito um agente [+humano].

SIGNIFICADO 4:

Ideia de quantificação aplicada a nomes de quantidades ou medidas. O autor rejeita este caso como sendo semelhante aos anteriores, uma vez que o adjectivo assume um significado base de quantificador. Um sintagma como *um litro bom* é interpretado como significando um pouco mais do que a medida ou unidade indicada ou acima da média (para este último caso, os exemplos dados são *salário bom* e *vento bom*). No entanto, também é possível a interpretação deste tipo de sintagmas como a mesma "avaliação positiva", neste caso, de um evento em que a unidade ou medida é utilizada. Neste sentido, este significado aproximar-se-ia do significado descrito em seguida.

SIGNIFICADO 5:

Ideia de validade, correcção, exactidão. Este significado do adjectivo *bom* é indeterminado sendo definido pela projecção do tipo do nome modificado e pela projecção do tipo de predicado seleccionado do papel Télico do nome. Neste caso, não há apenas uma "selecção", é necessário uma complementarização vinda da parte dos elementos semânticos do nome modificado. O exemplo dado pelo autor é o aqui adaptado em (187) em que o predicado presente no papel Télico será *dar_acesso_a*, sendo o significado de *bom* \cong válido.

(187) bilhete **bom**

(187)' Seja um nome do tipo α e com Qualia [..., Télico: T, ...]

sendo

T = lista de predicados associados ao papel Télico de N, da forma $F_i(_,_)$;

X = variável associada a N; então

$bom^5 =$

$\lambda X: ticket, [state BE + chari + ident([thing X], [place AT + chari + ident [+ prop valid(X)]])]$.

No entanto, também é necessária uma regra de composição semântica para a restrição ao tipo de papel Télico:

(188) $sem_composition(Adj(R), Noun(X, Qualia(T))) =$

$\lambda X: ticket, \exists F_i(_,_); give_access_to \in T, (N(X) \wedge R(X))$.

Desta forma estão contempladas as duas condições necessárias para que este sentido ocorra: nem o tipo do papel Télico, por si só, é suficiente, nem a restrição ao tipo de nome, por si só, é suficiente.

A distinção entre estes cinco significados do adjectivo *bom* deixa por explicar duas constatações quase intuitivas:

- (i) o significado do adjectivo não é alterado significativamente apesar das diferentes representações,
- (ii) a informação contida nas estruturas léxico-conceituais de cada um dos significados acima definidos é derivada do conteúdo semântico do nome modificado.

Para além disso, há a salientar o facto de a Ligação Selectiva que o adjectivo mantém com o conteúdo do papel Télico do nome modificado ser uma constante. Como o próprio autor nota, a primeira dificuldade em estabelecer o significado de um adjectivo avaliativo como *bom* é a sua subespecificação:

«In fact, *bon* can be combined with almost any noun in French, and as (Katz 66) pointed out, *good* would need as many different readings as there are functions for objects.» (Saint-Dizier 1998: 2).

A afirmação de que o adjectivo *bom* se pode combinar com quase qualquer nome numa língua como o francês e de que seriam necessárias tantas interpretações (significados) para este adjectivo como funções para os objectos, vem corroborar o que atrás foi dito.

Uma proposta para este caso é a de considerar que o adjectivo *bom* modifica preferencialmente predicados presentes no papel Télico da estrutura Qualia do nome, mas não exclusivamente (cf. Significado 4), e que as diferentes interpretações derivam, então, do conteúdo semântico do nome modificado.

Como adjectivo avaliativo, o adjectivo *bom*, segundo Demonte (1999), cobre o leque de aspectos da realidade humana que é susceptível de avaliação, não tendo, no entanto, um valor específico como *feio* (\cong esteticamente desagradável) ou *delicioso* (\cong agradável ao paladar). Assim, e tomado como o adjectivo avaliativo mais subespecificado por excelência *bom* pode ter como significado *que é avaliado positivamente*.

Uma possível representação deste adjectivo, no quadro do LG é a seguinte:

(189) bom

$$\left[\begin{array}{l} \text{ESTR – EVENT} = [E_1 = e_1 : \text{estado}] \\ \text{ESTR – ARG} = \left[\text{ARG1} = \left[\begin{array}{l} x \dots \\ \text{QUALIA} = [\text{TÉLICO} = e_2] \\ \dots \end{array} \right] \right] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \dots \\ \text{FORMAL} = \text{avaliação_positiva}(e_1, e_2) \\ \dots \end{array} \right] \end{array} \right]$$

A subespecificação semântica desta representação permite dar conta dos cinco significados apresentados por Saint-Dizier (1998). Assim, teremos

SIGNIFICADO 1:

(190) uma faca **boa**

$$\left[\begin{array}{l} \text{ESTR - EVENT} = [E_1 = e_1 : \text{estado}] \\ \text{ESTR - ARG} = \left[\text{ARG}_1 = \left[\begin{array}{l} \text{ESTR - ARG} = [\text{ARG}_1 = x : \text{artefacto}] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \dots \\ \text{FORMAL} = x \\ \text{TÉLICO} = \text{cortar}(e, x, y) \\ \dots \end{array} \right] \end{array} \right] \end{array} \right] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \dots \\ \text{FORMAL} = \text{avaliação_positiva}(e_1, e_2) \\ \dots \end{array} \right] \end{array} \right]$$

≅ avaliação positiva do evento de cortar (*corta bem*).

SIGNIFICADO 2:

(191) um violinista **bom**

$$\left[\begin{array}{l} \text{ESTR - EVENT} = [E_1 = e_1 : \text{estado}] \\ \text{ESTR - ARG} = \left[\text{ARG}_1 = \left[\begin{array}{l} \text{ESTR - ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = x : \text{humano} \\ \text{ARG}_1 - S = y : \text{violino} \end{array} \right] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \dots \\ \text{FORMAL} = x \\ \text{TÉLICO} = \text{tocar}(e_2, x, y) \end{array} \right] \end{array} \right] \end{array} \right] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \dots \\ \text{FORMAL} = \text{avaliação_positiva}(e_1, e_2) \\ \dots \end{array} \right] \end{array} \right]$$

≅ avaliação positiva do evento de tocar violino (*toca bem*).

SIGNIFICADO 3:

(192) um filme **bom**

$$\left[\begin{array}{l} \text{ESTR - EVENT} = [E_1 = e_1 : \text{estado}] \\ \\ \text{ESTR - ARG} = \left[\text{ARG}_1 = \left[\begin{array}{l} \text{informação} \bullet \text{objecto_físico_lcp} \\ \text{ESTR - ARG} = \boxed{1} \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = x : \text{informação} \\ \text{ARG}_2 = y : \text{objecto_físico} \end{array} \right] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \dots \\ \text{FORMAL} = \text{conter}(y, x) \\ \text{TÉLICO} = \text{divertir}(e_2, z, \boxed{1}) \\ \dots \end{array} \right] \end{array} \right] \\ \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \dots \\ \text{FORMAL} = \text{avaliação_positiva}(e_1, e_2) \\ \dots \end{array} \right] \end{array} \right]$$

≅ avaliação positiva do evento de divertir (ou entreter) (*diverte bem*).

SIGNIFICADO 4:

(193) um litro **bom**

$$\left[\begin{array}{l} \text{ESTR - EVENT} = [E_1 = e_1 : \text{estado}] \\ \\ \text{ESTR - ARG} = \left[\text{ARG}_1 = \left[\begin{array}{l} \text{ESTR - ARG} = [\text{ARG}_1 = x : \text{medida/quantidade}] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \dots \\ \text{FORMAL} = x \\ \text{TÉLICO} = \text{serve_para_medir}(e_2, y, z, x) \\ \dots \end{array} \right] \end{array} \right] \\ \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \dots \\ \text{FORMAL} = \text{avaliação_positiva}(e_1, e_2) \\ \dots \end{array} \right] \end{array} \right]$$

≅ avaliação positiva do evento de medir (*serviu para medir bem*).

É necessário salientar que a interpretação deste sintagma (*um litro bom*) não é a apresentada por Saint-Dizier (1998), uma vez que não há quantificação. Como atrás foi referido, esta interpretação é a que se poderá aproximar do Significado 5.

SIGNIFICADO 5:

(194) um bilhete **bom**

$$\left[\begin{array}{l}
 \text{ESTR - EVENT} = [E_1 = e_1 : \text{estado}] \\
 \\
 \text{ESTR - ARG} = \left[\begin{array}{l}
 \text{ARG}_1 = \left[\begin{array}{l}
 \text{informação} \bullet \text{objecto_fí sico_lcp} \\
 \text{ESTR - ARG} = \boxed{1} \left[\begin{array}{l}
 \text{ARG}_1 = x : \text{objecto_fí sico} \\
 \text{ARG}_2 = y : \text{informação}
 \end{array} \right] \\
 \\
 \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l}
 \dots \\
 \text{FORMAL} = \text{conter}(x, y) \\
 \text{TÉLICO} = \text{dar_acesso_a}(e_2, y, z, \boxed{1}) \\
 \dots
 \end{array} \right]
 \end{array} \right] \\
 \\
 \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l}
 \dots \\
 \text{FORMAL} = \text{avaliação_positiva}(e_1, e_2) \\
 \dots
 \end{array} \right]
 \end{array} \right]$$

≡ avaliação positiva do evento de dar acesso a (*permite aceder **bem***).

Apesar de simplificadas, estas representações podem dar uma ideia do que a subespecificação e o mecanismo de Ligação Selectiva permitem no que respeita à construção de entradas lexicais que abrangem os significados de um item lexical sem, no entanto, dividir o que intuitivamente está ligado. Note-se, porém, que em nenhum caso se prescinde ou pretende substituir as estruturas léxico-conceptuais apresentadas pelo autor. Apenas se pretende mostrar que essas mesmas estruturas léxico-conceptuais não derivam de diferentes significados do adjectivo *bom*, mas sim da junção do conteúdo semântico do adjectivo com o conteúdo semântico do nome. Para além disso, parece ser possível classificar este adjectivo (como se verifica na estrutura lexical apresentada em (189)) como modificador de eventos presentes preferencialmente no papel Télico dos nomes que modifica.

6.2. OS ADJECTIVOS *VELHO*, *ALTO*, *MAU*, *RICO* E *GRANDE*

O caso de *bom* foi aqui apresentado para exemplificar uma análise de um adjectivo do tipo dos adjectivos em estudo, nomeadamente, *velho*, *alto*, *mau*, *rico* e *grande* (não se inclui nesta fase o adjectivo *pobre*, pelas razões atrás descritas). Tal como *bom*, estes adjectivos incluem-se na classe dos adjectivos qualificativos relativos ou subsectivos. A distinção entre adjectivos de dimensão, de idade e avaliativos não parece relevante, uma vez que, como anteriormente foi dito, estas classes têm comportamentos muito semelhantes. Para além disso, é possível verificar desde já que o sistema de classificação apresentado por Demonte (1999) não é suficiente para distinguir os adjectivos em estudo no que respeita ao seu comportamento relativamente à posição que ocupam perante o nome modificado. A comprovar este facto, temos o adjectivo *bom* que, apesar de, logicamente, pertencer à mesma classe do adjectivo *mau*, não se comporta da mesma forma que o seu antónimo quando em posição pré-nominal (cf. (195))²⁰.

- (195) a. um bom cão de guarda \cong um cão de guarda bom
 b. um mau cão de guarda \neq um cão de guarda mau

A divisão dos adjectivos em classes de acordo com o seu significado não permite prever este comportamento. Seria interessante que, após a análise em curso, se verificasse que existem traços comuns a estes adjectivos e que estes traços permitissem uma classificação mais apurada.

²⁰ Note-se, no entanto, que num registo mais informal é possível verificar que o adjectivo *bom* também pode admitir uma leitura adverbial quando em posição pré-nominal, por oposição a uma leitura intersectivana posição pós-nominal:

um bom amigo \cong *pessoa cuja relação de amizade com outra é avaliada positivamente* (leitura adverbial).

um amigo bom \cong *pessoa que mantém uma relação de amizade com outra, e pessoa cujos atributos físicos são avaliados positivamente* (leitura intersectiva).

Utilizando, de novo, o quadro do LG e tendo em conta a análise de Larson, o que se pretende é conseguir representar um adjectivo como *velho* de forma a dar conta das suas duas interpretações possíveis:

INTERPRETAÇÃO 1:

(196) $Q_e[amizade(e,a) \dots velho(a, C)] \quad sse \quad [NP < AP]$.

amigo velho \cong indivíduo com bastante idade, em que *a* é a variável associada ao nome (indivíduo denotado por *amigo*), *e* a variável eventiva (relação de amizade) e *C* a classe de comparação, de acordo com a interpretação relativa do adjectivo. Esta interpretação exige a posposição do adjectivo e resulta na modificação do indivíduo denotado pelo nome modificado (*velho(a, C)*).

INTERPRETAÇÃO 2:

(197) $Q_e[amizade(e, a) \dots velho(e, C)] \quad sse \quad [AP < NP]$

velho amigo \cong amizade de longa data, em que *e* é a variável eventiva (relação de amizade), *a* a variável associada ao nome (indivíduo denotado por *amigo*), e *C* a classe de comparação, cujo valor é também "fornecido" pelo conteúdo semântico do nome e que permite a interpretação relativa do adjectivo. Esta interpretação exige a anteposição do adjectivo e resulta na modificação do evento denotado pelo nome modificado (*velho(e, C)*).

No entanto, o significado do adjectivo *velho* mantém-se nas duas acepções, podendo ser representado como:

$$(198) \quad \left[\begin{array}{l} \text{velho} \\ \text{ESTR} - \text{EVENT} = [E_1 = e_1 : \text{estado}] \\ \\ \text{ESTR} - \text{ARG} = \left[\begin{array}{l} \boxed{1} \\ \text{ARG}_1 = x \end{array} \right] \\ \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \dots \\ \text{CONSTITUTIVO} = \text{relativo_a_uma_classe}(e_1, \boxed{1}) \\ \text{FORMAL} = \text{existir_há_muito_tempo}(e_1, x, \boxed{1}) \\ \dots \end{array} \right] \end{array} \right]$$

Esta estrutura serve para ambas as interpretações:

(199) Interpretação 1: *existe_há_muito_tempo*(indivíduo, C).

Interpretação 2: *existe_há_muito_tempo*(relação_de_amizade, C)

A definição da classe de comparação é dada pelo tipo semântico do argumento, representado em [1], como se pode verificar pelas paráfrases apresentadas em (200)a e b dos exemplos em (196) e (197), respectivamente:

(200) a. Ele é velho para um **homem**.

b. Esta é uma amizade velha para uma **relação**.

Porém, esta entrada lexical do adjectivo nada diz no que respeita à ordem do adjectivo em relação ao nome e às restrições de selecção argumental que essa ordem envolve. Ao construir as representações das duas leituras de (196) e (197), aqui em (196)' e (197)', aplicando apenas (198), obtém-se o seguinte resultado:

(196)' amigo velho

$$\left[\begin{array}{l} \text{ESTR} - \text{EVENT} = [E_1 = e_1 : \text{estado}] \\ \\ \text{ESTR} - \text{ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = \left[\begin{array}{l} \boxed{1} \text{ humano} \\ \text{ESTR} - \text{ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = \boxed{2} x : \text{humano} \\ \text{ARG}_1 - \text{D} = y : \text{humano} \end{array} \right] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \dots \\ \text{FORMAL} = x, \text{relação_de_amizade}(e_2, \boxed{2}, y) \\ \dots \end{array} \right] \end{array} \right] \end{array} \right. \\ \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \dots \\ \text{CONSTITUTIVO} = \text{relativo_a_uma_classe}(e_1, \boxed{1}) \\ \text{FORMAL} = \text{existe_há_muito_tempo}(e_1, \boxed{2}, \boxed{1}) \\ \dots \end{array} \right] \end{array} \right]$$

(197)' velho amigo

$$\left[\begin{array}{l} \text{ESTR} - \text{EVENT} = [E_1 = e_1 : \text{estado}] \\ \\ \text{ESTR} - \text{ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = \left[\begin{array}{l} \boxed{1} \text{ humano} \\ \text{ESTR} - \text{ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = x : \text{humano} \\ \text{ARG}_1 - \text{D} = y : \text{humano} \end{array} \right] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \dots \\ \text{FORMAL} = x, \boxed{2} \text{ relação_de_amizade}(e_2, x, y) \\ \dots \end{array} \right] \end{array} \right] \end{array} \right. \\ \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \dots \\ \text{CONSTITUTIVO} = \text{relativo_a_uma_classe}(e_1, \boxed{1}) \\ \text{FORMAL} = \text{existe_há_muito_tempo}(e_1, \boxed{2}, \boxed{1}) \\ \dots \end{array} \right] \end{array} \right]$$

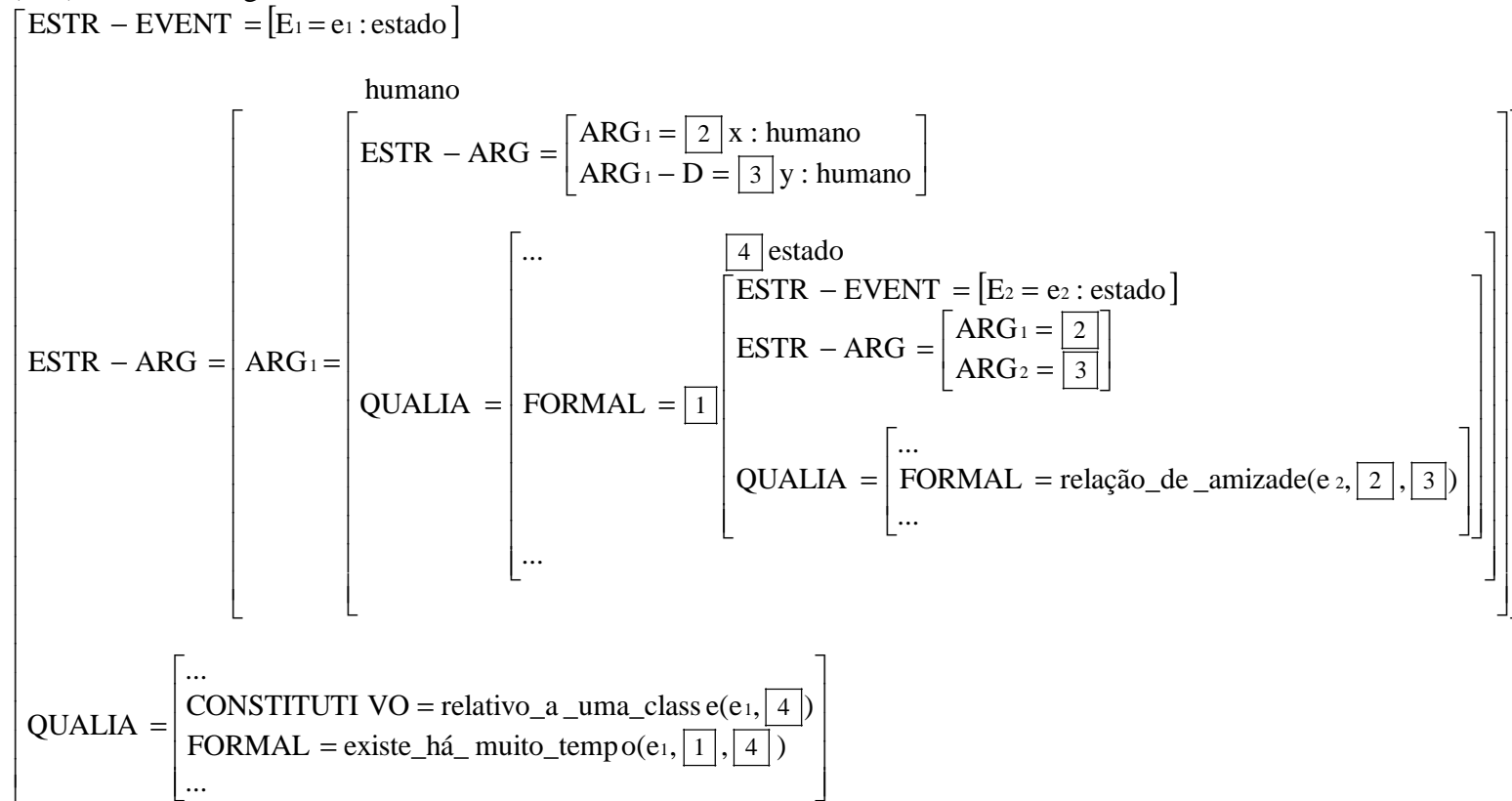
A representação em (196)' resulta quase na perfeição (se não contarmos com as restrições de ordem dentro do sintagma nominal) para a interpretação em (196). Ao mesmo tempo que é identificado o argumento da modificação adjectival, [2], é possível determinar qual a classe de comparação, [1], que permite a interpretação deste adjectivo relativo, no caso em questão, o tipo semântico **humano**²¹.

No entanto, o mesmo não acontece no que respeita a (197)', em que, apesar de determinado qual o argumento da modificação adjectival – o evento *relação_de_amizade*, [2] – não é correctamente definida a classe de comparação, [1], que seria o tipo do evento *relação_de_amizade*, neste caso.

Neste ponto, há que ter em conta que o modelo de representação do LG é um sistema de estruturas de matrizes atributo-valor em que o valor de um atributo pode ser, por sua vez, uma matriz atributo-valor. Assim sendo, é possível considerar que os valores presentes nos Qualia de um nome possam ser complexos, como se exemplifica em (197)".

²¹ Note-se que o tipo **humano** foi aqui escolhido por uma questão de simplicidade, não sendo relevante para o presente trabalho a determinação de quais as entidades que podem entrar numa relação de amizade.

(197)" velho amigo



Com a especificação do valor presente no papel Formal de um nome como *amigo*, é possível determinar correctamente a classe de comparação a que o adjectivo se refere. Deste modo, a classe de comparação é sempre determinada pelo tipo semântico do argumento modificado pelo adjectivo, seja ele o tipo do nome em causa, seja ele o tipo do evento presente num dos papéis Qualia do nome modificado.

6.2.1. SEMÂNTICA ADJECTIVAL E ALTERNÂNCIAS SINTÁCTICAS

O fenómeno de mudança de significado do sintagma nominal de acordo com a posição do adjectivo pode ser analisado de uma forma análoga à de algumas análises das alternâncias verbais²² em que se parte da hipótese de que é da informação semântica contida na entrada lexical de um item que derivam as alternâncias.

Em Fernández *et al.* (1999) é proposta uma tipologia de alternâncias que se divide em duas classes: a de oposição evento–evento e a de oposição evento–estado. É um dos tipos de uma subclasse da classe de oposição evento–evento, denominada *mudança de foco*, que mais se adequa a um possível paralelismo com o fenómeno em estudo. O tipo em questão é o *holístico*, que descreve uma mudança de foco dos componentes de um único argumento semanticamente complexo. Este tipo de alternância refere uma oposição entre uma estrutura que apresenta uma entidade enquanto um todo e uma estrutura em que apenas uma das componentes dessa entidade é enfatizada.

Para o caso das alternâncias verbais as autoras consideram que a alternância holística pode originar perda de informação (cf. (201)) ou apenas uma mudança na distribuição dos participantes (cf. (202)):

²² Existem análises, como as de Piñon (2001), que consideram que as alternâncias verbais resultam de um par de verbos, associados a um lexema, em que cada elemento do par é responsável pelo comportamento sintáctico e pelo conteúdo semântico das oposições características das alternâncias. Este par deriva, assim, do lexema, resultando a alternância da aplicação de uma regra de lexema, por oposição às regras de palavras. A este propósito confrontar, por exemplo, Aranovich e Runner (2001).

- (201) a. Mary criticizes Lola because of her selfishness.
 (A Maria critica a Lola por causa do seu egoísmo.)
 b. Mary criticizes the selfishness of Lola.
 (A Maria critica o egoísmo da Lola.)

- (202) a. Ana and Ester met.
 (A Ana e a Ester encontraram-se.)
 b. Ana met with Ester.
 (A Ana encontrou-se com a Ester.)

(Fernández *et al.* (1999:4)

É visível o paralelismo entre esta análise e o caso aqui em estudo. Tendo em conta que os adjectivos, enquanto predicados, se ligam a uma "faceta", i.e., a um valor da estrutura semântica, do nome que modificam através do mecanismo generativo de Ligação Selectiva, não faz sentido propor aqui uma análise holística em que há perda de informação, visto haver apenas uma selecção do conteúdo semântico a modificar em qualquer dos casos, como se evidencia em (203) e (204):

- (203) $Q_e[[... \text{Arg}_1 = \text{humano}(x) \dots] \dots \text{velho}(\text{Arg}_1(x), C)] \text{ sse } [AP < NP]$
 (amigo velho: \cong *humano que existe há muito tempo*)

- (204) $Q_e[[... \text{Formal} = \text{relação_de_amizade}(e, x, y) \dots] \dots \text{velho}(\text{Formal}(e), C)]$
 sse $[AP < NP]$
 (velho amigo: \cong *relação de amizade que existe há muito tempo*)

Assim, o que se verifica é uma mudança de objecto semântico, ou, paralelamente à análise de Fernández *et al.* (1999), uma mudança de participantes. Deste modo, será o foco o processo responsável pela posição sintáctica. Esta assumpção não é controversa no sentido em que a anteposição do adjectivo é, tradicionalmente, descrita como resultante de "ênfase" e responsável por uma leitura subjectiva:

«b) sendo a sequência ADJECTIVO+SUBSTANTIVO provocada pela **ênfase** dada ao qualificativo, decorre daí a noção de que, anteposto, o adjectivo assume um valor subjectivo» (Cunha e Cintra (1984 :268)).

O que difere é que esta "ênfase", nos casos em estudo, não origina apenas uma leitura subjectiva mas uma alternância de significado do sintagma.

6.2.2. AS ALTERNÂNCIAS NO LG

Pustejovsky (1995) aponta o caso das alternâncias como um exemplo da ligação entre as componentes semântica e sintaxe. De facto, as alternâncias sintácticas envolvem, na maioria dos casos, diferenças semânticas.

É um mecanismo deste tipo que poderá servir para mapear para a sintaxe as diferentes predicções de argumentos internos à estrutura semântica do nome que os adjectivos em estudo permitem.

Pustejovsky (1995:49) compara o comportamento do adjectivo *sad* (*triste*), com o comportamento de verbos que permitem alternâncias sem que haja um núcleo eventivo definido, como *break* (*partir*). Verbos causativos / inacusativos como *break* ou *sink* (afundar) são considerados verbos que denotam eventos sem núcleo definido. No entanto, os eventos que estes verbos denotam são mudanças de estado ou transições, i.e., eventos complexos que se subdividem, por sua vez, em novos eventos, nomeadamente do tipo processo e do tipo estado, existindo uma relação de causalidade entre estes eventos. A analogia entre o adjectivo *triste* quando em frases como *um dia triste* implica, da mesma forma, uma relação de causalidade. A determinação do núcleo eventivo define qual o subevento na estrutura do predicado que é focado.

(205) a. O navio afundou(-se). (núcleo eventivo = estado final)

b. A Marinha afundou o navio. (núcleo eventivo = processo que leva ao estado final).

Os adjectivos em estudo não denotam eventos complexos mas estados e também não estabelecem relações de causalidade entre o evento denotado pelo predicado modificador e o evento denotado pelo nome modificado. No entanto, o evento denotado pelo nome modificado é focado quando o adjectivo se encontra em posição pré-nominal. Desta forma, é possível assumir que a estrutura predicativa do adjectivo permite a definição de um núcleo eventivo quando em contexto.

O nível de representação indicado para reflectir este fenómeno é a estrutura eventiva (cf. ponto 2.1.), nomeadamente os valores dos traços *RESTR*(ições) e *NÚCLEO*, uma vez que são estes valores que determinam a relação entre os eventos presentes num predicado.

Relembrando aqui que a numeração e a ordem pela qual os eventos são representados na estrutura eventiva é reveladora no que respeita à sua ordem e proeminência relativa (por exemplo, uma transição composta pelo processo e_1 e pelo estado final e_2 , não será representada como em (206), pelo que, através destas formulações e assumindo que a composição semântica se pode estender à estrutura predicativa, pode assumir-se uma estrutura como (207) para representar os adjectivos em estudo.

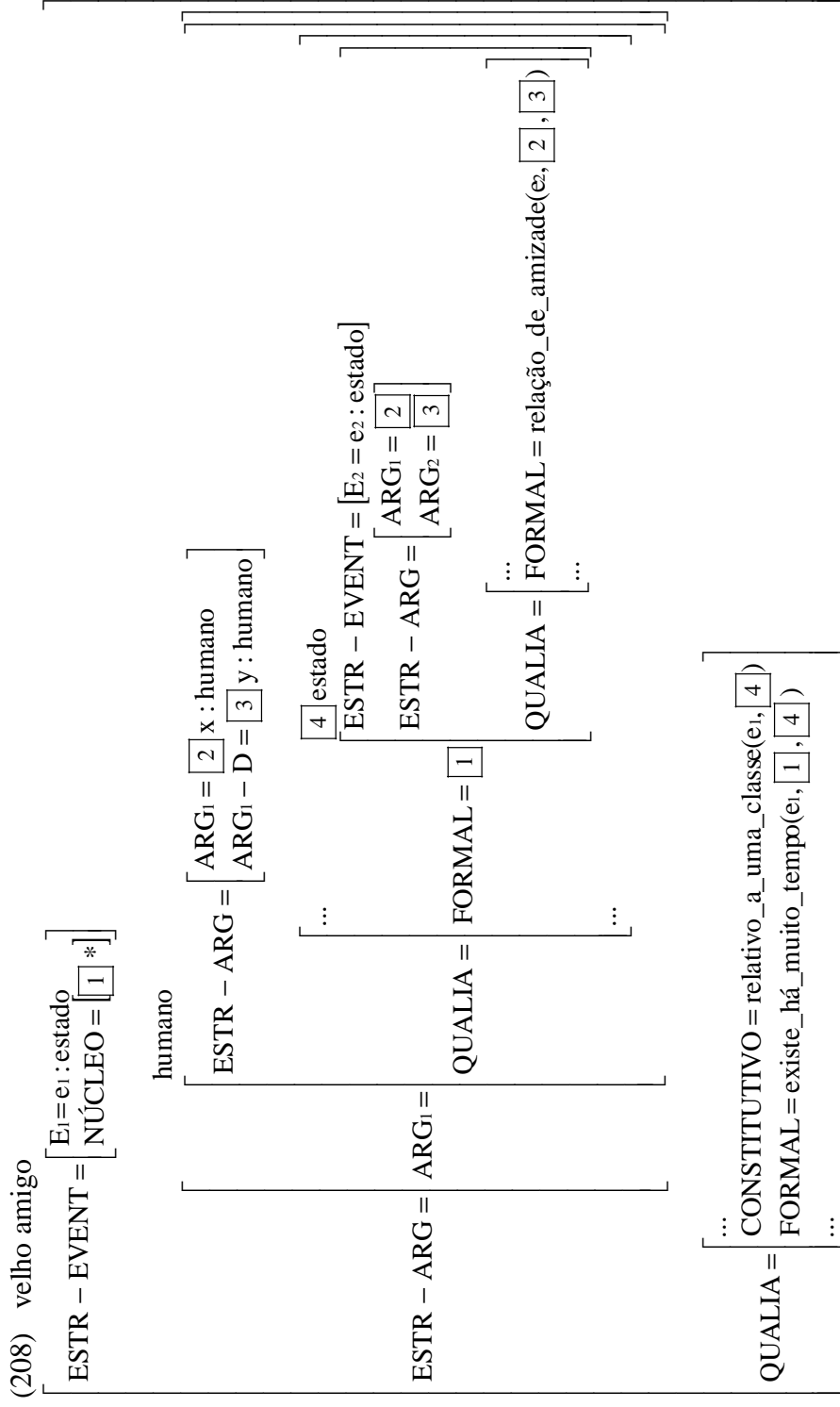
(206)

$$\left[\begin{array}{l} \alpha \\ \text{ESTR} - \text{EVENT} = \left[\begin{array}{l} E_1 = e_1 : \text{estado} \\ E_2 = e_2 : \text{processo} \\ \text{RESTR} = > \alpha \end{array} \right] \end{array} \right]$$

$$(207) \quad \text{adjectivo}_\alpha \left[\begin{array}{l} \text{ESTR} - \text{EVENT} = \left[\begin{array}{l} E_1 = e_1 : \text{estado} \\ \text{NÚCLEO} = [\boxed{1} *] \end{array} \right] \\ \\ \text{ESTR} - \text{ARG} = \left[\text{ARG}_1 = \left[\begin{array}{l} \beta \\ \dots \\ \text{QUALIA} = [\dots \boxed{1} \dots] \end{array} \right] \right] \\ \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{CONSTITUTIVO} = \text{relativo_a_uma_classe}(e_1, \beta) \\ \text{FORMAL} = \text{adjectivo}_\alpha(e_1, \boxed{1}) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

Em (207) está representado um predicado atómico (só tem um argumento na sua estrutura eventiva ($E_1=e_1$: *estado*)), mas que pode perder proeminência se o valor em [1] for instanciado através de um evento presente na estrutura Qualia do argumento modificado. A presença de [1] como núcleo eventivo garante-lhe, necessariamente, o estatuto de evento. Se preenchido, e em posição de foco, este evento será o proeminente. Assim, a relação entre os eventos denotados pelo sintagma, i.e., os eventos denotados pelo modificador e pelo nome, está definida ao mesmo tempo que é respeitada a permeabilidade de significado apresentada por estes adjectivos e o facto de este fenómeno estar directamente relacionado com a semântica nominal.

Assumindo, como foi referido no ponto anterior, que a posição pré-nominal do adjectivo é uma posição de foco, por oposição à posição pós-nominal, posição não marcada, é possível refazer a representação em (197)", aqui em (208), à luz destas novas considerações.



Através destes mecanismos, é possível representar o comportamento semântico e sintáctico dos adjectivos em estudo. Tomou-se como exemplo o adjectivo *velho* e os sintagmas *amigo velho* / *velho amigo*, mas é possível aplicar esta descrição aos outros adjectivos em análise neste capítulo. No entanto, volta-se a frisar que para que este comportamento se verifique é necessário que o nome modificado contenha determinadas características semânticas, nomeadamente que denote um evento ao nível da sua estrutura Qualia. Os casos de *homem grande* / *grande homem* colocam a questão de saber se é possível considerar este nome como eventivo, questão que será abordada no ponto seguinte.

6.2.3. *HOMEM*: UM NOME EVENTIVO

Uma vez que o fenómeno de mudança de significado em função da posição relativa do adjectivo foi explicado tendo em conta a focalização de um evento presente na estrutura Qualia do nome modificado, e tendo em conta que este fenómeno ocorre em sintagmas como *homem grande* e *grande homem*, a questão de se poder considerar que o nome *homem* tem um evento associado é pertinente.

Considerando que existe um traço semântico que distingue o nome *homem* dentro do seu domínio mais amplo: um homem é um ser racional por oposição aos restantes animais, e que o papel Qualia responsável pela distinção de um objecto dos seus pares numa classe é o papel Formal, é possível considerar uma representação de homem como a seguinte:

$$(209) \quad \text{homem} \quad \left[\begin{array}{l} \text{ESTR - ARG} = [\text{ARG}_1 = x : \text{humano}] \\ \text{QUALIA} = [\text{FORMAL} = x, \text{comportamento_racional}(e, x)] \end{array} \right]$$

O facto de o sintagma *grande homem* ser interpretado relativamente ao comportamento do indivíduo denotado pelo nome corrobora esta proposta. A

interpretação de *grande homem* pode ser glosada como "humano cujas acções se destacam". Desta forma, o nome *homem* terá uma representação semelhante ao nome *amigo* no que respeita ao preenchimento do papel Formal com dois valores: x , $comportamento_racional(e,x)$.

No entanto, esta proposta coloca algumas questões.

A primeira é a de saber qual a motivação para que o evento $comportamento_racional$ se encontre como valor no papel Formal.

No caso dos nomes relacionais, esta motivação parte da analogia com o caso dos verbos em que as relações entre os seus argumentos (eventos) é definida pelo valor do papel Formal, i.e., os nomes relacionais definem as relações entre os seus argumentos através do valor do papel Formal. No caso do nome *homem*, esta abordagem não parece coerente, uma vez que o nome em questão não relaciona conjuntos de indivíduos, nem tão pouco tem na sua estrutura argumental mais do que um argumento.

A segunda questão prende-se com o facto de ser sustentável considerar que o evento denotado pelo nome *homem* poderia figurar como valor do papel Télico, à semelhança do que ocorre com os nomes agentivos como *violinista*, nomes de nível individual.

A definição deste tipo de nomes determina que estes se caracterizam por denotarem uma actividade que define de uma forma permanente os indivíduos denotados pelo nome. Assim sendo, um nome de nível individual denota um indivíduo que exerce uma actividade ou regista um estado mas não exige que essa actividade ou esse estado se verifique no momento da referência. No caso de *homem* esta definição é levada ao extremo, uma vez que, como característica distintiva da espécie, é impossível que o indivíduo não seja definido pelo seu $comportamento_racional$.

Por estas razões, a proposta de representação do nome *homem* é reformulada nos seguintes termos:

$$(210) \quad \text{homem} \quad \left[\begin{array}{l} \text{ESTR - ARG} = [\text{ARG}_1 = x : \text{humano}] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{FORMAL} = x \\ \text{TÉLICO} = \text{comportamento_racional}(e, x) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

Os traços que distinguem este indivíduo dos indivíduos da mesma classe ficam a cargo do tipo semântico do argumento nominal, $x:\text{humano}$.

Assim, o sintagma *grande homem*, terá a interpretação em (211).

$$(211) \quad Q_e[\text{comportamento_racional}(e, h) \dots \text{grande}(e, C)] \text{ sse } [\text{AP} < \text{NP}].$$

Desta forma, o adjectivo *grande* predica sobre o evento denotado pelo nome – *comportamento_racional(e,h)*.

6.2.4. CONCLUSÕES

Para concluir este capítulo sobre a análise dos adjectivos resta apenas definir os elementos semânticos dos adjectivos *velho*, *alto*, *mau*, *rico* e *grande*. Deste modo, pretende-se explicar que a mudança de significado que estes adjectivos permitem decorre não do significado dos adjectivos em si mas da Ligação Selectiva que estes adjectivos fazem operar para se ligarem a argumentos do tipo evento ou do tipo individual presentes na estrutura semântica dos nomes que modificam.

Pustejovsky (1995) não define exhaustivamente as propriedades semânticas dos adjectivos nem sequer por paráfrase ou determinação do tipo de significado que estes veiculam. Os adjectivos, bem como os outros predicados são apenas definidos de acordo com os argumentos que tomam. A representação de um sintagma nominal como *faca boa*, é exemplo disto:

$$(212) \quad \text{faca boa}$$

$$\left[\begin{array}{l} \text{ESTR - EVENT} = [E_1 = e_1 : \text{estado}] \\ \\ \text{ESTR_ARG} = \left[\text{ARG}_1 = \left[\begin{array}{l} \text{ESTR - ARG} = [\text{ARG}_1 = x : \text{instrumento}] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{FORMAL} = x \\ \text{TÉLICO} = \text{cortar}(e_2, x, y) \end{array} \right] \end{array} \right] \\ \\ \text{QUALIA} = [\text{FORMAL} = \text{bom}(e_1, e_2)] \end{array} \right]$$

Assim, o predicado *bom* é definido como o estado de *bom*. No entanto, interessa para o trabalho em curso demonstrar que o significado dos adjectivos, ainda que subespecificado, se mantém inalterado independentemente do argumento que o adjectivo toma. Para definir estes significados é necessário ter em conta, de facto, a interpretação dos adjectivos independentemente do contexto e como é que esse significado é completado quando em contexto. A análise dos exemplos em estudo pode permitir captar esse significado subespecificado.

(213) a. amigo velho \cong *indivíduo que existe há muito tempo e que mantém uma relação de amizade.*

b. velho amigo \cong *indivíduo que mantém uma relação de amizade que existe há muito tempo.*

c. velho \cong *que existe há muito tempo.*

(214) a. funcionário alto \cong *humano de estatura elevada que exerce uma função.*

b. alto funcionário \cong *humano que exerce uma função hierarquicamente elevada.*

c. alto \cong *que tem um grau elevado numa escala vertical.*

(215) a. cão de guarda mau \cong *cão de carácter malévolo que tem a função de guardar algo.*

b. mau cão de guarda \cong *cão que exerce mal a função de guardar algo.*

6. ANÁLISE DOS ADJECTIVOS *VELHO*, *ALTO*, *MAU*, *RICO* E *GRANDE*

c. mau \cong *que é apreciado negativamente.*

(216) a. pai rico \cong *indivíduo de muitas posses que exerce a paternidade.*

b. rico pai \cong *indivíduo que tem muitas qualidades a exercer a paternidade.*

c. rico \cong *que tem muito de algo.*

(217) homem grande \cong *indivíduo humano de dimensões avantajadas.*

b. grande homem \cong *indivíduo humano cujo comportamento se destaca positivamente.*

c. grande \cong *que tem um grau elevado numa escala de dimensão.*

Da mesma forma, esse significado "mais geral" é mantido quando os adjectivos modificam nomes que, de acordo com as suas propriedades semânticas, não permitem mudança de significado (cf. (218)).

(218) pedra velha / velha pedra \cong *que existe há muito tempo*

b. muro alto / alto muro \cong *que tem um grau elevado numa escala vertical*

c. casa má / má casa \cong *que é apreciada negativamente*

d. sopa rica / rica sopa \cong *que tem muitos ingredientes*

e. grande problema / problema grande \cong *que tem um grau elevado numa escala de dimensão.*

A partir da definição do significado base destes adjectivos, e tendo em conta as propriedades já discutidas no Capítulo 4, i.e., que são predicados de nível individual, bem como o facto de serem adjectivos relativos (cf. ponto 6.2.) e permitirem o foco de um evento presente na estrutura Qualia do nome modificado (cf. ponto 6.2.2.), propõem-se aqui as seguintes representações:

$$(219) \quad \text{velho} \quad \left[\begin{array}{l} \text{ESTR} - \text{EVENT} = \left[\begin{array}{l} E_1 = e_1 : \text{estado} \\ \text{NÚCLEO} = [(e_1 \vee \boxed{2})^*] \end{array} \right] \\ \text{ESTR} - \text{ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = \left[\begin{array}{l} \boxed{3} \\ \dots \\ \text{QUALIA} = [\dots \boxed{1} \dots \boxed{2} \dots] \end{array} \right] \end{array} \right] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{CONSTITUTIVO} = \text{relativo_a_uma_classe}(e_1, \boxed{3}) \\ \text{FORMAL} = \text{existir_há_muito_tempo}(e_1, (\boxed{1} \vee \boxed{2}), \boxed{3}) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

A disjunção presente no valor do papel Formal do adjectivo garante que não é possível a predicação sobre ambos os argumentos simultaneamente. A indexação do Núcleo eventivo a um valor interno à estrutura Qualia do nome modificado refere o possível argumento de tipo evento, contemplando a leitura adverbial.

$$(220) \quad \text{alto} \quad \left[\begin{array}{l} \text{ESTR} - \text{EVENT} = \left[\begin{array}{l} E_1 = e_1 : \text{estado} \\ \text{NÚCLEO} = [(e_1 \vee \boxed{2})^*] \end{array} \right] \\ \text{ESTR} - \text{ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = \left[\begin{array}{l} \boxed{3} \\ \dots \\ \text{QUALIA} = [\dots \boxed{1} \dots, \dots \boxed{2} \dots, \text{FORMAL} = \dots \boxed{4} \dots] \end{array} \right] \end{array} \right] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{CONSTITUTIVO} = \text{relativo_a_uma_classe}(e_1, \boxed{3}) \\ \text{FORMAL} = \text{ter_um_grau_positivo_numa_} \\ \text{escala_vertical}(e_1, (\boxed{1} \vee \boxed{2}), \boxed{4}, \boxed{3}) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

A representação do adjectivo *alto* segue o mesmo esquema da representação em (219), sendo apenas de realçar que a definição da escala a que a leitura do adjectivo recorre está presente no valor do papel Formal do nome modificado, [4],

visto poder ser referente à orientação, magnitude, forma, dimensão, posição, etc., do objecto sobre o qual se predica.

$$(221) \quad \text{mau} \quad \left[\begin{array}{l} \text{ESTR - EVENT} = \left[\begin{array}{l} E_1 = e_1 : \text{estado} \\ \text{NÚCLEO} = [(e_1 \vee [2])^*] \end{array} \right] \\ \\ \text{ESTR - ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = \left[\begin{array}{l} [3] \\ \dots \end{array} \right] \\ \text{QUALIA} = [\dots [1] \dots [2] \dots] \end{array} \right] \\ \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{CONSTITUTIVO} = \text{relativo_a_uma_classe}(e_1, [3]) \\ \text{FORMAL} = \text{ser_avalia_do_negativamente}(e_1, ([1] \vee [2]), [3]) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

De modo semelhante ao que sucede para o adjectivo *bom*, a subespecificação semântica do adjectivo *mau* permite dar conta das várias leituras, uma vez que o significado do adjectivo é completado pela semântica do nome modificado. Dependendo da posição adnominal, o argumento sobre o qual se predica é recuperado da estrutura Qualia nominal (na representação em (221), os argumentos correspondem a [1] ou [2]).

$$(222) \quad \text{rico} \quad \left[\begin{array}{l} \text{ESTR - EVENT} = \left[\begin{array}{l} E_1 = e_1 : \text{estado} \\ \text{NÚCLEO} = [(e_1 \vee [2])^*] \end{array} \right] \\ \\ \text{ESTR - ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = \left[\begin{array}{l} [3] \\ \dots \end{array} \right] \\ \text{QUALIA} = [\dots [1] \dots [2] \dots, \text{CONST} = [4]] \end{array} \right] \\ \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{CONSTITUTIVO} = \text{relativo_a_uma_classe}(e_1, [3]) \\ \text{FORMAL} = \text{ter_muito_de}(e_1, ([1] \vee [2]), [4], [3]) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

O adjectivo *rico* evidencia mais um nível de composicionalidade, nomeadamente no que respeita aos elementos que entram na relação *ter_muito_de*. Uma vez que se trata de partes ou elementos do objecto, será o valor do papel Constitutivo que fornecerá estes elementos, (*ter_muito_de*(e_1 , ([1] ∨ [2]), [4], [3]).

$$(223) \quad \text{grande} \quad \left[\begin{array}{l} \text{ESTR} - \text{EVENT} = \left[\begin{array}{l} E_1 = e_1 : \text{estado} \\ \text{NÚCLEO} = [(e_1 \vee [2])^*] \end{array} \right] \\ \text{ESTR} - \text{ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = \left[\begin{array}{l} [3] \\ \dots \\ \text{QUALIA} = [\dots [1] \dots [2] \dots, \text{FORMAL} = [4]] \end{array} \right] \end{array} \right] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{CONSTITUTIVO} = \text{relativo_a_uma_classe}(e_1, [3]) \\ \text{FORMAL} = \text{ser_avaliado_positivamente_numa_} \\ \text{escala_de_dimensão}(e_1, ([1] \vee [2]), [4], [3]) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

De acordo com o definido para o adjectivo *alto*, também a "dimensão" referida na estrutura semântica do adjectivo *grande* será seleccionada do conteúdo do valor do papel Formal do nome modificado.

Note-se que estas representações estão simplificadas no que respeita à determinação da classe de comparação, por questões de apresentação. No entanto, como foi referido, esta classe de comparação será determinada pelo tipo do argumento seleccionado (cf. ponto 6.2.).

Deste modo, estão representados os adjectivos em estudo bem como a computação do significado dos sintagmas nominais em que se inserem, tendo em conta as leituras possíveis de acordo com a posição do adjectivo relativamente ao nome.

No entanto, resta ainda o caso do adjectivo *pobre* que será analisado no Capítulo que se segue.

6. ANÁLISE DOS ADJECTIVOS *VELHO*, *ALTO*, *MAU*, *RICO* E *GRANDE*

7. O CASO DE *POBRE*

Neste capítulo far-se-á uma pequena introdução às questões que o adjectivo *pobre* coloca no tipo de contextos em estudo e serão dadas as razões que fundamentam o seu afastamento dos casos anteriores.

- (224) a. homem pobre \cong *indivíduo que tem poucas posses*.
 b. pobre homem \cong *indivíduo que inspira piedade*.

O caso do adjectivo *pobre* nos sintagmas apresentados em (224) parece, de facto, ser um caso à margem dos restantes tratados neste trabalho.

Por um lado, é possível uma analogia com o adjectivo *rico*, que mais não seja por ser o adjectivo *pobre* o antónimo de *rico*. Assim, *rico* tem o significado "que tem muito de algo", e *pobre* terá o significado "que tem pouco de algo". No entanto, a interpretação do sintagma nominal em (224)b não parece ser consistente com este significado base. Mesmo tendo em conta que o nome *homem*, como atrás foi referido, pode denotar um evento é difícil aceitar que, para este caso, a interpretação deriva de um evento associado ao conteúdo semântico do nome. Veja-se (225):

- (225) $Q_e[\text{comportamento_racional}(e, h) \dots \text{pobre}(e, C)] \text{ sse } [\text{AP} < \text{NP}]$.

A interpretação de (224)b não pode ser a representada em (225) uma vez que esta implica que existe uma agentividade expressa pelo indivíduo denotado pelo nome. Pelo contrário: o que é expresso é que existe um indivíduo tal que o estado desse indivíduo implica piedade, é miserável, sendo ou não o indivíduo o causador desse estado.

Assim, parece que o adjectivo *pobre* precisa, de facto, de duas entradas lexicais que dêem conta destes significados. O contraste entre os sintagmas nominais em (226) e (226)' parece indiciar o mesmo.

- (226) a. uma família rica \cong *que tem muitos bens materiais*
 b. uma rica família. \cong *que tem muitos membros*

- (226)' a. uma família pobre \cong *que tem poucos bens materiais*
 b. uma pobre família \cong *que inspira piedade*

Esta análise é conforme à de Casteleiro (1981) em que o autor conclui que se trata de dois adjectivos homónimos:

«Além disso, há adjectivos que mudam de significado, quando antepostos ao substantivo, assumindo neste caso sentido figurado ou conotação afectiva:

- (43) a. um simples guarda (= um mero guarda; (...));
 b. um guarda simples (=um guarda modesto);
 c. uma pobre família (= uma família infeliz);
 d. uma família pobre (=uma família sem recursos materiais).

Acresce ainda que certos adjectivos antepostos como *simples* e *pobre*, nos exemplos supracitados, não se podem inserir em estruturas relativas com o significado pré-nominal. Parece que teremos de admitir, por conseguinte, nestes casos, dois itens lexicais homónimos, um, que é inserido directamente na posição pré-nominal, e o outro, que é introduzido por meio de frase relativa.» (Casteleiro (1981:36-37))

Por outro lado, de acordo com o tratamento do nome *homem* feito no presente trabalho, é possível admitir que o nome *homem* denote também outro evento, para além do evento *comportamento_racional*.

Assumindo que a interpretação do sintagma *um pobre homem* é a de "um homem miserável" pode dizer-se que o nome *homem* denota um evento relativo ao estado do indivíduo. Esta análise, porém, tem consequências ao nível do tratamento da modificação adjectival em geral, uma vez que pressupõe um estado inerente a todos os indivíduos ou objectos. A hipótese é a de que não existe modificação de indivíduos ou objectos mas sempre modificação de estados e que adjectivos como *inteligente* ou *bonito* são avaliadores de estados.

São estas as questões que afastam o adjectivo *pobre* dos restantes adjectivos em estudo.

Para confirmar ou infirmar as hipóteses atrás referidas, é necessário um estudo mais aprofundado, o que escapa ao âmbito deste trabalho. No entanto, a questão é digna de atenção pelo que se deixa nota para análise em um posterior trabalho.

7. O CASO DE *POBRE*

8. CONCLUSÃO

Este capítulo é dedicado à análise crítica dos resultados obtidos neste trabalho e das consequências desses resultados na análise da semântica nominal e adjectival.

Pretende-se discutir e esclarecer alguns pontos mais controversos da análise, sistematizar as conclusões parciais do trabalho, e tentar definir qual o contributo que este trabalho pode constituir para a compreensão do funcionamento da Semântica das Línguas Naturais.

8.1. A MODELIZAÇÃO NO LG

Cabe, nesta parte final do trabalho, abordar algumas questões que se prendem com a representação semântica dos adjectivos no modelo do LG. Nomeadamente, é necessário frisar que foram tomadas opções, de acordo com as regras e princípios fornecidos por este modelo, que não são analisadas na obra de Pustejovsky (1995).

A primeira questão coloca-se ao nível da decisão de considerar que é possível representar a estrutura de foco que permite a mudança de significado nos sintagmas nominais modificados do tipo considerado como se de uma alternância verbal se tratasse. É proposto que um predicado atómico pode assumir, na sua estrutura eventiva, um Núcleo eventivo externo através de um mecanismo de Co-composição. No entanto, verbos como *bake* em inglês podem ser co-especificados pelo conteúdo semântico do complemento que tomam, resultando num evento do tipo **mudança de**

estado ou num evento do tipo **criação**. Desta forma, a estrutura eventiva do verbo é radicalmente alterada de acordo com o conteúdo semântico do complemento:

(227) bake

$$\left[\begin{array}{l} \text{ESTR-EVENT} = \left[\begin{array}{l} E_1 = e_1 : \text{process} \\ \text{NÚCLEO} = [e_1^*] \end{array} \right] \\ \text{ESTR-ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = [1] \left[\begin{array}{l} \text{indivíduo} \\ \text{FORMAL} = \text{entidade_animada} \end{array} \right] \\ \text{ARG}_2 = [2] \left[\begin{array}{l} \text{matéria} \\ \text{FORMAL} = \text{objecto_físico} \end{array} \right] \end{array} \right] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{mudança_de_estado_lp} \\ \text{AGENTIVO} = \text{bake}(e_1, [1], [2]) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

(exemplo adaptado de Pustejovsky (1995:123))

(228) bake the cake

$$\left[\begin{array}{l} \text{ESTR-EVENT} = \left[\begin{array}{l} E_1-D = e_1 : \text{estado} \\ E_2 = e_2 : \text{processo} \\ E_3 = e_3 : \text{estado} \\ \text{RESTR} = < \alpha \\ \text{NÚCLEO} = [e_2^*] \end{array} \right] \\ \text{ESTR-ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = [1] \left[\begin{array}{l} \text{indivíduo} \\ \text{FORMAL} = \text{entidade_animada} \end{array} \right] \\ \text{ARG}_2 = [2] \left[\begin{array}{l} \text{artefacto} \\ \text{CONSTITUTIVO} = [3] \\ \text{FORMAL} = \text{objecto_físico} \end{array} \right] \\ \text{ARG}_1-D = [3] \left[\begin{array}{l} \text{matéria} \\ \text{FORMAL} = \text{massivo} \end{array} \right] \end{array} \right] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{criação_lp} \\ \text{FORMAL} = \text{existir}(e_1, \neg [2]), \text{existir}(e_3, [2]) \\ \text{AGENTIVO} = \text{bake}(e_1, [1], [3]) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

(exemplo adaptado de Pustejovsky (1995:125))

As representações em (227) e (228) demonstram o que foi dito. A subespecificação que *bake* denota pode ser "complexificada" para um evento do tipo **criação**, uma vez que o conteúdo semântico do nome *cake*, como artefacto, implica que este objecto não exista antes de ser criado, e logo, há um evento do tipo **criação** associado à estrutura Qualia deste nome. O predicado denotado pelo verbo *bake*, por seu lado, sendo um processo subespecificado no que respeita à sua estrutura eventiva, unifica com o conteúdo semântico do evento do tipo **criação** denotado pelo complemento.

A proposta de representação dos adjectivos *velho*, *alto*, *mau*, *rico* e *grande* segue as mesmas linhas gerais mas sem que haja, ao nível da estrutura eventiva do predicado, outras alterações a não ser a possibilidade de o evento perder a sua nuclearidade. A estrutura eventiva destes adjectivos é a de um predicado atómico do tipo **estado** que, em construções sem foco, será o núcleo da predicação. No entanto, quando em estruturas de foco, o evento focado, tomado da estrutura Qualia do nome modificado, assume o valor de Núcleo.

Note-se que as construções de foco não surgem na entrada lexical de um item lexical isolado. Desta forma, não é apenas o predicado do adjectivo que está em causa mas a predicação que ocorre dentro de um sintagma nominal quando modificado por estes adjectivos. No entanto, esta constatação pode levar à reformulação da representação deste tipo de adjectivos proposta no ponto 6.2.2., de tal forma que se considere que a entrada lexical de um adjectivo deste tipo deverá ter na sua estrutura eventiva o traço Núcleo, mas cujo valor não pode estar especificado (cf. (229))

$$(229) \quad \text{adjectivo}_\alpha \left[\begin{array}{l} \text{ESTR} - \text{EVENT} = \left[\begin{array}{l} E_1 = e_1 : \text{estado} \\ \text{NÚCLEO} = [\gamma^*] \end{array} \right] \\ \\ \text{ESTR} - \text{ARG} = [\text{ARG}_1 = [\dots x : \beta \dots]] \\ \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{CONSTITUTIVO} = \text{relativo_a_uma_classe}(e_1, \beta) \\ \text{FORMAL} = \text{adjectivo}_\alpha(e_1, x) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

γ = variável de tipo **evento** associada à estrutura Qualia de ARG₁.

A segunda questão prende-se com a escolha do papel Qualia que tem como valor o evento denotado pelos nomes que permitem esta modificação. Mais especificamente, há disparidades de critérios de representação no que respeita aos nomes denominados de relacionais por Pustejovsky (1995) e aos nomes de nível individual.

Como foi explicado no Capítulo 3, no LG, os nomes relacionais são nomes que denotam relações entre conjuntos de indivíduos. É por esta razão, e de acordo com o que ocorre com os verbos, que o autor remete o evento denotado por estes nomes para um valor do papel Formal. O argumento é o de que, à semelhança do que ocorre com os verbos que denotam eventos complexos, é ao nível do papel Formal que são definidas as relações entre os argumentos denotados pelo item lexical.

Esta definição, porém, não é coerente com a definição de nomes de nível individual na medida em que não são dadas razões para que os nomes relacionais não sejam tratados da mesma forma que os nomes de nível individual. Relembrando a definição de nomes de nível individual (cf. 3.2.5.), estes caracterizam-se por denotarem uma actividade que define de uma forma permanente um indivíduo, sem exigirem que essa actividade se verifique no momento da referência. Assim, à semelhança do que é possível verificar para o nome *funcionário*, através da frase em (230), o mesmo se pode verificar para nomes como *pai* ou *amigo* (cf. (231) e (232), respectivamente).

- (230) O funcionário está de férias. (logo, não está a exercer a sua função),
- (231) O pai não sabe que tem este filho. (logo, não está a exercer a paternidade).
- (232) Ele não fala com o amigo há anos. (logo, não está a manter a relação de amizade).

Por outro lado, dizer que a presença do evento no valor do papel Formal dos nomes relacionais está directamente ligada ao facto de este descrever a ligação entre os argumentos do nome, obrigaria a que todos os nomes que denotam mais do que um argumento – verdadeiro, por defeito, ou sombra – teriam de expressar a ligação entre eles no valor do papel Formal, o que resultaria muito estranho em casos como *guerra* ou *faca*:

$$(233) \quad \text{guerra} \quad \left[\begin{array}{l} \text{ESTR} - \text{EVENT} = \left[\begin{array}{l} E_1 = e_1 : \text{processo} \\ \text{NÚCLEO} = [e_1 *] \end{array} \right] \\ \text{ESTR} - \text{ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 - D = x : \text{indivíduo} \\ \text{ARG}_2 - D = y : \text{indivíduo} \end{array} \right] \\ \text{QUALIA} = [\text{AGENTIVO} = \text{acto_de_guerrear}(e_1, x \oplus y)] \end{array} \right]$$

(exemplo adaptado de Pustejovsky (1995:162))

$$(234) \quad \text{faca} \quad \left[\begin{array}{l} \text{ESTR} - \text{ARG} = [\text{ARG}_1 = x : \text{instrumento_artefacto}] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{FORMAL} = x \\ \text{TÉLICO} = (e, x, y) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

(exemplo adaptado de Pustejovsky (1995:148))

De acordo com esta análise, é aqui proposta a reformulação do conceito de nomes relacionais como um subconjunto dos nomes de nível individual que denotam

relações entre conjuntos de indivíduos. Para além das razões atrás apresentadas, relembrem-se as definições dos papéis Qualia Formal e Téliico, segundo Pustejovsky (1995:87):

«2. FORMAL: That which distinguishes the object within a larger domain.

i. Orientation

ii. Magnitude

iii. Shape

iv. Dimensionality

v. Color

vi. Position

3. TELIC: Purpose and function of the object.

i. Purpose that an agent has in performing an act.

ii. Built-in function or aim which specifies certain activities.»

Não parece coerente que o evento denotado pelos nomes relacionais seja a propriedade que os distingue dentro de um conjunto maior, sobretudo tendo em conta os seis campos que o autor considera (2i-vi). Por fim, o próprio autor define que há duas estruturas possíveis como valores do papel Formal:

«a. *Simple Typing*: Value of FORMAL role is identical to sortal typing of the argument;

b. *Complex (Dotted) Typing*: Value of FORMAL role defines the relation between the arguments of different types.»

(Pustejovsky (1995:95)).

Sendo os nomes relacionais nomes de tipo simples, o valor do seu papel Formal será, de acordo com o autor, igual ao tipo do argumento. Desta forma, os nomes *amigo* e *pai* serão considerados nomes de nível individual relacionais, e as suas representações serão as propostas em (235) e (236), respectivamente.

$$(235) \quad \text{amigo} \quad \left[\begin{array}{l} \text{ESTR} - \text{ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = x : \text{humano} \\ \text{ARG}_1 - \text{D} = y : \text{humano} \end{array} \right] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{FORMAL} = x \\ \text{TÉLICO} = \text{relação_de_amizade}(e_1, x, y) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

$$(236) \quad \text{pai} \quad \left[\begin{array}{l} \text{ESTR} - \text{ARG} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = x : \text{humano} \\ \text{ARG}_1 - \text{D} = y : \text{humano} \end{array} \right] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{FORMAL} = x \\ \text{TÉLICO} = \text{relação_de_paternidade}(e_1, x, y) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

A argumentação para os casos dos nomes relacionais em estudo, *pai* e *amigo*, foi a utilizada na determinação da nova proposta de tipificação do nome *homem* como denotador de um evento (cf. ponto 6.2.3.).

8.2. GENERALIZAÇÕES E CLASSES

De acordo com o trabalho realizado, é possível, nesta fase, perceber se a análise efectuada poderá contribuir de algum modo para uma classificação dos nomes e adjectivos tendo em conta o fenómeno estudado. Desta forma, é necessário estabelecer se esta análise tornou possíveis algumas generalizações e qual a relevância dessas generalizações na definição de classes.

Recordando e resumindo as conclusões a que se foi chegando no decurso deste trabalho, caracterizam-se os itens lexicais que permitem este fenómeno de mudança de significado, como abaixo se explicita:

OS ADJECTIVOS:

- (i) São adjectivos qualificativos relativos, classificados como adjectivos de idade, dimensão e avaliativos.
- (ii) Têm a propriedade de poderem modificar indivíduos ou eventos.
- (iii) São predicados de nível individual que denotam estados.

OS NOMES:

- (i) São nomes contáveis, enumeráveis, individuais e de objecto.
- (ii) São tipos unificados, não complexos, de nível individual.
- (iii) Denotam na sua estrutura Qualia um evento.

Da combinação deste tipo de nomes com este tipo de adjectivos é possível prever que:

- (i) A posição pós-nominal determina preferencialmente a selecção do argumento do tipo **indivíduo** enquanto que a posição de foco, pré-nominal, determina preferencialmente a selecção do argumento do tipo **evento**, presente na estrutura Qualia do nome.
- (ii) Na posição pós-nominal, o argumento modificado encontra-se preferencialmente no valor do papel Formal. Na posição pré-nominal, é no valor do papel Télico que se encontra preferencialmente o argumento modificado.
- (iii) A classe de comparação relativamente à qual o adjectivo é interpretado, como adjectivo relativo, é a classe determinada pelo tipo de argumento seleccionado (podendo ser um tipo de indivíduos, ou de eventos).

Assim sendo, é possível determinar uma classe de adjectivos, que à semelhança do proposto por Larson (1999) no que respeita às classes de Siegel, podem modificar indivíduos ou eventos. Por outro lado, é também possível conceber

uma classe de adjectivos modificadores que, em posição pós-nominal, são modificadores do papel Formal do nome, e que, em posição pré-nominal, são modificadores do papel Télico do nome.

Em relação aos nomes, apenas se poderá dizer que os nomes de nível individual, pelas suas características, nomeadamente pelo facto de denotarem pares de indivíduos–eventos, são uma classe que potencia este fenómeno. No entanto, esta classe não engloba exhaustivamente todos os nomes que permitem este fenómeno, pois nomes complexos como *livro*, podem também permitir a mudança de significado do sintagma, uma vez que preenchem os requisitos necessários, i.e., denotam pares indivíduos–eventos (cf. (237)).

(237) a. Ele tem um livro novo \cong *ele tem um livro recém comprado, que não é velho.*

b. Ele tem um novo livro \cong *ele tem um livro recém escrito.*

A análise efectuada neste trabalho não permite uma classificação completa e exhaustiva dos nomes que permitem este fenómeno como foi previsto no âmbito dos objectivos definidos. No entanto, foram levantadas questões a ter em consideração em futuros trabalhos.

Espera-se, para além disso, que este trabalho seja um contributo para uma compreensão mais aprofundada da semântica adjectival e nominal e dos mecanismos que permitem a composição do significado dos itens lexicais em contexto.

8. CONCLUSÃO

9. REFERÊNCIAS

ARANOVICH, Raúl e Jeffrey T. Runner (2001), "Diathesis Alternations and Rule Interaction in the Lexicon", in Megerdooimian e L.A. Bar-el (eds.), *WCCFL 20 Proceedings*, MA: Cascadilla Press, Somerville.

AVELAR, Juanito Ornelas (2000), *A Colocação do Adjectivo no Século XIX: Variação e Mudança no Português do Brasil*, IX Encontro Anual de Iniciação Científica, Universidade Estadual de Londrina.

BOSQUE, Ignacio (1999), *El Nombre Común*, in Bosque, Ignacio e Violeta Demonte (orgs.), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Real Academia Española - Espasa, Madrid.

BOUILLON, Pierrette (1997), *Polymorphie et sémantique lexicale: le cas des adjectifs*, Dissertação de Doutorado, Université de Paris VII, Paris.

BOUILLON, Pierrette e F. Busa (1998) "Where's the polysemy? A study of adjective-noun constructions", in *WLSS98 Proceedings*.

BUITELAAR, P. (1998), *CoreLex: Systematic polysemy and Underspecification*, PhD., Brandeis University.

CASTELEIRO, João Malaca (1981), *Sintaxe transformacional do adjectivo - regência das construções completivas*, Instituto de Investigação Científica, Lisboa.

CHIERCHIA, G. (1995), "Individual-level Predicates as Inherent Generics", in G. Carlson e J. Pelletier (eds.), *The Generic Book*, University of Chicago Press, Chicago.

- CHOMSKY, Noam (1981), *Lectures on Government and Binding*, Foris, Dordrecht.
- CRUSE, D. (2000), "Aspects of the Micro-Structures of Word Meanings", in Y. Ravin & C. Leacock (eds.), *Polysemy. Theoretical and Computational Approaches*, Oxford: OUP.
- CUNHA, Celso e Lindley Cintra (1984), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*.
- DAVIDSON, D. (1967), *The Logical Form of Action Sentences*, in N. Rescher (ed.), *The Logic of Decision and Action*. University of Pittsburgh Press, Pittsburgh.
- DEMONTÉ, Violeta (1999), *El Adjetivo: Clases y Usos. La Posición del Adjetivo en el Sintagma Nominal.*, in Bosque, Ignacio e Violeta Demonté (orgs.), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Real Academia Española - Espasa, Madrid.
- DEMONTÉ, Violeta (2001), *Merge of Adjectives in DP: A Feature Based Analysis*, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.
- DIXON, R. M. W. (1982), *The Semantic Basis of Syntactic Properties*, BLS 10.
- FERNÁNDEZ, Ana *et alii* (1999), *On the concept of diathesis alternations as semantic oppositions*, <http://www.cis.upenn.edu/siglex99>.
- FONG, Sandiway, Christiane Fellbaum e David Lebeaux (2000), *Semantic Templates and Transitivity Alternations in the Lexicon*, Conférence TALN 2000, Lausanne, <http://www.neci.nec.com/homepages/sandiway/pappi/necilex/taln-crc.pdf>.
- LARSON, R. K. (1999), *Semantics of Adjectival Modification*. Lectures presented at the Dutch National Graduate School (LOT), Amsterdam.
- MARRAFA, Palmira (1993), *Predicação Secundária e Predicados Complexos em Português. Análise e Modelização*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

MIRA MATEUS, M. H. et alii (1989) *Gramática da língua portuguesa*. 2ª ed. Lisboa, Editorial Caminho.

PIÑON, Christopher (2001), *A Finer Look at Causative-Inchoative Alternation*, <http://www.phil-fak.uni-duesseldorf.de/~pinon/papers/flcia.html>.

PINTO, Cláudia (2001), *Para a Computação da Polissemia Nominal em Português*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

PUSTEJOVSKY, James (1995), *The Generative Lexicon*, The MIT Press, Cambridge, Massachusetts and London, England.

RAPOSO, Eduardo Paiva (1992), *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*, Editorial Caminho, Lisboa.

SAINT-DIZIER, Patrick (1998), *A Generative Lexicon Perspective for Adjectival Modification*, ACL-COLING' 98.

SIEGEL, E. (1976a), *Capturing the Adjective*. Ph.D. Dissertation, University of Amsterdam.

SIEGEL, E. (1976b), *Capturing the Russian Adjective*, in Parte, B. (ed.), *Montague Grammar*. Academic Press, New York.